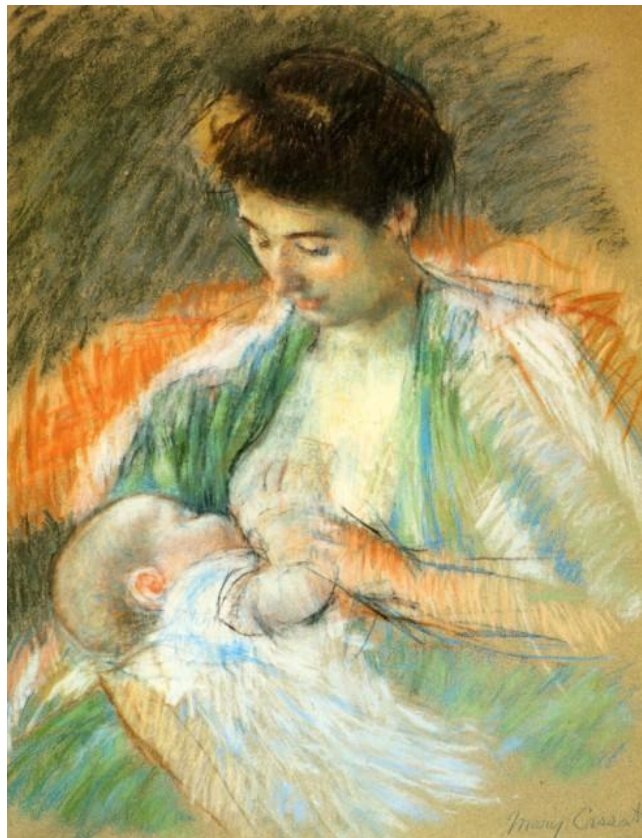


Universidade de São Paulo  
Instituto de Psicologia

Cynthia Cavalcanti Moura de Melo Faria

# Wilhelm Reich e a formação das Crianças do Futuro



São Paulo

2012

Cynthia Cavalcanti Moura de Melo Faria

# Wilhelm Reich e a formação das Crianças do Futuro

(Versão Original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração:  
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini.

São Paulo

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Faria, Cynthia Cavalcanti Moura de Melo.

Wilhelm Reich e a formação das crianças do futuro/ Cynthia Cavalcanti Moura de Melo Faria; orientador Paulo Albertini. -- São Paulo, 2012.

155 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Crianças do Futuro 3. Centro Orgonômico de Pesquisas da Infância - OIRC 4. Educação 5. Prevenção I. Título.

RC506

Nome: Faria, Cynthia Cavalcanti Moura de Melo

Título: Wilhelm Reich e a formação das Crianças do Futuro

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São  
Paulo para a obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

**Prof. Dr.** \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Prof. Dr.** \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Prof. Dr.** \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

À memória de Wilhelm Reich

## MEUS AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Paulo Albertini, por me guiar de forma sempre cuidadosa, sensata e dedicada. Também pelo tanto que ampliou meus conhecimentos.

A Sara Matthiesen e a Simone Ramalho, pelas valiosas contribuições dadas no Exame de Qualificação.

Aos professores das disciplinas que cursei na USP, por instigarem minhas reflexões.

Aos funcionários da Biblioteca da USP, pela dedicação e disponibilidade.

Aos professores da Especialização em Clínica Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, por terem colaborado na minha caminhada reichiana.

Às colegas da Especialização em Clínica Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, pelas discussões tão enriquecedoras.

Aos professores e colegas da SOBAB, por tudo o que me agregaram.

Aos meus pacientes que, cada um com sua particularidade, têm contribuído muito para meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus pais, pelo diálogo sempre aberto e verdadeiro, pelo apoio e, principalmente, pela certeza constante do amor que têm por mim.

A Marcelo, meu marido, que me acompanhou de perto nesse percurso, pelo companheirismo, incentivo e paciência.

A Daniel, meu irmão, que, mesmo estando longe, é tão importante em minha vida.

A Margot, que ilumina meus dias e torna minha vida mais feliz.

Aos meus familiares, por terem compreendido minhas ausências.

Às minhas amigas, pela cumplicidade, pelas conversas e pelo apoio de sempre.

## RESUMO

Faria, C. C. M. M. (2012). *Wilhelm Reich e a formação das Crianças do Futuro*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa focaliza o projeto Crianças do Futuro, atividade voltada para a promoção da saúde da criança realizada por Wilhelm Reich nos Estados Unidos da América. Na literatura da área, constatamos que tal projeto tende a ser mencionado apenas em linhas gerais, com informes que pouco contribuem para uma visão mais aprofundada do trabalho efetivamente desenvolvido. Tendo por base essa apreciação, esta investigação objetivou descrever e problematizar o projeto Crianças do Futuro. Como ponto de partida, pesquisamos os estudos publicados sobre o assunto. O segundo passo consistiu em selecionar escritos de Reich que estão, a nosso ver, em consonância com o referido projeto. Feito isso, analisamos cada texto de Reich, do mais antigo para o mais recente, com o intuito de acompanhar o desenvolvimento do pensamento do autor sobre o assunto. Os resultados alcançados indicaram que o desenvolvimento do projeto ocorreu da seguinte forma: a) entre 1939 e 1949, Reich planejou que medidas deveriam ser tomadas para alcançar o objetivo de contribuir para a formação de crianças mais saudáveis; b) em 1949, foi fundado o Centro Orgonômico de Pesquisas da Infância (OIRC), entidade destinada a colocar em prática as ideias voltadas para as Crianças do Futuro. Antes do início das ações em 1949, Reich já havia esboçado quais caminhos deveriam ser seguidos pelo OIRC. Ele descreveu quatro pontos de atuação. O primeiro consistia em cuidar das gestantes com a finalidade de conhecer as influências da vida intrauterina para a saúde do bebê. O segundo visava o estudo das experiências do bebê com o intuito de remover obstáculos em seu desenvolvimento, o que aconteceria desde o nascimento até os primeiros dias de vida. O terceiro implicava em prevenir o encorajamento durante os cinco ou seis primeiros anos de vida. O último ponto seria o registro do desenvolvimento dessas crianças até a puberdade. Em nossa pesquisa constatamos que o que havia sido esboçado não se desenvolveu por completo, pois só foram realizadas as duas primeiras dessas

quatro atividades. Da análise efetuada, destacamos os problemas verificados nos procedimentos adotados no Crianças do Futuro e a reflexão que Reich vai formulando a partir dos impasses verificados. Uma das conclusões centrais do autor é a de que na área da saúde não se pode pensar em termos absolutos.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897-1957. Crianças do Futuro. OIRC, Centro Orgonômico de Pesquisas da Infância. Educação. Prevenção.



## ABSTRACT

Faria, C. C. M. M. (2012). *Wilhelm Reich e a formação das Crianças do Futuro*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This research focuses on the Children of the Future project, activity centered on the promotion of child's health, conducted by Wilhelm Reich in the United States. In the related literature, such project tends to be mentioned only in general terms, with reports that little contribute to further comprehension of the work effectively developed. Based on the aforementioned context, this research aimed to describe and discuss the Children of the Future project. As a starting point, we assessed published studies on this subject. The second step was to select the Reich's writings that are, in our point of view, consistent with that project. That being done, we analyzed each Reich's text, from oldest to latest, in order to understand the development of the author's thought process on this subject. The achieved results suggested the development of the project was as follows: a) between 1939 and 1949, Reich planned what actions should be taken to achieve the objective of contributing to the formation of healthier children, b) in 1949, the Orgonomic Infant Research Center (OIRC) was founded, an organization designed to put forth the ideas focused on the Children of the Future. Before the first initiatives in 1949, Reich had already sketched paths that should be followed by OIRC. He described four action areas. The first was to take care of pregnant women to understand the influence of intrauterine life to the baby's health. The second was to research the baby's experiences in order to remove obstacles to their development, what happens from birth to the first days of life. The third implied in prevent armoring during the first five or six years of life. The last point would be the development record of these children until puberty. In our research we found that what had been sketched was not developed completely, as only the first two action areas were accomplished out of the four. From the analysis performed, we highlight the problems encountered in the procedures adopted in Children of the Future project and a reflection that Reich issues from the impasses verified. One of the

central conclusions of the author is that in health care we cannot think in absolute terms.

Keywords: Reich, Wilhelm, 1897-1957. Children of the Future. OIRC, Organomic Infant Research Center. Education. Prevention.

## SUMÁRIO

|                                                                                                             |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                  | <b>11</b>  |
| <b>2. UM PASSEIO PELA TRAJETÓRIA DE WILHELM REICH .....</b>                                                 | <b>20</b>  |
| 2.1 História inicial (1897-1918) .....                                                                      | 20         |
| 2.2 Graduação, psicanálise e política partidária (1918-1934) .....                                          | 26         |
| 2.3 Caminho autônomo (1934-1957) .....                                                                      | 38         |
| <b>3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO .....</b>                                                   | <b>44</b>  |
| 3.1 Maus tratos aos bebês .....                                                                             | 44         |
| 3.2 Angústia de cair em um bebê de três semanas .....                                                       | 49         |
| 3.3 Crianças do futuro .....                                                                                | 67         |
| 3.4 Problemas de crianças saudáveis durante a primeira puberdade<br>(entre três e seis anos de idade) ..... | 80         |
| 3.5 Primeiros socorros orgonômicos para crianças .....                                                      | 100        |
| 3.6 Encontrando a peste emocional .....                                                                     | 106        |
| 3.7 Encourajamento em uma criança recém-nascida .....                                                       | 118        |
| 3.8 A origem do “não” humano .....                                                                          | 137        |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                        | <b>140</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                    | <b>151</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Autor de obra vasta, cerca de trinta livros e mais de cem artigos, Wilhelm Reich fornece instrumentos para o aprofundamento em pesquisas de diversas áreas. Suas contribuições não se restringem a uma única abordagem, na verdade, sua teoria permeia inúmeros campos, dentre os quais podemos citar o psicológico, o biológico, o sócio-político, o fisiológico, o físico e também o educacional. Cada escrito do autor permite reflexões variadas e entendimentos a partir de muitos ângulos.

Em meio a tantas possibilidades, nesta pesquisa temos como foco a área educacional, mais especificamente o projeto Crianças do Futuro. Pensamos que, para compreendermos o que foi tal atividade, é de fundamental importância que levemos em conta as ideias reichianas concernentes à educação, já que o mesmo está completamente permeado por tais concepções.

Além da conexão entre o pensamento psiquiátrico e o pensamento social reichiano, existia uma forte ligação entre seu trabalho psiquiátrico e seu trabalho educacional. [...] Enquanto seu trabalho psiquiátrico enfocava nos problemas genitais, seu interesse educacional era voltado a problemas da infância. [...] na educação, sua atenção passou a fixar-se no como o fluxo dos sentimentos começou a ser bloqueado pela primeira vez e na forma que esse bloqueio poderia ser prevenido (Sharaf, 1983, p. 325).

Quanto ao âmbito educacional, é visível o aumento do número de estudiosos que se aprofundam na obra reichiana levando em consideração tal aspecto. Dentre tais pesquisadores, podemos citar Albertini (1994), Matthiesen (2005) e Sampaio (2007). Todos eles entendem a educação em seu sentido mais amplo, não limitando a mesma a instituições escolares.

Albertini (1994) ressalta que se trata de “um conjunto maior, de um combate cultural mais amplo, e não se restringe, portanto, ao âmbito educacional ligado estritamente à vivência escolar” (p. 70). Matthiesen (2005) explica que mesmo sem Reich ter o intuito de postular uma teoria educacional propriamente dita, “no conflito entre o indivíduo e a cultura, na formação do

caráter da criança, a educação – portanto a ação dos pais e educadores – é essencial para o equilíbrio emocional e energético do indivíduo” (p. 22). Sampaio (2007) também direciona seu pensamento nesse sentido, ao afirmar que Reich “parte de uma abordagem que compreende não só a educação formal, como a educação assistemática e informal” (p. XX).

Em consonância com tais comentadores, quando fazemos uso do termo educação, não estamos nos restringindo à escolar ou formal. Na verdade, englobamos todas as influências que fazem parte da criação e do desenvolvimento humano. Atualmente, podemos pensar na mídia como um elemento que a todo tempo atravessa a educação. Educadores não são apenas os professores, também fazem parte dessa equipe os pais, médicos, todo e qualquer cuidador. É nesse sentido que o aspecto educacional se faz presente na obra do autor em estudo.

A forma como o vocábulo cuidador será empregado nesta pesquisa também merece ser esclarecido. Apesar de atualmente observamos uma tendência a usar essa palavra para fazer referência a pessoas que cuidam de idosos, em nossa dissertação, o termo será utilizado para indicar aqueles que são responsáveis pelas crianças, que acompanham as mesmas e ajudam a criá-las. Dessa forma, fazem parte dos cuidadores os pais, professores, médicos, familiares, dentre outros. No Exame de Qualificação fizemos uma discussão no intuito de escolher que termo melhor se enquadraria para definir o adulto envolvido na educação infantil, acabamos optando pelo uso da palavra cuidador, por acreditarmos que a mesma é a que melhor expressa o significado desejado.

Reich não foi o primeiro a empregar o termo educação em sentido amplo. Freud também faz parte desse contexto. A esse respeito, em nota introdutória à tradução do texto reichiano *A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil* (1927/2008), os tradutores comentam:

Cabe observar que antes de Reich, Freud já empregava o termo educação com o sentido de criação, algo que não apontava apenas para o campo da educação formal, escolar, mas, sobretudo, incluía as práticas formativas presentes na esfera da instituição familiar (Ávila & Albertini, 2008, p. 103).

Em meio a esse contexto, ao nos aproximarmos do campo de estudos voltado para o pensamento de Wilhelm Reich, muitas vezes ouvimos falar em “Crianças do Futuro”. Logo se associa ao livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* –, há quem cite um projeto reichiano com esse nome, ou um artigo com esse título, percebemos também referências às crianças de gerações futuras, alguns ainda falam em OIRC (Orgonomic Infant Research Center, em português, Centro Orgonômico de Pesquisas da Infância).

É visível que as pessoas inseridas em meios de estudos e práticas reichianas já ouviram falar em “Crianças do Futuro”, como também fazem referência ao termo, geralmente de forma positiva. No entanto, notamos que pouco é o conhecimento a respeito do mesmo.

Quando se está realizando uma pesquisa, é comum o questionamento sobre qual tema está sendo estudado. No nosso caso não tem sido diferente. A resposta breve já está pronta: “o projeto reichiano Crianças do Futuro”. No entanto, mesmo no meio reichiano, percebemos muitas dúvidas ou ideias errôneas a respeito do assunto. O comentário mais freqüente que ouvimos foi: “Ah! O livro *Crianças do futuro!*”.

Em suma, no campo reichiano, a expressão “Crianças do Futuro” está vinculada a um livro, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* –; a um artigo, *Children of the future* (1950/1984c) – *Crianças do futuro* –, que após a morte de Reich passou a fazer parte do livro mencionado; a um projeto, cujo nome é Crianças do Futuro e ao OIRC (Orgonomic Infant Research Center). Vamos esclarecer cada um.

O livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* – foi publicado inicialmente em 1984, quase trinta anos após a morte de Reich. A obra é uma coletânea de onze textos e a letra de uma música, redigidos em diferentes momentos da vida do autor. Alguns escritos já haviam sido publicados antes de 1984, outros não. Lamentavelmente, apesar dos esforços feitos por diversos pesquisadores e inclusive por nós, não se conhece com exatidão a data em que cada trabalho foi originalmente publicado. Não se trata

de uma limitação nossa, mas de uma dificuldade do objeto em estudo. Para ilustrar como os artigos foram elaborados em momentos distintos do percurso reichiano, podemos citar como exemplo os textos *Concerning childhood masturbation* (1928/1984a) – *Sobre a masturbação infantil* –, que teve sua primeira publicação em 1928, e *The source of the human “no”* (1967/1984e) – *A origem do “não” humano* –, que trata-se de parte de uma entrevista dada por Reich em 1952 e só foi publicado em 1967. Vinte e quatro anos separam esses dois textos e ambos fazem parte do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*.

O artigo *Children of the future* (1950/1984c) – *Crianças do futuro* –, que também faz parte da confusão que gira em torno da expressão “Crianças do Futuro”, foi publicado originalmente em 1950 no *Orgone Energy Bulletin* (*Boletim de Energia Orgone*). No ano de 1984, tornou-se um capítulo do já citado *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*.

Nesse meio também existe a atividade Crianças do Futuro, que fora planejada por Reich entre 1939 e 1949, quando já morava nos Estados Unidos. A meta dessa proposta era o estudo da criança para que, em última instância, se criassem gerações futuras, digamos, mais saudáveis.

Por fim, ainda dentro do “mix” Crianças do Futuro, está o Orgonomic Infant Research Center, OIRC. Tratava-se de um centro cuja finalidade era colocar em prática a iniciativa Crianças do Futuro. O OIRC foi criado em 1949 e, ao que nos parece, poucos anos depois decaiu.

Esta dissertação tem como foco o projeto Crianças do Futuro, não o livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*. Naturalmente, muitos de seus artigos são importantes para esta pesquisa, mas não todos. Como essa empreitada se desenvolveu no OIRC, também temos interesse no que aconteceu em tal centro de pesquisa.

Inserida na área da educação, o objetivo da nossa pesquisa é o de aprofundar o entendimento da atividade Crianças do Futuro. Pretendemos não apenas descrevê-la, mas, também, discuti-la.

Como ponto inicial de nossa investigação, com a finalidade de nos familiarizarmos melhor com o tema e saber que contribuições já haviam sido feitas ao mesmo, realizamos uma busca em livros de comentadores reichianos que abordam o assunto. Os autores escolhidos foram: Albertini (1994), (2012), Boadella (1973/1985), Câmara (2009), Daudon (1975/1991), Matthiesen (2005), Reich & Zornànszky (1998), Sampaio (2007), Sharaf (1983) e Wagner (1996).

O levantamento bibliográfico feito nos livros mostrou pouco aprofundamento no tema em estudo. O projeto Crianças do Futuro, quando citado, é feito de forma breve. De modo geral, com exceção de Sharaf (1983), os comentadores se detêm a falar de conteúdos presentes no artigo já mencionado *Children of the future* (1950/1984c) – *Crianças do futuro*. Quanto às contribuições de Sharaf (1983), vamos expô-las no decorrer desta dissertação, na medida em que considerarmos pertinentes, encaixando-as no contexto do nosso escrito.

Após a pesquisa bibliográfica, continuamos nossa busca no meio digital. Realizamos o levantamento inserindo nos indexadores periódicos os termos: “Reich”, “crianças do futuro”, “children of the future”, “oirc” e “orgonomic infant research center”. Fizeram parte de nossa pesquisa os seguintes sites:

- 1) ISI Web of Knowledge ([apps.webofknowledge.com](http://apps.webofknowledge.com)): plataforma que combina diversos bancos de dados multidisciplinares.
- 2) JSTOR ([www.jstor.org](http://www.jstor.org)): organização sem fins lucrativos com missão de criar e manter um arquivo confiável de importantes periódicos acadêmicos e fornecer acesso a esses periódicos o mais amplamente possível.
- 3) SCOPUS ([www.scopus.com](http://www.scopus.com)): base de dados que indexa inúmeros títulos nas diversas áreas do conhecimento.
- 4) MUSE ([muse.jhu.edu](http://muse.jhu.edu)): base de dados que reúne expressiva seleção de periódicos especializados na área de Ciências Humanas.
- 5) Psicodoc ([psicodoc.idbaratz.com](http://psicodoc.idbaratz.com)): base de dados bibliográficos, com possibilidade de acesso ao texto completo de publicações especializadas em Psicologia e disciplinas afins.



- 6) PsycInfo ([psycnet.apa.org.w10002.dotlib.com.br](http://psycnet.apa.org.w10002.dotlib.com.br)): base de dados especializada na área da psicologia.
- 7) Biblioteca Virtual de Psicologia ([www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)): especializada em publicações da área da psicologia, permite buscas em bases de dados bibliográficos, filmes e sites.
- 8) SciELO ([www.scielo.org](http://www.scielo.org)): biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos. Também existe sua versão brasileira ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)).
- 9) Google Acadêmico ([www.scholar.google.com.br](http://www.scholar.google.com.br)): site de busca em textos livres, periódicos científicos, livros e citações na internet.

No meio digital, não encontramos nenhum texto que aprofundasse no referido projeto. Alguns deles citam brevemente o OIRC. O maior número de resultados é encontrado quando se busca por “Reich” associando a “crianças do futuro” ou a “children of the future”. No entanto, o que aparece não são textos sobre a iniciativa Crianças do Futuro, mas referências bibliográficas de trabalhos nos quais foram usados o livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*.

É exatamente nesse ponto que reside a importância desta investigação e a peculiaridade da mesma. Os estudiosos da obra reichiana até então, por não se tratar do foco de suas pesquisas, apenas passaram rapidamente pelo assunto Crianças do Futuro, não o esmiuçaram. E é essa a nossa proposta. Percebemos que nos estudos sobre o universo reichiano, os primeiros autores se ocuparam em fazer um mapa geral do assunto, acreditamos que como uma forma de aproximar-se do objeto como um todo e ter uma compreensão global do mesmo. Observamos que, atualmente, as pesquisas têm tomado um novo rumo, digamos que estamos dando um segundo passo, que é o de aprofundar cada item e buscar os detalhes. Vendo desse modo, esta pesquisa pode ser enquadrada como fazendo parte da segunda etapa dos estudos acerca do pensamento reichiano.

Por todos esses motivos, acreditamos que um aprofundamento na proposta Crianças do Futuro é de bastante relevância para o arcabouço reichiano. Para tanto, selecionamos textos do autor que estão, a nosso ver, em

consonância com o Crianças do Futuro. Os critérios usados para a escolha dos artigos foram que eles, em termos de conteúdo, se aproximassem das ideias fundamentais da atividade e que tivessem sido escritos na época que delimitamos para o desenvolvimento de nossa pesquisa, a partir de 1939.

Depois de selecionados, tentamos ordená-los de acordo com o ano em que foram escritos ou publicados pela primeira vez, ou seja, buscamos respeitar uma ordem cronológica. A ideia era acompanhar o decorrer do pensamento reichiano. No entanto, não podemos afirmar com certeza que a ordem estabelecida corresponde à realidade. Devido à falta de informações, não temos como precisar com exatidão tal sequência. Infelizmente, faz parte do universo reichiano a existência de muitas lacunas.

Além disso, levando em conta que Reich reescreveu muitos de seus textos, que diversas vezes revisou e ampliou os mesmos, chegando inclusive a realizar alterações teóricas importantes, não temos como afirmar que o material que usamos nesta pesquisa corresponde exatamente ao que foi redigido pelo autor em sua primeira edição. Podemos citar como exemplo o texto *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas* –, que foi publicado pela primeira vez em 1945 e logo em seguida, em 1948, foi inserido no livro *A biopatia do câncer* (1948/2009c). No texto que tivemos acesso, o autor fala sobre a biopatia do câncer. Não podemos precisar se tal assunto estava presente desde sua primeira edição, em 1945, ou se só em 1948 passou a fazer parte do escrito.

Assim, diante das dificuldades presentes na obra reichiana e de acordo com os dados que conseguimos levantar, escolhemos e ordenamos os artigos da seguinte forma:

- 1) *Maltreatment of infants* (1984g) – *Maus tratos aos bebês*;
- 2) *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas*;
- 3) *Children of the future* (1950/1984c) – *Crianças do Futuro*;
- 4) *Problems of healthy children during the first puberty (ages three to six)* (1984j) – *Problemas em crianças saudáveis durante a primeira puberdade (entre três e seis anos de idade)*;

- 5) *Orgonomic first aid for children* (1984i) – *Primeiros socorros orgonômicos para crianças*;
- 6) *Meeting the emotional plague* (1984h) – *Encontrando a praga emocional*;
- 7) *Armoring in a newborn infant* (1951/1984d) – *Encourajamento em uma criança recém-nascida*;
- 8) *The source of the human “no”* (1967/1984e) – *A origem do “não” humano*.

Todos os textos selecionados fazem parte do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*. Dentre eles, apenas dois foram traduzidos para o português e publicados: o *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas* –, cuja versão em português encontra-se como parte do capítulo *Anorgonia na biopatia carcinomatosa de encolhimento* (1945-2009b), presente no livro *A biopatia do câncer* (1948/2009c); e *The source of the human “no”* (1967/1984e) – *A origem do “não” humano* –, que se trata de uma parte da entrevista dada por Reich a um representante dos Arquivos Sigmund Freud, no ano 1952. O texto foi publicado pela primeira vez em 1967, no livro *Reich fala de Freud* (1967/1979). Os demais escritos foram lidos em inglês. Contamos com o auxílio da tradução não publicada feita pela Associação Wilhelm Reich do Brasil, gentilmente cedida pelo orientador deste estudo.

Esta pesquisa está estruturada em quatro partes: Introdução, Um passeio pela trajetória de Wilhelm Reich, A construção de uma proposta de prevenção e Considerações finais.

Na segunda parte, Um passeio pela trajetória de Wilhelm Reich, situaremos o leitor no percurso percorrido por Reich até chegar ao projeto Crianças do Futuro. A meta não é nos aprofundarmos em cada aspecto da vida e obra reichiana, até porque essa não é a proposta deste estudo, mas apresentar uma visão global da mesma.

Na terceira parte, A construção de uma proposta de prevenção, examinaremos os artigos selecionados e faremos uma exposição detalhada dos mesmos, trata-se de uma análise descritiva dos textos. Pensamos ser uma

contribuição importante, pois os escritos escolhidos contêm a fundamentação teórica do intento reichiano em foco. Ainda nesse capítulo, enquanto estivermos apresentando o conteúdo dos artigos, faremos algumas considerações e apreciações.

Na última parte do trabalho, as Considerações finais, iremos problematizar e discutir a iniciativa Crianças do Futuro, fazendo um apanhado geral do que foi visto nos oito escritos pesquisados.

## 2. UM PASSEIO PELA TRAJETÓRIA DE WILHELM REICH

Construímos este capítulo com o intento de situar o leitor quanto ao percurso reichiano. Não pretendemos nos aprofundar em sua trajetória como um todo, mas passar por ela de forma panorâmica, a fim de que possamos explicitar alguns elementos básicos dos caminhos transitados por Reich até chegar ao projeto Crianças do Futuro.

Este item foi subdividido em três partes: a) História inicial (1897-1918), que engloba a infância vivida com seus pais e seu envolvimento na Primeira Guerra Mundial; b) Graduação, psicanálise e política partidária (1918-1934), abrangendo o período pós-guerra, em que ele ingressou na universidade e na psicanálise, filiou-se ao Partido Comunista, realizou sua militância política e, finalmente, foi expulso das duas organizações; c) Caminho autônomo (1934-1957), fase em que seguiu um percurso independente de instituições, aprofundou-se nas pesquisas da energia orgone, fundou a atividade Crianças do Futuro, tema de nossa pesquisa, e, por fim, faleceu em 1957.

### 2.1 História inicial (1897-1918)

Para obter conhecimento a respeito dos primeiros anos da vida de Wilhelm Reich, buscamos informações em três biografias centrais: *Wilhelm Reich: a personal biography* (1969), desenvolvida por Ilse Ollendorff Reich, terceira esposa de Reich e mãe de Peter, filho mais novo dele; *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich* (1983), elaborada por Myron Sharaf, importante comentador reichiano e *Paixão de juventude: uma autobiografia* (1988/1996), obra escrita pelo próprio Reich na qual ele descreve sua vida desde o nascimento até seus 25 anos. É válido ressaltar que as biografias redigidas por Ilse Ollendorff Reich e Myron Sharaf foram elaboradas antes da publicação da autobiografia reichiana, dessa forma, supomos que os dois autores não tiveram acesso ao material escrito por Reich até sua primeira edição em 1988. Isso justifica a especulação de certas hipóteses, por parte de Ilse e Sharaf, dentre

as quais algumas delas podem ser confirmadas ou descartadas ao lermos o texto do próprio Reich.

Tanto Ilse Ollendorff Reich quanto Myron Sharaf explicitam um dado curioso em seus textos: Reich pouco falava a respeito de sua infância. Segundo Ilse, “todos os fatos que sabemos sobre os primeiros anos de vida de Reich, são aqueles que ele contou para seus amigos e familiares, e ele não falou muito ou com frequência sobre sua infância” (I. Reich, 1969, p. 1). Sharaf faz referência ao mesmo aspecto da seguinte forma: “Robert [irmão de Reich] relutava tanto quanto Willy [apelido de Wilhelm] em falar sobre o início de sua vida familiar, referindo-se ao mesmo, em várias ocasiões, como ‘infeliz’” (Sharaf, 1983, p. 37). Dessa forma, o *Paixão de Juventude: uma autobiografia* (1988/1996), contribuiu muito para o esclarecimento de como foi essa fase.

Outra pessoa significativa para o entendimento desse período foi Otilie Reich Heifetz, cunhada de Wilhelm, esposa de Robert. Otilie conheceu Robert em 1915 e em 1922 casou-se com ele. A relação durou até 1926, quando Robert morreu de tuberculose. Otilie teve contato com Reich, pela primeira vez, em 1917, em Viena, quando ele estava em uma licença do exército e, até 1930, eles eram bons amigos. As contribuições de Otilie podem ser encontradas no livro já citado *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich* (1983), pois ela foi uma das pessoas com as quais Sharaf conversou para construir seu escrito.

Primogênito de Cäcilie Roniger e Leon Reich, Wilhelm Reich nasceu no dia 24 de março de 1897, em uma pequena aldeia Galícia, no então império austro-húngaro. Segundo Sharaf (1983), é provável que o parto tenha ocorrido em casa, como era comum naquela época e região. Logo em seguida a família mudou-se para Jujinetz na Bukovina, localizada na parte ucraniana da Áustria. Nessa região, Leon comprou uma grande fazenda, local onde a família passou a residir. Um ano depois do primeiro filho, veio à luz uma menina, mas faleceu após o parto. Em 1900, quando Wilhelm estava com três anos, nasceu seu irmão, Robert.

Após dar a luz pela terceira vez, Cäcilie não estava bem. Por esse motivo, durante os dois anos seguintes, passou períodos afastada da família, tratando-se em uma estação de águas. Segundo os relatos de Reich

(1988/1996), nessa mesma época, Leon também ficara muito tempo ausente, pois, como amava muito sua esposa, não aguentava permanecer em casa enquanto ela não estava. Diante desse contexto, as criadas da casa, uma cozinheira, uma doméstica e uma babá, eram responsáveis por cuidar dos meninos.

Aos cinco anos, o menino teve sua mãe de volta ao lar. O período que iniciou-se com o retorno de Cäcilie e perdurou até o décimo ano de vida de Reich foi visto por ele como sendo o mais feliz de sua vida em família.

Leon era um fazendeiro que precisou trabalhar bastante para não decair financeiramente e manter um lar confortável. Apesar de ser originário de família judaica, não seguia as tradições da religião. De acordo com os relatos, tratava-se de uma pessoa extremamente inteligente, vigorosa, autoritária e com temperamento explosivo. Costumava punir os filhos, batendo e castigando, quando cometiam deslizes. “Possuia um gênio brutal, mesmo sendo uma pessoa extremamente amável, inteligente e sábia” (Reich, 1988/1996, pp. 17-18). Amava sua esposa, mas tinha muito ciúme dela. Leon sempre a acusava de traí-lo. “A mãe dormia com o pai, mas o pai a acusava de dormir com outros e a xingava, chamando-a de prostituta” (Sharaf, 1983, p. 45).

Segundo a visão reichiana, Cäcilie sofria muito com os ciúmes do marido e tinha medo dele, apesar disso, amava-o. Suportava a situação de forma submissa. Tratava-se uma mulher carinhosa que conquistava as pessoas com sua doçura e gentileza. Não tinha grandes preocupações intelectuais, era boa dona de casa e muito ativa na propriedade da família. Segundo Ilse e Sharaf, Reich idealizou a mãe durante toda sua vida como alguém que beirava a perfeição. Ele era muito mais apegado a ela do que ao pai, com quem, durante a infância, tinha uma ligação pobre. Cäcilie sempre protegeu seu primogênito das punições paternas.

Durante a infância, por morar em uma fazenda e Leon não permitir que ele brincasse com os filhos dos camponeses, Reich não convivia com outras crianças, apenas com Robert. Ilse (1969) aponta como surpreendente o fato de que, diante desse contexto, quando os dois irmãos deveriam ser próximos, Reich raramente mencionava Robert. Alguns de seus grandes amigos sequer sabiam que ele tivera um irmão e eram pegos de surpresa quando descobriam.

Segundo Otilie relatou a Sharaf, em seu contato com os irmãos percebera que havia uma boa dose de carinho entre ambos, ainda que fosse misturado com elementos competitivos.

Em termos de educação, até os doze anos Reich não frequentou nenhuma escola regular. Começou a estudar aos seis anos, quando seus pais revezavam-se e passavam os conteúdos da escola primária. Logo em seguida, foi educado por pessoas contratadas para desempenhar tal tarefa. Quando Reich tinha sete anos, chegou uma preceptora cuja função era prepará-lo para admissão na escola, ela ficou quatro anos ensinando os meninos. Depois disso, Leon perguntou se Reich gostaria de permanecer estudando em casa ou frequentar a escola e ele escolheu continuar os aprendizados na fazenda. Assim, nos anos seguintes, sua educação foi realizada por preceptores, ao todo três, que eram substituídos a cada novo ano letivo, na medida em que não podiam, por algum motivo, continuar lecionando as crianças. Reich era muito dedicado aos estudos e, devido ao fato de viver no campo, sempre tivera contato com a natureza e sentia grande prazer com isso. Enquanto criança pode desfrutar intensamente do meio em que vivia, chegou até a colecionar borboletas e insetos, atividade pela qual se interessava bastante.

Podemos pensar que a família Reich refletia o típico contexto patriarcal daquela época e região, posteriormente, esse tema foi bastante focado em sua obra. Nesse meio, um aspecto importante determinou o desenrolar dos fatos: Cäcilie tivera um caso amoroso com o segundo preceptor, situação que durou cerca de três meses. Reich chegou a presenciar sua mãe tendo relações sexuais com o rapaz em um período que seu pai estava viajando. Apesar de ciumento, Leon não se deu conta de todo o cuidado que sua esposa dedicava ao instrutor de seus filhos. Ao chegar as férias, o preceptor foi embora sem que Leon percebesse qualquer coisa.

No início do outro ano letivo, um novo instrutor fora contratado. Cäcilie era muito fechada com o mesmo e Leon diversas vezes questionava porque o tratava daquela forma. Com o decorrer do tempo, Leon passou a desconfiar da esposa, até que em uma de suas crises de ciúme, pressionou os filhos a contarem o que sabiam. Reich então relatou o que presenciara:



Eu tremia ao dizer que não sabia nada quanto ao nosso atual preceptor, mas que testemunhara a relação de mamãe com S., do começo ao fim. É impossível descrever como papai ficou rígido quando lhe contei. Ele me pressionou a contar-lhe tudo e eu o fiz. [...] De repente ouvimos um gemido profundo no outro quarto. [...] Entramos correndo no quarto e vimos mamãe no escuro, contorcendo-se na cama. Ela tomara veneno, Lisol!!! (Reich, 1988/1996, pp. 39-40).

A situação familiar de Reich retratava a severa moral sexual repressora característica daquele período e esse também foi um tema bastante enfatizado por Reich nos seus escritos. O autoritarismo associado à submissão e à aceitação da dominação e a censura irracional da sexualidade são aspectos fundamentais na obra reichiana. Ele não só falou dos mesmos como lutou contra eles, tentando extingui-los.

Logo depois o preceptor foi dispensado e Reich passou a estudar em Czernowitz, capital da Bukovina. Segundo Sharaf (1983), a cidade era ativa e próspera, nela existiam quatro ginásios e uma excelente universidade. Um estudante em Czernowitz tinha a oportunidade de assistir a excelentes apresentações teatrais pagando apenas uma pequena taxa. O currículo escolar era latim e grego, suas matérias preferidas eram alemão, latim e ciências naturais. Por ser muito estudioso, Reich concluiu essa etapa com aprovação unânime nos exames.

Em paralelo, devido à confirmação do caso amoroso, teve início um período de sofrimento para toda a família. Leon maltratava e punia a esposa. Por amá-la e querer evitar um escândalo, ele pretendia perdoá-la, porém, não conseguia e sempre remoia o assunto, batendo em Cäcilie. Ela, por sua vez, sofria muito com a situação. Então, em 1910, numa terceira tentativa de suicídio, faleceu. Ao que parece, Reich ficou extremamente deprimido nessa época e, após a morte de Cäcilie, desenvolveu um problema crônico de pele, psoríase, do qual nunca ficou totalmente curado.

Reich (1988/1996) conta que, depois da morte de sua mãe, sua relação com seu pai mudou. Eles se aproximaram e se tornaram amigos. Ele continuou morando e estudando em Czernowitz e visitava seu pai nas férias. No entanto, o contexto trágico desestruturou Leon, que chegou a falir. Algum tempo depois,

contraiu pneumonia, aparentemente por ter passado horas pescando no frio. A pneumonia agravou-se, transformando-se em tuberculose. Em maio de 1914, Leon faleceu em decorrência dessa doença. Um fator curioso aparece tanto na biografia de Ilse quanto na de Sharaf: eles falam da doença de Leon como sendo algo que ele tivesse causado propositalmente. Uma espécie de “suicídio aos poucos”.

Sharaf (1983) ressalta um aspecto significativo da dinâmica psíquica reichiana: ele foi capaz de manter-se funcionando efetivamente após a morte de seus pais, independente da depressão ou da culpa por ter denunciado sua mãe. Isso aponta para seu potencial de manter-se erguido mesmo após tantas perdas. A capacidade de ser independente, habilidade que Reich via como um importante atributo da saúde psíquica, foi algo que ele adquiriu, por conta própria, desde cedo.

Aos dezessete anos, órfão de pai e mãe, Reich voltou a morar na fazenda junto com seu irmão e passou a tomar conta da propriedade. Poucos meses depois, teve início a Primeira Guerra Mundial e, devido aos riscos eminentes, muitas terras da região foram abandonadas. Mesmo assim, Reich decidiu permanecer em sua propriedade, mas providenciou que Robert se afastasse dali e fosse morar com parentes. Logo em seguida, as terras da família foram invadidas, ele abandonou a fazenda e alistou-se voluntariamente ao exército. Começou a servir as forças armadas seis meses antes da idade obrigatória e, como ainda não tinha concluído seus estudos, prestou exames para completar as matérias que faltavam. Ao lembrar, já com quarenta anos, de suas experiências na Guerra, ele relata que a hierarquia era absoluta e que não existia uma reflexão sobre todo aquele movimento, se havia ou não sentido em tudo aquilo. Em suas palavras:

Éramos rigorosos, pois essa era a forma de nos tornarmos oficiais. Não sabíamos por quê. Três quartos de nosso rigor eram vaidade. Criava-se o maior caso por qualquer ninharia. [...] A insubordinação da parte de um soldado era considerada um insulto à “honra”; a honra era definida por uma estrela. Se não saudássemos um superior na rua, éramos imediatamente “desestrelados”. [...] As massas eram estupidamente obedientes. [...] No decorrer da guerra, entrei em contato com milhares de

pessoas, e em contato íntimo com centenas. Mas não me lembro de nenhuma que tivesse alguma compreensão a respeito da guerra ou de sua função (Reich, 1988/1996, pp. 67-68).

As experiências da Guerra, certamente influenciaram-no mais tarde em seus estudos sobre o autoritarismo e a submissão. Em 1918, com o término do conflito, Reich pôde retornar à vida civil. Então, foi até Viena e ingressou na Faculdade de Direito. Alguns meses depois, insatisfeito com o curso, transferiu-se para a Faculdade de Medicina.

Segundo Sharaf (1983), nesse período, o jovem se sentia aliviado e ao mesmo tempo triste. Esse sentimento se fazia presente pois, durante a Guerra, ele pelo menos tinha a sensação de estar vivendo sob um destino heroico. Reich temia que, com o fim do conflito, ele fosse pego pelas trivialidades usuais da existência. Tal visão aponta para uma perspectiva de vida marcada por uma orientação heroica (Sharaf, 1983).

## **2.2 Graduação, psicanálise e política partidária (1918 – 1934)**

Neste trecho destacaremos a fase em que Reich graduou-se, ingressou na Psicanálise, passou a fazer parte do Partido Comunista e, por fim, foi expulso de ambas as organizações. Durante essa etapa, que vai de 1918 à 1934, ele residiu principalmente em dois países: primeiro na Áustria, na cidade de Viena, e em seguida, a partir do final de 1930, na Alemanha, na cidade de Berlim, onde permaneceu até 1933. Depois disso, viveu em algumas cidades, até estabelecer-se, no ano de 1934, em Oslo, na Noruega.

Para descrevermos esse período, adotamos como referência alguns escritos do próprio Reich: *A função do orgasmo* (1942/1995), uma espécie de autobiografia teórica; *People in trouble, vol. two of the emotional plague of mankind* (1953/1976), sua autobiografia política. Também fizemos uso do livro *Reich fala de Freud* (1967/1979), uma entrevista concedida por Reich a um representante dos Arquivos Sigmund Freud nos dias 18 e 19 de outubro de 1952, material com dados valiosos sobre o período em que esteve inserido no

movimento psicanalítico e sua posterior expulsão. Além disso, buscamos informações em textos de estudiosos sobre o assunto: *Wilhelm Reich: a personal biography* (1969), escrito pela sua terceira companheira, Ilse Reich, já citado anteriormente; *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich* (1983), elaborado por Myron Sharaf, também já explicitado; *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* (1996), obra de referência no que diz respeito ao conflito entre Freud e Reich, de autoria de Cláudio Mello Wagner; *Política e sexualidade na trajetória de Reich: Viena (1927-1930)* (2006), um levantamento a respeito do envolvimento político e sexual reichiano entre os anos de 1927 e 1930, redigido pelos pesquisadores brasileiros Ailton Bedani e Paulo Albertini e *Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933)* (2009b), uma continuidade do texto anterior que aborda o mesmo tema, mas com foco no período em que Reich residia em Berlim.

Quando retornou do conflito bélico, Reich ansiava por voltar a estudar. Segundo ele, estava “intelectualmente faminto após quatro anos de inatividade na Primeira Grande Guerra, e dotado da faculdade de aprender rápida, completa e sistematicamente, mergulhei em tudo o que achei interessante no meu caminho” (Reich, 1942/1995, p. 27). Desde criança, sempre fora um aluno bastante aplicado. Essa característica também esteve presente durante sua graduação. Em agosto de 1918, ingressou no curso de Direito, mas logo percebeu que não se interessava pela área. Então, pouco tempo depois, transferiu-se para o curso de Medicina na Universidade de Viena. Os combatentes que haviam voltado da Guerra, tinham permissão para finalizar a graduação em Medicina em quatro anos, ao invés de seis. Assim ele fez, concluindo o curso em 1922.

Reich era um estudante com dificuldades financeiras, logo no início da faculdade, chegou a passar fome e frio. Residia em um quarto que dividia com seu irmão Robert e um amigo. Com o decorrer do tempo, começou a dar aulas particulares para outros estudantes, melhorando sua condição econômica.

Pouco depois do início da graduação em medicina, em janeiro de 1919, os alunos tiveram a ideia de organizar o Seminário de Sexologia. Eles almejavam aprofundar-se na questão da sexualidade, pois a Universidade de Viena estava negligenciando esse assunto tão importante. Reich participou das

reuniões frequentemente e, no outono do mesmo ano, foi eleito para presidir o Seminário. Ocupando tal cargo, sua função era buscar textos para serem estudados e discutidos nos encontros. Com esse intuito, entrou em contato com alguns psicanalistas, dentre eles Freud. O jovem estudante encantou-se com o pai da psicanálise, segundo ele:

A personalidade de Freud causou a maior, a mais forte e mais duradoura impressão. [...] Freud era diferente. Enquanto os outros desempenhavam um papel qualquer – o do professor, o do grande conhecedor do caráter humano, o do cientista eminente –, Freud não se dava ares de importante. Falou comigo como uma pessoa absolutamente comum. [...] Perguntou a respeito do nosso trabalho no seminário e achou-o muito sensato. Estávamos certos, disse. Era lamentável que as pessoas não demonstrassem interesse, ou somente um interesse fingido pela sexualidade. Ele se sentia simplesmente muito feliz em conseguir-nos uma bibliografia. [...] Eu estava apreensivo antes de ir à sua casa, e agora saía alegre e feliz. A partir desse dia, gastei catorze anos de trabalho intensivo *na* e *para* a psicanálise (Reich, 1942/1995, p. 39 – grifos originais).

Dessa forma, em 1919, ele teve seu primeiro contato com Freud e com a psicanálise. Entretanto, apenas em outubro do ano seguinte tornou-se formalmente membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, por meio da apresentação oral de seu escrito *Libidinal conflicts and delusions in Ibsen's Peer Gynt* (1915) – *O conflito da libido e a ilusão de Peer Gynt*.

Uma característica marcante de Reich é que ele sempre mergulhava profundamente naquilo com o que se envolvia. Como psicanalista não poderia ser diferente. Enquanto residia na Áustria, além de trabalhar em consultório privado, atendeu pacientes na Policlínica Psicanalítica de Viena, propôs a criação do Seminário de Técnica Psicanalítica e desenvolveu a Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual. Esses três meios de ação serão descritos adiante.

Ao que parece, com seu comportamento implicado e sua profunda dedicação, despertou a admiração de Freud. Um aspecto que retrata a boa relação entre ambos e a confiança que o fundador da psicanálise tinha em Reich é fato de o jovem estudante ter começado a atender como analista antes

mesmo de concluir sua graduação, o que não era comum. De acordo com as lembranças de Reich (1967/1979), ele teria recebido seu primeiro paciente em março de 1919. Sobre o apreço que Freud sentia, Reich explicita:

Eu sabia que Freud gostava de mim. Sentia-o. Notava-o. Deu-se um contato emocional entre mim e ele. Eu podia falar-lhe sem rodeios. Ele compreendia imediatamente o que eu queria dizer. Além disso, eu era um jovem psiquiatra muito prometedora na profissão e na Clínica do Hospital psiquiátrico. E havia uma grande diferença entre a minha forma de expressão, como você a sente neste momento, e a dos outros psicanalistas de Viena (Higgins & Raphael, 1967/1979, pp. 49, 50).

Na biografia que escreveu a respeito do seu ex-marido, Ilse também trouxe uma contribuição interessante a respeito da amistosa relação entre Freud e Reich. Segundo ela, “nas primeiras atividades reichianas enquanto pertencente ao movimento psicanalista, Freud considerou-lhe como um de seus assistentes mais brilhantes. Reich era o ‘filho preferido’ e tinha livre acesso à casa de Freud” (I. Reich, 1969, p. 13). Vale salientar que Ilse não deixa claro no que se baseou para fazer essa afirmação. Ao que parece, de início, era esse o clima existente entre o fundador da psicanálise e seu jovem discípulo.

Ainda enquanto estudante de graduação, em 1920 conheceu Annie Pink, uma jovem de 17 anos que estava prestes a ingressar na faculdade de medicina. “Era uma das garotas mais atraentes, brilhantes e concorridas da universidade. Era de se esperar que Reich, um dos mais notórios estudantes, ganhasse de todos os seus concorrentes” (I. Reich, 1969, p. 9). De acordo com Sharaf (1983), no dia 17 de março de 1922, a relação foi oficializada. O rapaz já estava perto do término de seu ensino superior, mas a noiva ainda tinha um longo período pela frente. Dois anos depois, em abril de 1924, nasceu Eva, a primeira filha do casal. Nesse mesmo ano, seu irmão, que então era casado com Ottilie e tinha uma filha, Sigrid, contraiu tuberculose, vindo a falecer em abril de 1926, em decorrência da doença. Do casamento entre Reich e sua primeira esposa, uma segunda criança veio à luz em 1928, chamava-se Lore. A relação entre Reich e Annie durou cerca de doze anos, tendo fim em 1934.

O ano de 1922 foi repleto de acontecimentos importantes para a vida do jovem, além de formar-se médico e casar-se, também criou o Seminário de Técnica Psicanalítica e engajou-se na Policlínica Psicanalítica de Viena. O psicanalista permaneceu em ambos os movimentos até o ano de 1930, quando mudou-se para Berlim.

O Seminário de Técnica Psicanalítica tinha a finalidade de reunir jovens com pouca experiência em psicanálise para estudar casos clínicos e tratar sobre a técnica da abordagem. Na entrevista concedida aos Arquivos Sigmund Freud, Reich conta: “A ideia do Seminário Técnico foi minha. Discuti-a com Freud, e ele gostou muito. E porque gostou ele? Não havia teoria técnica nessa altura. Nada” (Higgins & Raphael, 1967/1979, p. 50). Ao que tudo indica, até aquele momento não existia nenhuma organização formal com aquele objetivo, era o primeiro do gênero na história da psicanálise, e Freud teria aprovado a ideia com entusiasmo. A partir do ano de 1924, Reich passou a ocupar a presidência do Seminário, continuando nessa posição até sua mudança para a Alemanha. Como fruto das discussões, Reich produziu muitos escritos sobre a técnica terapêutica, que estão presentes como capítulos do livro *Análise do Caráter* (2004a).

Um tema central da obra reichiana começou a ser elaborado no início da década de 1920, a teoria do orgasmo. Naquela época, não se discutia se um indivíduo neurótico podia apresentar uma vida sexual saudável. Sobre o assunto, Reich assumiu a posição de que nenhum neurótico poderia ser orgasticamente potente e que a perturbação genital era um típico sintoma da neurose. Ao apresentar oralmente à Sociedade Psicanalítica de Viena seu primeiro esboço sobre o assunto, que inclusive fora publicado no ano seguinte sob o título: *On genitality: from the standpoint of psychoanalytic prognosis and therapy* (1924/1975b) – *Sobre genitalidade: do ponto de vista do prognóstico e da terapêutica psicanalista* –, Reich se deparou com uma forte reação negativa dos psicanalistas em relação a ele.

Em maio de 1922, a Policlínica Psicanalítica de Viena foi inaugurada. A organização visava atender pessoas carentes financeiramente, que não tinham condições de custear o tratamento de forma convencional. Desde sua abertura, o jovem trabalhou na instituição, ocupando, de início, o cargo de Primeiro

Assistente e, a partir de 1928, o de Vice-diretor. Como consequência da atividade desempenhada na Policlínica, entrou em contato estreito com a camada social menos favorecida. Nesse trabalho, além dos problemas psíquicos, constatou, também, numa mesma proporção, a falta de condição social e econômica de boa parte da população. O contexto fez com que Reich começasse a perceber que a neurose era uma doença das massas, não algo circunscrito à dimensão individual. Sobre sua experiência na organização ele relatou:

A clínica psicanalítica tornou-se um manancial de observações dos mecanismos das neuroses em pessoas pobres. [...] Os horários de consulta vinham apinhados de gente. [...] A afluência era tão grande que nós não dávamos conta, sobretudo depois que a clínica se tornou conhecida entre o povo. Cada psicanalista concordou em oferecer gratuitamente uma sessão diária. Mas não foi o suficiente. [...] Segundo os padrões do tempo, acreditava-se que o tratamento requeria uma sessão diária, durante pelo menos seis meses. Uma coisa se tornou clara: *a psicanálise não é uma terapia para aplicação em massa*. A noção de prevenir neuroses não existia – e ninguém saberia o que dizer a respeito (Reich, 1942/1995, pp. 72-73 – grifos originais).

Reich constatou que, atuando no formato convencional, a psicanálise não daria conta de todos aqueles problemas, então começou a pensar no que poderia ser feito para alterar o quadro. A única solução estaria na profilaxia das neuroses. Já estando implicado com a questão do tratamento das massas, no dia 15 de julho de 1927, aconteceu em Viena um fato determinante no caminho do psicanalista: o sindicato dos trabalhadores deu início a uma greve. Reich resolveu cancelar seus atendimentos e ir até as ruas para olhar o que se passava.

Existiam policiais fortemente armados e trabalhadores, manifestantes, desarmados, com postura pacífica. Os guardas atiravam indiscriminadamente, muitos grevistas foram atingidos, o número de mortos era alto. Reich se perguntava: como os policiais abrem fogo contra pessoas que pertencem à mesma classe que eles, a dos trabalhadores? Como as pessoas fazem guerra



contra sua própria classe? Para o psicanalista, ficou claro que não se tratava de um conflito de classes, mas de um conflito dentro de uma única classe.

Outro fator que gerou desconforto foi a pacificidade dos manifestantes: “Havia gente suficiente para reduzir os policiais a frangalhos e ainda assim eram pacíficos e complacentes. [...] Não pude entender isto. Como podiam as pessoas ficarem olhando sem fazer nada, absolutamente nada, para impedir o banho de sangue?” (Reich, 1953/1976, pp. 25-26). Relembrando os fatos, Reich conta quanto o episódio mexeu com ele e fez cair por terra muitas de suas convicções:

O primeiro encontro com a irracionalidade humana foi um choque imenso. Nem posso imaginar como consegui suportá-lo sem enlouquecer. Considere que quando eu me submeti a essa experiência eu estava confortavelmente ajustado aos moldes convencionais de pensamento. [...] Como se atingido por um soco, a gente de repente reconhece a futuridade científica, o sem-sentido biológico, e a nocividade social de conceitos e instituições que até aquele momento pareciam totalmente naturais e claros (Reich, 1953/1976, p. 7).

Motivado pelo que viu, nesse mesmo dia ingressou no Partido Comunista, dando início à sua militância política partidária. Inquieto e inconformado, como de costume, o jovem buscou compreender os fatos à luz dos conceitos psicanalíticos. Segundo ele, essa abordagem explicava os fenômenos psíquicos inconscientes, mas não dava conta de explicar o que acontecia a nível social. Por outro lado, no movimento de esquerda, deparou-se com as teorias de Karl Marx, por meio das quais pôde entender melhor o contexto social. A partir de então, Reich passou a considerar, também, as concepções marxistas e voltou seus esforços na tentativa de encontrar uma articulação entre a psicanálise e o marxismo, o que culminou na publicação do livro *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1977).

Levando na bagagem tudo o que viveu e tendo como base os referenciais teóricos da psicanálise e do marxismo, dedicou-se ao desenvolvimento de projetos de intervenção social. Nesse momento, procurou Freud para explicar-lhe que gostaria de afastar-se das clínicas que priorizavam o atendimento individual e entrar na cena social. A resposta de Freud teria sido

favorável, a princípio. Dessa forma, levando em conta que as neuroses eram causadas pelo sistema capitalista vigente, criou, junto com outros profissionais, a Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual.

A organização, ligada ao Partido Comunista Austríaco, era composta por seis clínicas de aconselhamento espalhadas pela cidade de Viena, cada uma dirigida por um médico, cuja finalidade seria dar informações gratuitas sobre problemas matrimoniais, controle de natalidade e educação de crianças. O público também tinha acesso a palestras e discussões. Reich ocupava o cargo de Diretor Científico. Ao lembrar-se dos fatos, ele descreve:

Espalhamos a notícia de que sexólogos especialistas tinham formado uma organização para dar, em vários bairros de Viena, conselhos gratuitos sobre problemas sexuais, educação de crianças e higiene mental em geral para aqueles que estivessem buscando orientação. Foram dadas palestras para informar sobre higiene sexual, as causas e os possíveis remédios para as dificuldades emocionais. A sociedade assumiu a posição de que a miséria sexual era causada essencialmente pelas condições sociais enraizadas na ordem social burguesa e de que ela não poderia ser removida inteiramente, mas que podia ao menos ser aliviada através da ajuda às pessoas. Além disso, informações sobre problemas sexuais eram para circular largamente entre as classes trabalhadoras (Reich, 1953/1976, pp. 107-108).

De acordo com Reich (1953/1976), o diferencial da organização estava no fato de que eles buscavam integrar os problemas das neuroses, com os distúrbios sexuais e os conflitos do dia-a-dia. Além disso, tinham a proposta de prevenir as neuroses e não de tratá-las, como era corriqueiro naquele tempo. A resposta da população foi positiva e os centros ficaram tão superlotados que qualquer dúvida quanto à importância do trabalho foi eliminada. Os responsáveis pelos atendimentos não davam conta de suprir tamanha demanda e, quando as palestras começaram, o quadro intensificou-se.

Em termos práticos, o trabalho vinha dando resultado, mas, o apoio inicial de Freud não perdurou e o fundador da psicanálise entrou em choque com as atividades reichianas. Os atritos com Freud apareceram, de forma clara, em dezembro de 1929, numa reunião íntima do círculo psicanalítico.

Tendo como base sua atuação na Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, Reich discursou sobre a profilaxia das neuroses. Ele questionou se a atuação psicanalítica deveria continuar restrita às clínicas privadas e o que a psicanálise poderia fazer diante da realidade social. O clima não foi bom e Freud teria respondido que a tarefa da psicanálise não era salvar o mundo. “*Em princípio ele concordava com a importância da saúde sexual. Mas ele não aceitava o que a saúde sexual implicava, o ataque a certas instituições que se lhe opuseram*” (Higgins & Raphael, 1967/1979, p. 86 – grifos originais). Na entrevista de 1952, Reich apontou para a divergência teórica entre eles:

A grande pergunta era: *Donde vem essa infelicidade?* E aqui começaram as dificuldades. Enquanto Freud elaborou sua teoria do instinto de morte, que dizia ‘a infelicidade vem de dentro’, eu fui ao encontro das pessoas até onde elas se encontravam. Desde 1927 até setembro de 1930, trabalhei no exterior e fiz todo aquele trabalho sociológico nas bases da sociedade. Neste ponto, surge a decepção de Freud (Higgins & Raphael, 1967/1979, p. 52 – grifos originais).

De acordo com Reich, em reação ao que aconteceu na reunião, Freud teria publicado o artigo *Mal estar na civilização* (1930), em suas palavras: “Quero que fique bem claro que *Das Unbehagen in der Kultur* [Mal estar na civilização] foi escrito especificamente em resposta a uma das minhas conferências, apresentada na casa de Freud” (Higgins & Raphael, 1967/1979, p. 53). Nesse escrito, o fundador da psicanálise defende, em última instância, que para haver civilização, é inevitável que existam neuroses, ou seja, a existência de uma civilização tornaria a oposição entre indivíduo e cultura inevitável. Tal ponto de vista contrariava inteiramente a teoria e prática reichiana que, naquele momento, estava inclinado a buscar a profilaxia das neuroses e acreditava que isso não implicaria, necessariamente, em ausência de cultura. Reich pensava que as mazelas humanas eram oriundas da realidade social daquele tempo e, por isso, poderiam ser evitadas. Dessa forma, engajou-se em ações preventivas e importantes medidas sociais. Assim sendo, Freud não apoiou as práticas adotadas por Reich, e criou-se um

distanciamento entre eles. A última vez que se encontraram foi no ano seguinte e o clima tornou-se ainda mais tenso. De acordo com Reich:

A última vez que o vi foi em setembro de 1930, antes de ir para Berlim. Visitei-o em Grundlsee e tivemos uma discussão muito azeda. Ele foi muito azedo, e eu também. [...] Eu disse que é preciso fazer toda espécie de coisas para prevenir as neuroses. Ele replicou 'Ihr standpunkt hat nichts mit dem mittle ren Weg der Psychoanalyse zu tun' [o seu ponto de vista não tem nada a ver com a orientação básica da psicanálise] (Higgins & Raphael, 1967/1979, p. 59).

Foi assim o desfecho da relação entre Freud e Reich, seu discípulo tão bem quisto anteriormente. Bedani e Albertini (2009a), veem a filiação política reichiana sob um ângulo bastante interessante, não como um abandono à psicanálise, mas como uma forma de Reich levar à risca as suas descobertas científicas experienciadas e elaboradas no seio da psicanálise.

Desde o momento em que ingressou na psicanálise, ele acreditava estar praticando ciência; ao atuar na esfera social, não seria diferente. Dessa perspectiva, Reich não teria “deixado a psicanálise” para ingressar na militância política, mas sim, teria dado continuidade, com sua atuação social, a um fazer científico tão rigoroso e ético quanto o que vinha desenvolvendo no campo clínico. Mas, ao articular psicanálise e marxismo e, simultaneamente, implantar suas propostas de reforma sexual no campo político, o autor acabou perdendo a aprovação de Freud (Bedani & Albertini, 2009a, p. 133).

Na Alemanha, os psicanalistas, por estarem mais distantes do fundador da psicanálise, não eram tão ortodoxos quanto os de Viena. Por esse motivo, Berlim “foi atraindo, dos anos 20 aos anos 30, analistas e candidatos a analistas ‘rebeldes’ nos planos teóricos e políticos” (Wagner, 1996, p. 52). Por acreditar que suas teorias seriam mais bem aceitas naquela cidade, desejando um engajamento maior no trabalho social e motivado pela vontade de ser analisado pelo psicanalista Sandor Rado, que residia na capital alemã, Reich mudou-se, no final de 1930, para Berlim (Albertini, 1994).

Em seu novo país de residência, inicialmente, foi mais bem aceito do que na Áustria. Reich permaneceu envolvido com a política como membro do

Partido Comunista, participou de ações contra o nazismo, que ganhou forças até que Hitler subiu ao poder, desenvolveu trabalhos sociais e continuou seu percurso teórico-prático como psicanalista. No entanto, “as atividades políticas reichianas tornaram-se cada vez mais desconfortáveis para a Sociedade Psicanalítica de Viena o que levou a futuros conflitos pessoais” (I. Reich, 1969, p. 20).

Segundo Reich (1953/1976), quando chegou à Alemanha, deparou-se com a existência de cerca de oitenta instituições que lidavam com assuntos referentes à sexualidade. Tais associações eram independentes umas das outras e cada uma estruturada de forma particular. Somando-se o total de adeptos, alcançava-se um número de 350 mil pessoas, quantidade maior do que a presente em qualquer partido político, porém, as organizações não eram associadas aos mesmos.

Como uma forma de dar continuidade ao seu trabalho desenvolvido em Viena, na Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, o psicanalista teve a ideia de tentar unificar as fundações existentes em Berlim. Seguindo essa proposta, apoiado no Partido Comunista Alemão, criou a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária, a Sexpol. Num primeiro momento, em 1931, conseguiu reunir cerca de oito delas, o que representava uma média de 20 mil pessoas. Logo em seguida, outras organizações se uniram à Sexpol e o número de associados cresceu muito. Sobre as atividades realizadas, Reich comenta:

Quando fui para Berlim, discursi em reuniões de massas perto de – não sei – quatro ou cinco vezes por semana. Tive reuniões com duas e três mil pessoas. Havia reuniões em que padres católicos tinham que responder a perguntas sobre problemas de higiene mental etc. Era extraordinário. Não havia movimento organizado em Viena, mas em Berlim havia cerca de cinquenta mil pessoas na minha organização no primeiro ano (Higgins & Raphael, 1967/1979, p. 83).

De acordo com Reich (1953/1976), antes de sua iniciativa, o Partido Comunista não contava com nenhuma fundação de reforma sexual, por esse motivo, o militante foi muito bem quisto pela liderança do partido. Paralelamente, o nazismo ganhava cada vez mais forças. Reich buscava

compreender como isso acontecia e se perguntava de que forma, um único Hitler, conseguia controlar um número tão grande de pessoas. Foi nessa tentativa de compreender as razões do apoio ao nazifascismo que publicou *Psicologia de massas do fascismo* (1933/2001).

No início de 1933, com a subida de Hitler ao poder, Reich teve que deixar a Alemanha e ir em busca de outro país para dar continuidade ao seu trabalho. Após um período em que passou curtas temporadas em diversas cidades europeias, no qual inclusive separou-se de Annie e começou a viver com Elza Lindenberg, bailarina e militante comunista, em 1934, ele finalmente estabeleceu-se em Oslo, na Noruega, onde permaneceu até 1939.

Com o passar do tempo, no que diz respeito à sua aceitação nas instituições em que era associado, o quadro foi mudando de figura. O Partido Comunista Alemão começou a questionar a Sexpol, acusando-a de estar mais ligada a questões sexuais do que a temas sociais e não gostou da tentativa reichiana de compreender o fascismo. Além disso, Reich entrou em confronto com a linha autoritária e distanciada da população trilhada pelo Partido Comunista Alemão. Dessa forma, em novembro de 1933, ele foi expulso do Partido Comunista Alemão.

A psicanálise também não estava se agradando do que vinha se passando e a filiação de Reich na Associação Psicanalítica Internacional foi oficialmente cancelada em 1934. De acordo com Wagner (1996), é inegável que existia um distanciamento teórico do que Freud defendia naquele período, mas esse não teria sido o principal motivo para a expulsão. “A exclusão de Reich da IPA deveu-se muito mais à sua militância política como ativista, contestador e pensador crítico do fascismo, e menos à sua atividade psicanalítica clínica” (Wagner, 1996, p. 20).

Em suma, Freud localizava o conflito humano dentro do próprio homem. Reich apontava para a moral sexual repressiva e a sociedade burguesa como responsáveis pelas mazelas e defendia que o conflito intrapsíquico surgiria em consequência dessa forma de sociedade.

### 2.3 Caminho autônomo (1934-1957)

Neste tópico, enfatizaremos o período em que Reich seguiu um percurso autônomo, sem estar filiado a nenhum tipo de associação. Nessa fase de sua vida, ele iniciou suas pesquisas laboratoriais, que culminaram na descoberta de uma energia denominada por ele de orgone, fundou o projeto Crianças do Futuro e, por fim, no contexto de uma campanha difamatória dirigida contra ele, foi preso e faleceu no ano de 1957. Para obtermos conhecimento a respeito dos acontecimentos desse período, nos pautamos principalmente no conteúdo presente nas duas biografias reichianas já citadas anteriormente: *Wilhelm Reich: a personal biography* (1969), escrita por Ilse Ollendorff Reich, e *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich* (1983), elaborada por Myron Sharaf.

No final do ano de 1934, Reich não pertencia mais ao Partido Comunista nem à Psicanálise. A ruptura com a psicanálise fez com que ele se distanciasse de muitos amigos e colegas. Ilse (1969) observa que, o sentimento de solidão e de não ter um lugar para seu trabalho, deve ter sido muito forte para Reich. Segundo a autora, é possível supor que uma pessoa mais frágil teria desmoronado completamente diante dos fatos, mas Reich lançou-se, com sua energia e otimismo, na construção de um percurso autônomo. A princípio, residiu por cerca de cinco anos na Noruega e, em 1939, mudou-se para os Estados Unidos, onde permaneceu até sua morte.

Os primeiros anos vividos em Oslo foram pacíficos. Sharaf (1983), refere-se ao período como estando entre os anos mais felizes da vida de Reich. Segundo Ilse (1969), a atmosfera era casual, em contraste com o clima bem mais formal que prevaleceu durante sua residência nos Estados Unidos. Os psiquiatras e psicoterapeutas escandinavos mostravam-se interessados em trabalhar com Reich em suas contribuições à psicoterapia.

Reich unia em seu trabalho inúmeros aspectos: sessões terapêuticas, realização de cursos, atividades em laboratório e o interesse pela psicologia social. Enquanto residia na Noruega, escreveu diversos artigos sobre psicologia política e economia sexual, além de textos relatando suas atividades experimentais. Para ele, tal junção era óbvia, no entanto, aqueles que olhavam de fora, não compreendiam dessa forma e, na maioria das vezes, não

conseguiam ter um entendimento do universo reichiano como um todo, já que esse envolvia conhecimentos de diversos âmbitos.

A princípio, Reich foi convidado pelo diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Oslo para dar palestras na instituição. Poucos meses depois, as instalações da organização foram postas à sua disposição, possibilitando que ele, unindo conhecimentos de biologia e física, iniciasse suas pesquisas laboratoriais a respeito da natureza bioelétrica da sexualidade e da angústia. Como consequência de suas investigações, ele descobriu a existência de uma energia que, de início, chamou de bioeletricidade.

Suas atividades experimentais, que tiveram início na Noruega, depois continuaram sendo desenvolvidas em solo americano. Segundo os relatos de Ilse (1969), para a censura do meio psiquiátrico e psicanalítico, ele deveria, enquanto psiquiatra, manter-se afastado dos problemas somáticos. Sua resposta era que o conceito de energia não podia conceber uma cisão, ao contrário, tinha que considerar o homem como uma função biológica unificada entre soma e psique. Com essa afirmação, Reich deixava clara a sua convicção do homem como unidade funcional soma-psiquê.

Seus colegas noruegueses, que eram maravilhados com suas descobertas anteriores, não se interessavam por suas pesquisas empíricas. Segundo Sharaf (1983), Reich pediu diversas vezes que eles olhassem e apreciassem seus achados, mas eles confessavam que eram ignorantes naquele assunto e que não poderiam dar-lhe suporte intelectual. Dessa forma, cada vez mais Reich se sentia incompreendido pelas pessoas próximas a ele.

Após participar de uma discussão, na Associação Psiquiátrica de Oslo, a respeito de sua teoria econômico-sexual, deu-se início a uma campanha difamatória contra Reich. Ele foi acusado de fazer uso das teorias do antropólogo Malinowski de forma inadequada, em defesa de seus interesses particulares. O próprio Malinowski pronunciou-se deixando claro que era contra tais acusações, mas isso não alterou o quadro. A justificativa encontrada por Ilse (1969) para o surgimento dos ataques, foi que as autoridades norueguesas temiam que sua moral diante dos jovens fosse enfraquecida pelas concepções reichianas. A campanha intensificou-se em 1937, após Reich ter publicado um artigo acerca de suas descobertas laboratoriais. Segundo Ilse (1969), as



acusações não eram pautadas em argumentos científicos ou feitas em jornais científicos, mas eram publicadas em jornais quaisquer, tendo como base mentiras e meias verdades.

Os colegas de Reich tentaram esclarecer as calúnias que estavam sendo divulgadas sobre ele, como, por exemplo, que não era médico e que não tinha embasamento em psicanálise. No entanto, os meios de comunicação se mostraram a favor dos ataques que eram feitos contra o pesquisador. Ele, por sua vez, recusou-se a justificar suas ações publicamente. Sobre seu posicionamento diante dos fatos, Ilse ressalta:

É um dos trágicos aspectos da vida de Reich e um dos mais tocantes que, quando quer que ele se deparasse com ataques irracionais contra si e seu trabalho, ele acreditava que o poder da verdade venceria no final. Ele não quis se rebaixar ao nível dos que lhe atacavam e não queria que ninguém o defendesse das acusações (I. Reich, 1969, p. 44).

Outro aspecto característico do comportamento reichiano, de acordo com a visão da sua terceira esposa, era o fato de que quando ele não reagia às provocações externas, acabava descontando suas insatisfações em pessoas próximas a ele, como suas esposas e seus colegas. Não teria sido diferente nesse período. Por esse motivo, quando mudou-se para os Estados Unidos, Elza Lindenberg, sua segunda companheira, decidiu não acompanhá-lo.

Diante dos acontecimentos, ele percebia que a Noruega não era um ambiente adequado para seu trabalho, então, surgiu uma possível solução para seu problema. Um psiquiatra, Theodore P. Wolfe, que vinha desenvolvendo pesquisas sobre a psicossomática, veio dos Estados Unidos com a finalidade de estudar com Reich. Percebendo o clima em Oslo, Wolfe sugeriu que Reich se mudasse para os Estados Unidos, onde ele encontraria um ambiente mais agradável para desenvolver seu trabalho. A ideia foi bem vista por Reich. Wolfe, então, conseguiu que ele fosse convidado para lecionar na New School for Social Research, o que facilitou a liberação do visto de permanência no país. Dessa forma, com os visto em mãos, em agosto de 1939, Reich deixou a Noruega e seguiu para os Estados Unidos (Sharaf, 1983).

O pesquisador alimentava expectativas positivas quanto ao seu estabelecimento no novo país. Um psiquiatra americano, Walter Briehl, com quem tivera contato enquanto residia em Viena e em Berlim, foi, junto com Wolfe, recepcionar Reich em sua chegada. De acordo com os relatos de Sharaf (1983), chamou a atenção de Briehl a aparência deprimida de Reich e o quanto ele tinha envelhecido nos últimos anos.

De início, Reich decidiu não traduzir suas obras anteriores para a publicação nos Estados Unidos. Como uma forma de traçar seu percurso, em 1942, publicou o livro *A função do orgasmo* (1942/1995). A obra apresenta uma mistura entre a vida pessoal e o trabalho teórico-prático do autor, desde a graduação em medicina até o período de sua publicação.

Para estabelecer sua nova vida, era importante formar um círculo de pessoas ao seu redor. Um bom recurso foi seu curso na New School for Social Research, dado na primavera de 1940 e novamente na primavera de 1941. Das várias pessoas que compareceram, cerca de oito a dez tiveram um interesse mais profundo no trabalho de Reich. O período de sua vida entre 1942 e 1945 foi extremamente calmo. Muitas pessoas buscaram fazer terapia com ele, mas, por outro lado, ele teve poucos colegas. Segundo Ilse (1969), a relação de Reich com aqueles com quem conviveu nessa época era amigável, porém formal. Nesse período, alguns amigos de Viena vinham visitá-lo, mas eles não estavam, de forma alguma, em sintonia com o trabalho de Reich, o que favoreceu o afastamento do pesquisador dos seus amigos de longa data.

Logo que Reich chegou em Nova York, alugou uma casa onde, além de morar, também desenvolveu suas atividades profissionais. Os cômodos da casa foram utilizados para montar um ambiente adequado para seus experimentos, o que, segundo Sharaf (1983), refletia seu crescente compromisso com as pesquisas laboratoriais. No novo país, a terapia ocupou cada vez um lugar menor em sua preocupação profissional e seu foco de interesse era a biologia, a física e a educação. Uma vez estabelecido nos Estados Unidos, Reich entrou num período silencioso de trabalho e de um viver totalmente envolvido com a pesquisa científica.

Em 1941, Reich conseguiu comprar uma casa na mesma região em que já vivia e saiu da residência alugada. A segunda casa também supria as

necessidades do trabalho reichiano. Além da residência em Nova York, adquiriu uma propriedade rural no Maine. De acordo com sua então esposa, a casa de Nova York era o centro terapêutico e organizacional, e a casa do Maine foi o centro de sua pesquisa científica. A princípio, Reich passava as férias no Maine, nos últimos anos de sua vida, mais especificamente em 1950, foi residir permanentemente na propriedade, onde continuou desenvolvendo suas atividades profissionais.

Pouco depois de sua chegada nos Estados Unidos, em outubro de 1939, Reich conheceu Ilse, que era amiga de sua assistente de laboratório. Ilse tornou-se sua terceira esposa e o casal passou a morar junto em dezembro do mesmo ano. O casamento só foi oficializado em 1946. No início de 1940, Ilse começou a trabalhar com Reich. Em seus relatos fica claro como vida familiar era totalmente envolvida pelo trabalho.

Como fruto da relação, em 1944 nasceu Peter, o terceiro filho de Reich. O fato foi bastante significativo e influenciou o decorrer do percurso profissional reichiano, fazendo com que o foco de interesse do pesquisador se voltasse para as crianças. Foi mergulhado nesse assunto, que Reich criou o *Orgonomic Infant Research Center (OIRC)*, onde pôs em prática o projeto *Crianças do Futuro*, o qual é o tema central desta pesquisa e será esmiuçado adiante. No momento, cabe situar o leitor que a meta dessa iniciativa era, em última instância, prevenir as neuroses e tentar possibilitar que as gerações futuras fossem mais saudáveis do que as daquele período.

Dando continuidade a seus experimentos laboratoriais, Reich percebeu que não conseguiria explicar suas descobertas com base em teorias já conhecidas. Foi então que postulou a existência de uma energia primordial, que estaria presente nos seres vivos, na atmosfera, em todo o universo, por toda a parte e deu à mesma o nome de energia orgone. Desde então, passou a chamar de *Orgonomia* a sua abordagem teórico-prática. Prosseguindo suas pesquisas, ao estudar sobre a desintegração da matéria, o pesquisador foi levado a explorar o problema do câncer. De acordo com Ilse (1969), não foi difícil para ele encontrar uma conexão entre as emoções, a estase energética, o tecido desintegrado e o desenvolvimento do câncer. Como decorrência de seus achados, criou uma caixa na qual acreditava que poderia isolar essa

energia e deu ao objeto o nome de Acumulador de Orgone. Reich fez uso do Acumulador de Orgone, dentre outras coisas, como instrumento para auxiliar no tratamento de pessoas com câncer.

Uma reviravolta aconteceu em sua trajetória quando, em 1947, a jornalista Mildred Edie Brandy publicou em jornais de grande circulação dois artigos difamando Reich e seu trabalho. Segundo Sharaf (1983), Brandy fez críticas severas ao trabalho desenvolvido pelo pesquisador e insinuou que ele era um vigarista megalomaniaco. Muitos escritores posteriormente reproduziram o que a jornalista havia publicado, sem confirmar se aquilo era condizente ou não com os fatos. Assim, tal como aconteceu na Noruega, iniciou-se uma campanha difamatória contra Reich nos Estados Unidos.

A Food and Drug Administration (FDA), órgão responsável por averiguar os gêneros alimentícios e medicamentosos do país, tomando conhecimento das acusações, resolveu investigar o que se passava. Como desfecho dessas investigações, que também envolveram questões políticas e pessoais, o FDA abriu um processo contra o uso dos Acumuladores de Orgone e em seguida proibiu o uso do instrumento. Com o desenrolar dos acontecimentos, vale enfatizar novamente que a investigação foi consideravelmente permeada por fatores políticos e pessoais (Sharaf, 1983), Reich foi preso em março de 1957. Alguns meses depois, no dia 3 de novembro do mesmo ano, ele foi encontrado morto dentro de sua cela, vítima de um ataque cardíaco.

### 3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO

Neste capítulo pretendemos elaborar uma exposição detalhada dos escritos que elegemos como pertencentes à iniciativa Crianças do Futuro. Como já foi dito, com o intuito de acompanhar o desenvolvimento do pensamento do reichiano sobre o assunto, tentamos ordenar os textos cronologicamente, considerando o ano em que foram escritos e a data da publicação original.

#### 3.1 Maus tratos aos bebês

O artigo em estudo neste tópico, *Maltreatment of infants* (1984g) – *Maus tratos aos bebês* –, foi publicado pela primeira vez no ano de 1984, vinte e sete anos após a morte de Wilhelm Reich, como um capítulo do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*.

Não temos a data exata em que ele foi escrito. Alguns aspectos, como o conteúdo do mesmo e o fato de o autor relatar o que observou em um período de várias semanas em Nova York, nos levam a pensar que o texto foi elaborado quando Reich já morava nos Estados Unidos, após agosto de 1939. Além disso, em nota de rodapé, Reich faz referência ao livro *A função do orgasmo* (1942/1995), que fora publicado originalmente em 1942. Assim, percebemos que o texto em questão foi publicado após 1942. Podemos supor, que a atenção de Reich estava voltada para o assunto no contexto do nascimento de seu terceiro filho, em 1944.

Em 1949, Reich fundou o OIRC. O tema apresentado no escrito tem muita relação com as ideias que embasaram o OIRC. No entanto, o Centro não é citado no *Maltreatment of infants* (1984g) – *Maus tratos aos bebês*. A partir dessas evidências, temos como hipótese que o texto teria sido elaborado entre 1944, após a publicação de *A função do orgasmo* (1942/1995), no período do nascimento de seu filho, e 1949, antes da criação do OIRC.

No texto em questão, Reich (1984g) parte da ideia de que os educadores muitas vezes têm atitudes que são maléficas à saúde do bebê e da

criança. Segundo ele, tudo começaria com a crença por parte dos educadores de que tinham que corrigir alguma característica do desenvolvimento do bebê ou da criança. O aspecto a ser endireitado, em todos os casos, implicava em desviar ou alterar o crescimento natural do ser humano.

De acordo com Reich (1984g), tais ideias eram determinadas por questões irracionais e não pelo cuidado com as crianças e bebês. Assim, baseando-se em suas crenças irracionais, os educadores criavam medidas que interferiam no curso do desenvolvimento. Para sustentar suas atitudes, os adultos se apoiavam em justificativas técnicas e científicas que explicavam se tratar da melhor conduta a ser adotada. No entanto, para o autor, tais explicações não eram fiéis ao que de fato acontecia. Os bebês e crianças sofriam graves danos físicos e psíquicos como consequência das intervenções dos educadores. Para Reich, era um grande equívoco insistir nesses comportamentos. Em suas palavras:

Nós devemos promover e não impedir as funções naturais do corpo. Os bons médicos de outrora, com muitos anos de experiência, afirmavam que o primeiro princípio da arte da medicina era “não causar dano” e somente intervir quando a própria natureza não podia superar as lesões (Reich, 1984g, p. 139).

Chamamos atenção ao fato de que Reich, ao longo dos textos selecionados para compor esta pesquisa, frequentemente faz uso dos conceitos de natureza ou natural, estes aparecem com o sentido de algo vital ou primário. Para o autor, o ser humano deveria se pautar no que havia de mais primário, essa seria a única forma de garantir, ou melhor, preservar a saúde. Ele entendia que o homem tinha a predisposição para ser saudável, bastaria seguir o fluxo vital do desenvolvimento, em outras palavras, respeitar a autorregulação, capacidade inata de todo humano. Para ele, quanto mais o indivíduo se mantivesse próximo da natureza, mais benefícios ele teria.

Como exemplo das atitudes que acreditava serem danosas, Reich relata três situações. Em todos os casos, as intervenções por parte dos cuidadores, que implicavam em desviar o bebê ou a criança de seu caminho natural, teriam grande chance de causar danos a esses pequenos.

A primeira situação seria a prática de tentar desdobrar os joelhos naturalmente dobrados dos bebês. De acordo com o autor, os médicos e as mães acreditavam que os joelhos dobrados deveriam ser corrigidos. O temor dos adultos era de que as pernas ficassem tortas caso não interferissem. Assim, era comum enfaixar os bebês por completo, “como uma múmia” (Reich, 1984g, p. 136), para tentar endireitar a suposta falha. Para o autor, a prática teria sido abolida pois os educadores, após causarem graves danos ao desenvolvimento psíquico dos bebês, perceberam que a criança aprende a andar mesmo que enquanto bebê sua perna seja mantida flexionada.

A segunda situação descrita por Reich como prejudicial seria a de controlar de forma rígida a alimentação do bebê. De acordo com o autor, logo após a abolição da primeira situação, instalou-se esse segundo comportamento. Ele condena a opinião de pediatras europeus que negavam a função de prazer infantil, tais profissionais postulavam que os bebês deveriam mamar um número fixo de vezes e por um período exato de tempo. Os bebês não poderiam mamar quantas vezes desejassem nem por um período indeterminado. Aqui, de acordo com a concepção reichiana, os bebês também sofriam graves conseqüências como distúrbios intestinais.

O terceiro comportamento prejudicial citado por Reich seria o ato de amarrar as mãos de bebês e crianças para evitar que elas chupassem o dedo ou tocassem nos seus genitais. A única razão que de fato justificaria tal medida seria impedir que os adultos lembrassem de seus desejos de sugar e de se masturbar que tiveram na infância.

No decorrer do texto, Reich (1984g) critica o comportamento dos cuidadores e se refere a tais ações usando os termos: “tortura”, “maus tratos”, “crueldade”, “massacre”, “imposição ditatorial” (pp. 136-139).

Em todas as situações, o autor demonstra que os pequenos, vítimas das crueldades, não estariam aptos a expressar suas insatisfações e desconfortos de forma clara, eles ainda não falavam. Mesmo assim, eles protestavam por meio de choro, gritos, lamentos. No entanto, tais demonstrações não garantiam que a situação mudasse. Reich nos dá a entender que os bebês não eram ouvidos em suas necessidades. Como consequência, sofriam graves danos em seu desenvolvimento físico e emocional.

Pelo que foi relatado, podemos pensar que esses três comportamentos eram comuns na época em que escreveu o texto, não se tratava de algo surpreendente para o período. O autor não estava narrando nenhuma novidade no que diz respeito às medidas tomadas pelos educadores. O que ele trazia de novo era a interpretação de tais situações e o foco dado às motivações inconscientes que levavam os adultos a adotarem essas medidas.

Pensamos que o que motivou o autor a escrever o texto foi a constatação de um “novo e atualizado método de massacre” (Reich, 1984g, p. 137) que ele observara por diversas semanas em Nova York. Seria um novo e curioso fenômeno que se enquadraria no rol dos outros três já citados. Segundo Reich (1984g), nos dias de sol, as mães costumavam levar seus bebês para passear em seus carrinhos. O que chamou a atenção do autor foi o fato dos bebês estarem deitados de bruços. A princípio ele pensou que se tratava de algo casual, mas à medida que o fenômeno se repetia, passou a acreditar que era “outra dessas manias esporádicas e, ao mesmo tempo, endêmicas, que visam corrigir a natureza de uma maneira moderna, usando meios ‘técnicos e científicos’” (Reich, 1984g, p. 136).

Assim como nas três primeiras ações citadas, nessa última os bebês também tentavam alterar a situação e demonstravam seus desconfortos por meio de uma linguagem não-verbal.

Eles se esforçavam para erguer a cabeça, mas caíam novamente sobre o travesseiro. Os músculos dorsais estavam tensos. Alguns desses bebês choravam, outros gemiam e um terceiro grupo ficava expressando sons de desespero devido ao esforço físico que tinham que fazer (Reich, 1984g, p. 136).

Para ele, o ato era danoso aos bebês. Os pequenos eram obrigados a ficar olhando para o travesseiro, ao invés de olhar a paisagem e o que se passava a sua volta. Reich acreditava que a atitude também prejudicava o desenvolvimento físico do bebê. “Em lugar de permitir que o bebê mantenha sua curvatura côncava natural da coluna vertebral, as pessoas estão preocupadas com os ‘músculos dorsais’”, (Reich, 1984g, p. 138). A seu ver, a ação poderia contribuir para o desenvolvimento de uma lordose já na infância.



No entanto, os cuidadores encontravam uma justificativa técnica para explicar a ação. “Se perguntarmos o motivo desta tortura, a resposta será: ‘esta posição ajuda a fortalecer os músculos do pescoço e das costas’” (Reich, 1984g, p. 138). Mais uma vez o autor alerta que tais explicações não correspondem ao que de fato acontecia aos bebês.

Reich aponta para uma relação entre a postura física que o bebê é obrigado a adotar e a postura crônica dos adultos. Desde cedo, os bebês endureceriam os músculos de certas partes do corpo, como o pescoço, as costas e o sacro. Seria esse enrijecimento o responsável por algumas doenças crônicas encontradas nos adultos, como reumatismo, lumbago, lordose e escoliose. Coincidentemente, ele constatou que tal postura iria de encontro ao reflexo do orgasmo. Vale lembrar que na teoria reichiana, o alcance do reflexo do orgasmo é um critério para determinar se o indivíduo está vitalizado. Sendo assim, de acordo com os parâmetros reichianos, na medida em que a postura começava a ser cronificada nos bebês, o que dificultaria o reflexo orgástico, ela poderia ser compreendida como bastante prejudicial à saúde.

Diante de suas percepções, o autor insiste que tais medidas artificiais, que interferem nas funções naturais do corpo, deveriam ser eliminadas. Reich pensa que atitudes deveriam ser tomadas para combater o novo costume de colocar os bebês de bruços no carrinho.

Parece urgente agir imediatamente com uma propaganda médica e pedagógica clara e decidida para acabar com este último cuidado solícito com o desenvolvimento infantil natural. Se, no entanto, ocasionalmente um bebê sente-se mais confortável de bruços, deve-se permitir que fique assim. Mas deve-se acabar imediatamente com esta imposição ditatorial da posição de bruços; caso contrário surgirá uma nova geração de tipos neuróticos, até então desconhecidos (Reich, 1984g, p. 139).

É interessante perceber que o desenvolvimento seguindo o fluxo vital de cada indivíduo é sempre priorizado. O sensível observador deixa claro que as ações por ele propostas não serão necessariamente adequadas a todos os bebês, e que nesse caso, deve-se perceber quais são as preferências de cada bebê e respeitá-las.

Reich encerra o texto chamando atenção para a necessidade de atitudes comunitárias que esclareçam a ação inadequada dos educadores. O intento seria, em última instância, impedir a propagação de tais atitudes vistas pelo autor como inapropriadas e prejudiciais aos bebês e crianças.

### 3.2 Angústia de cair em um bebê de três semanas

Esse escrito foi publicado originalmente em 1945, como parte integrante do texto *Anorgonia na biopatía carcinomatosa de encolhimento* (1945/2009b), no periódico *International Journal of Sex-Economy and Orgone-Research* (*Jornal Internacional de Economia Sexual e Pesquisa Orgonômica*). O *International Journal of Sex-Economy and Orgone-Research*, “considerado como órgão oficial do International Institute for Sex-Economy and Orgone-Research, foi publicado regularmente pela Orgone Institute Pres entre 1942 e 1945, tendo como diretor o próprio Wilhelm Reich, e, como editor, Theodore Wolfe” (Matthiesen, 2007, p. 208).

Três anos após a primeira edição de *Anorgonia na biopatía carcinomatosa de encolhimento* (1945/2009b), o livro *A biopatía do câncer* (1948/2009c) foi publicado pela primeira vez. Então, o texto *Anorgonia na biopatía carcinomatosa de encolhimento* (1945/2009b) foi novamente publicado, agora como um capítulo do livro *A biopatía do câncer* (1948/2009c). Na edição do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* –, o escrito *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas* –, compôs o livro como o sétimo capítulo.

Nesta pesquisa, no que diz respeito ao escrito em questão, faremos uso do texto que compõe a edição brasileira do livro *A biopatía do câncer* (1948/2009c). Assim, as citações serão referentes ao texto presente em *A biopatía do câncer* (1948/2009c).

Resolvemos fazer a exposição do texto em três partes. A princípio abordaremos as considerações a respeito das crianças de uma forma geral e

da importância do contato de qualidade entre os cuidadores e as mesmas, que o autor enfatizou veementemente. Em seguida falaremos do menino observado por Reich, da angústia de cair vivenciada por ele em sua terceira semana de vida e das explicações que o autor encontrou para compreender o fenômeno. Por fim, apresentaremos o desenvolvimento de sua teoria a respeito das biopatias carcinomatosas e a ligação da mesma com o desenvolvimento infantil.

No texto focalizado por nós anteriormente, *Maltreatment of infants* (1984g) – *Maus tratos aos bebês* –, Reich descreve algumas medidas adotadas pelos adultos que causavam danos às crianças. Como exemplo, fala da rigidez com que se controlava a alimentação dos bebês, do ato de amarrar as mãos das crianças para que elas não chupem o dedo ou toquem seus genitais, dentre outras.

Em contrapartida, no artigo *Angústia de cair em um bebê de três semanas* (1945/2009a), o autor explica que seu foco não será nos diversos tipos de cuidados prejudiciais aos bebês praticados pelos educadores, mas que sua atenção será voltada à discussão de uma determinada influência danosa que ocorre nas primeiras semanas de vida do bebê: trata-se da “ausência de contato orgonótico, de natureza diretamente física ou psicológica, entre o bebê e a pessoa que toma conta dele” (Reich, 1945/2009a, p. 394 – grifos originais).

Com a finalidade de compreendermos melhor o que é contato orgonótico e, conseqüentemente, o que significa a falta do mesmo, buscamos a gênese de tal noção na obra reichiana. Para isso, pesquisamos o conceito no artigo *Contato psíquico e corrente vegetativa* (1935/2004b), presente no livro *Análise do caráter* (2004a). Neste momento, explicitaremos uma síntese do levantamento que foi feito, em seguida retomarmos a exposição do texto *Angústia de cair em um bebê de três semanas* (1945/2009a).

Em *Contato psíquico e corrente vegetativa* (1935/2004b), Reich parte do pressuposto de que o psiquismo seria resultado do choque entre as exigências pulsionais, que buscam por objetos externos, e a frustração externa das demandas pulsionais. Com o decorrer do tempo, as influências sociais seriam introjetadas e o conflito passaria a ser interno.

Como resultado da pressão exercida pela força frustrante do meio, se desenvolveria uma antítese no interior no sujeito. A pulsão, que antes era dirigida apenas para o mundo externo, se dividiria em duas partes: uma continuaria em direção ao meio e a outra se voltaria contra a própria pessoa. Dessa maneira, existiriam dois caminhos fundamentais do aparelho psíquico: ir para o mundo ou afastar-se dele, voltando-se então contra o próprio indivíduo.

Vendo por esse ângulo, as pulsões do ego nada mais seriam do que as exigências vegetativas agindo de forma defensiva. A força que recalca e a força recalçada, apesar de se oporem, não eram separadas. Reich (1935/2004b) explicou que a mudança de função em uma exigência pulsional do ego e o funcionamento simultâneo a serviço do id e da defesa do ego, seriam fenômenos gerais.

A partir dessa concepção, o teórico compreendeu que entre as exigências vegetativas recalçadas e as forças de defesa recalçadoras, existiria um fenômeno intermediário: a falta de contato. Reich (1935/2004b) relatou que o resultado do impedimento do fluxo vegetativo era a angústia, um movimento de arrastar-se para dentro de si e o desenvolvimento de um bloqueio contra o contato. A falta de contato, por situar-se entre duas forças opostas, parecia ser imóvel. No entanto, o autor evidencia que a aparência estática do fenômeno seria resultado do equilíbrio gerado entre a oposição das forças pulsional e frustrante. Ao definir a falta de contato, o analista diz tratar-se de algo universal, assim também como a mudança da função da pulsão.

Com a finalidade de explicar a ausência de contato, o autor traçou o modelo do funcionamento psíquico de forma simplificada: uma camada recalçada, outra camada que recalca e entre ambas a falta de contato. Porém, ele explica que o processo não é tão simples. Em suas palavras:

Nessa formulação, porém, desprezamos o fato de o aparelho psíquico neurótico não consistir em *uma* pulsão evitada e em *uma* pulsão que evita, mas num número infinito de empenhos que estão em parte dissociados e em parte dispostos uns contra os outros. [...] É muito provável, na verdade, que todas as tendências psíquicas estejam dissociadas em pulsões que operam ao mesmo tempo “em direção ao mundo”, “para longe do mundo” e *umas* contra as *outras*. Em resumo, o quadro obtido é

uma complicada *teia* de forças (estrutura da couraça), na qual os elementos que evitam e os que são evitados não estão nitidamente separados, como gostaríamos. Mas esses elementos estão enredados de maneira extremamente irregular (Reich, 1935/2004b, p. 295 – grifos originais).

Ainda em relação à questão do contato, o autor define que quanto mais a motilidade vegetativa fosse reprimida na infância, maiores seriam as dificuldades futuras que o sujeito encontraria para desenvolver relações com o mundo, com seus objetos de amor e com a realidade de forma geral. Assim, seria mais fácil para o indivíduo isolar-se e resignar-se. Essa pessoa desenvolveria o que Reich chamou de relações substitutas ou contatos substitutos. O sujeito teria uma vida substituta, que seria “improdutiva, congelada em formas e fórmulas rígidas, desprovida de frutos como uma planta seca” (Reich, 1935/2004b, p. 304). Para o autor:

uma das experiências mais trágicas das crianças resulta do fato de que, numa idade terna, nem todos os sentimentos e desejos podem ser expressos e verbalizados. A criança tem de encontrar uma outra maneira para que seja compreendida a condição psíquica que não consegue expressar. Mas os pais e os professores, sendo o que são, raramente são capazes de adivinhar o que se passa com ela. Em vão a criança faz seu apelo, até que, por fim, desiste da luta pela compreensão e fica paralisada e anestesiada. [...] O caminho entre o sentir-se vivo e o morrer interiormente é pavimentado com decepções no amor, que constituem a causa mais freqüente e poderosa da morte interna (Reich, 1934/2004b, pp. 298-299).

Assim, na ótica reichiana, diante da falta de compreensão por parte do meio, restaria ao indivíduo fechar-se, isolar-se e desenvolver contatos superficiais.

Após termos sintetizado o que Reich expõe sobre a noção de contato no artigo *Contato psíquico e corrente vegetativa* (1935/2004b), retomaremos nossa apreciação do texto *Angústia de cair em um bebê de três semanas* (1945/2009a), no qual o autor irá debruçar-se sobre o tema da falta de contato orgonótico entre o bebê e o seu cuidador.

É importante explicitar que, nessa fase de sua elaboração teórica, o autor dá o nome de orgone a uma energia primordial, que estaria presente em todo o universo. Na concepção reichiana, tal energia “existe necessariamente na atmosfera, está por toda parte, universal, onipresente” (Daudon, 1975/1991, p. 326). O orgone seria uma “energia cósmica primordial; universalmente presente e demonstrável visualmente [...] No organismo vivo: energia biológica. Descoberta por Reich entre 1936 e 1940” (Maluf Jr., 2009, p. 158). Por esse motivo, em seu artigo *Angústia de cair em um bebê de três semanas* (1945/2009a), Reich passa a usar a expressão “contato orgonótico”, em consonância com a descoberta da energia orgone.

Para Reich, um bom contato só seria alcançado se o adulto estivesse energeticamente disponível. Ao mesmo tempo, o estabelecimento do contato orgonótico era a única forma de compreensão das demandas do bebê e só assim tais demandas poderiam ser satisfeitas. Reich explica que a capacidade de entender a expressão emocional do bebê depende da proximidade do contato orgonótico, ou seja, quanto mais próximo e completo for o contato, melhor será a compreensão.

O contato orgonótico acontece quando o cuidador capta a expressão dos gestos do bebê e, “se seu próprio organismo estiver livre e emocionalmente expressivo” (Reich, 1945/2009a, p. 395), ele poderá compreender o pequeno. Tal aspecto nos remete ao conceito reichiano de sensação de órgão, descrito no artigo *A linguagem expressiva da vida* (1949/2004d).

Nesse escrito, o então orgonomista expõe as limitações da fala e enfatiza a importância dos movimentos expressivos do corpo, que estariam diretamente conectados às expressões emocionais. Para ele, os conceitos verbais não abrangeriam a totalidade do organismo, uma vez que esse último teria um funcionamento que ultrapassaria a linguagem falada. Segundo Reich (1949/2004d), as palavras eram limitadas e muitas vezes não alcançavam os movimentos do ser vivo. “O organismo vivo possui uma linguagem expressiva própria, antes de, para além de, e independente de toda a linguagem verbal” (Reich, 1949/2004d, p. 333).

O autor não exclui o fato de a fala, muitas vezes, derivar das sensações percebidas por órgãos do corpo e de descrever estados emocionais que correspondem ao movimento expressivo do organismo. No entanto, o verbal não seria capaz de alcançar o estado emocional como um todo. Além de não abranger a totalidade dos fenômenos do vivo, Reich expôs que a fala também serve como função de defesa contra o acesso às sensações. “Em muitos casos, a função da fala deteriorou-se a tal ponto que as palavras não expressam nada e apenas representam uma atividade, vazia e contínua, por parte da musculatura do pescoço e dos órgãos da fala” (Reich, 1949/2004d, p. 334).

Pensando de tal forma, o orgonomista explica que, na relação terapêutica, a palavra só deve ter espaço quando representa os movimentos do organismo. A partir de então, o orgonoterapeuta poderia “sentir” a expressão do paciente. É aqui que entra o conceito de sensação de órgão, seria a capacidade de sentir a emoção do outro, de vivenciar em seu próprio organismo exatamente aquilo que está se passando no outro organismo. Nas palavras do orgonomista:

Os movimentos expressivos do paciente provocam involuntariamente *uma imitação* no nosso próprio organismo. Imitando esses movimentos, “sentimos” e compreendemos a expressão em nós mesmos e, conseqüentemente, no paciente. Visto que todo movimento expressa um estado biológico, isto é, revela um estado emocional do protoplasma, a linguagem da expressão facial e corporal torna-se um meio essencial de comunicação com as emoções do paciente. [...] Quando usamos o termo “atitude de caráter”, temos em mente a *expressão total* de um organismo, e esta é *literalmente idêntica à impressão total* que o organismo provoca em nós. (Reich, 1949/2004d, p. 335 – grifos originais).

Voltando ao *Angústia de cair em um bebê de três semanas* (1945/2009a), outro fator enfatizado por Reich foi que as demandas dos pequenos são individuais, não são gerais para todos eles. Cada criança é única, tem que ser vista e compreendida em sua particularidade, sua expressão emocional individual deve ser reconhecida. Só assim seria possível satisfazer as necessidades do bebê. Contudo, mesmo reconhecendo a

expressão emocional particular do bebê, não é simples identificar a exigência do mesmo, “o que exatamente ele quer nem sempre é fácil de saber” (Reich, 1945/2009a, p. 395).

Resumidamente, seria fundamental para a preservação da saúde do bebê que fosse estabelecido um contato orgonótico entre ele e seus cuidadores. Esta seria a única possibilidade do bebê ser compreendido em suas necessidades individuais. Ainda assim não se tratava de uma tarefa fácil.

Assim sendo, o autor expõe que as necessidades da criança não poderiam ser satisfeitas por meio de um cuidado exclusivamente mecânico. Pensamos que, de acordo com a concepção reichiana, o adulto teria que estar envolvido, ligado, conectado, implicado. Não bastaria estar fisicamente presente, seria necessário misturar-se. Isso só seria possível se o educador estivesse em contato.

Um fenômeno explorado por Reich a partir de sua concepção de contato orgonótico foi a amamentação. Ele fala do ato de amamentar e de como o mesmo desempenha um papel fundamental na relação entre mãe e filho.

De acordo com a descrição do autor, os lugares mais significativos de contato do corpo do bebê são a boca e a garganta, pois nessa fase são altamente carregados bioenergeticamente. Por esse motivo, o bebê naturalmente irá buscar uma satisfação dessa região corporal desde seus primeiros momentos de vida. A amamentação seria o ato no qual a boca e a garganta estariam plenamente envolvidas. No entanto, a busca do bebê pode ou não ser uma experiência prazerosa, isso vai depender da disponibilidade materna.

*Se o mamilo da mãe reagir aos movimentos de sucção do bebê de maneira biofísicamente normal, com sensações de prazer, ficará fortemente ereto e a excitação orgonótica do bico se fundirá com a excitação da boca do bebê, até que ambas se tornem uma coisa só, de modo semelhante ao que ocorre no ato sexual orgasticamente gratificante, em que os genitais do homem e da mulher luminam e se fundem orgonoticamente (Reich, 1945/2009a, p. 394 – grifos originais).*

Esse contato vitalizado entre a mãe e o filho é fundamental para um bom funcionamento do corpo do bebê. Uma mãe emocionalmente disponível se



sentiria confortável e realizada com o estabelecimento de um contato orgonótico com seu filho. Reich explica que para uma mãe saudável, a amamentação é sentida como prazerosa, e não como algo aversivo.

No entanto, essa não seria a experiência vivenciada pela grande maioria das mães. Segundo Reich (1945/2009a), cerca de 80% das mulheres percebiam a amamentação como algo desagradável. O fato seria consequência de que essas mulheres sofreriam de “anestesia vaginal e frigidez. De modo correspondente, os seus mamilos são anorgonótico, isto é, ‘mortos’” (Reich, 1945/2009a, p. 394). Assim, a mãe desenvolveria angústia ou repulsa àquilo que deveria ser sentido naturalmente como uma sensação de prazer.

O autor explica que uma mama sem vida também altera a produção de leite. Uma mãe sem disponibilidade não dá conta das necessidades do filho. Em meio a essa situação, a experiência do bebê não será satisfatória. Seu desenvolvimento será exposto a diversas influências danosas.

Outro fenômeno discutido por Reich (1945/2009a) com base em seu conceito de contato orgonótico foi o “autismo infantil”, a característica dos bebês serem fechados, ensimesmados, retraídos. O autor reconhece que os bebês eram, em sua maioria, introspectivos. Mas, o que ele traz de novidade é que esse comportamento infantil não seria natural, ao contrário do que, segundo Reich, era difundido na época; mas um produto das interferências dos adultos. O autor defendeu tratar-se de algo artificial, construído pela carência de contato orgonótico do bebê com o mundo.

Se o adulto é encorajado, estabelece regras rígidas e não proporciona ao bebê um ambiente acolhedor, é provável que o pequeno não interaja com o mundo. Ao contrário, caso o bebê se depare com um contato orgonótico, a resposta dele será outra.

Enquanto familiares, médicos e educadores abordarem os bebês com comportamentos falsos e rígidos, opiniões inflexíveis, condescendência e intromissão em vez de contato orgonótico, os bebês continuarão sendo silenciosos, retraídos e apáticos, “autistas”, “esquisitos” e, posteriormente, “animaizinhos selvagens”, que os doutores sentem que devem “domesticar” (Reich, 1945/2009a, p. 401).

Assim, além de gerar crianças com atitudes arredias, os educadores sentiriam a necessidade de domar aquele comportamento por eles gerado. O autor explicou que cerca de 90% da população daquela época não estaria atenta a isso, o que culminaria em prejuízos ao funcionamento bioenergético das crianças.

De forma geral, o que acontecia era uma impossibilidade de compreensão por parte dos adultos da vitalidade das crianças. Reich explica que o bebê requer vivacidade de seu ambiente e que só por meio do estabelecimento de um ambiente vivo poderão ser desenvolvidos os potenciais do ser humano. No entanto, como não era isso o que vinha acontecendo, o que os bebês apresentavam naquele período eram os produtos artificiais de uma educação doentia.

O autor não esconde suas esperanças de que em alguns anos, cerca de vinte ou cinqüenta, seria comum a noção de que “as pessoas que cuidam de crianças devem elas mesmas ter a experiência do amor e seus organismos devem conhecer a sensação de convulsão orgástica antes que possam entender uma criancinha” (Reich, 1945/2009a, p. 402).

Reich tem como premissa básica que a educação deveria seguir o curso das necessidades infantis. “As questões da educação devem ser decididas *exclusivamente com vistas aos interesses da criança*, não dos adultos” (Reich, 1945/2009a, p. 405 – grifos originais). Seguindo essa linha de raciocínio, ele defende que o maior risco ao desenvolvimento das crianças seria os educadores incapazes de lidar com as mesmas.

Neste momento, partiremos para a descrição do que Reich (1945/2009a) expôs a respeito de sua experiência com a criança focalizada no texto, da angústia de cair que a mesma teria sofrido com três semanas de vida e das hipóteses lançadas por ele para explicar o fenômeno ocorrido.

Em seu escrito, o autor explica que o relato de sua observação em relação à criança será útil para preencher uma lacuna na pesquisa da biopatia do câncer. Sendo assim, haveria uma relação entre a angústia de cair e a biopatia do câncer. Sabemos que Reich modificou muitos de seus textos, por isso, deixamos em aberto a seguinte questão: será que a relação entre o que o autor observou na criança e a biopatia do câncer já constava no artigo original

de 1945 ou tal relação teria sido acrescentada ao texto apenas em 1948, quando publicou o livro *A biopatía do câncer* (1948/2009c)?

Reich (1945/2009a) fala sobre a criança com quem conviveu, que no texto em questão recebe o nome de David, e sobre os pais da mesma. O escrito não expõe com clareza qual era o vínculo de Reich com o bebê. No entanto, Sharaf (1983) afirma que a criança citada no artigo, chamada de David, é Peter Robert Reich, nascido em 1944, filho de Wilhelm Reich com sua então companheira Ilse Ollendorff Reich.

As observações e concepções reichianas a respeito da vida emocional infantil podem melhor serem vistas através de sua experiência com seu próprio filho, Peter, que nasceu em 1944. Reich escreveu suas observações a respeito da infância de seu filho em um artigo motivado por um ataque de “angústia de queda” vivenciado por Peter com três semanas de idade. Antes de lidar com o sintoma específico da angústia de queda, Reich discutia algumas características gerais a respeito da vida neonatal (Shraf, 1983, p. 325).

Segundo Reich (1945/2009a), a criança com quem teve contato nasceu em um ambiente no qual a linguagem expressiva do organismo era compreendida e utilizada profissionalmente. O fato era visto pelo autor como uma qualidade positiva para o desenvolvimento infantil. Um exemplo disso era a permissão que o bebê tinha de regular os horários em que comia e a quantidade de alimento ingerido.

Por outro lado, os pais teriam se sentido desamparados frente à linguagem não-verbal do recém-nascido. Eles pensavam que muito pouco se sabia sobre a vida emocional de um bebê. O autor justifica a dificuldade dos pais devido ao fato dos bebês possuírem apenas uma forma de expressar suas inúmeras demandas, que seria por meio do choro. Sendo assim, o choro poderia representar diversas necessidades que só poderiam ser compreendidas e satisfeitas com o estabelecimento de um contato de boa qualidade entre o cuidador e o bebê.

Reich (1945/2009a) descreveu que a partir do quinto mês de gestação o bebê movimentava-se intensamente, o que levou sua mãe a sentir dor muitas

vezes. Ao passar por avaliação de um obstetra, o profissional teria constatado que batimento cardíaco da criança era de uma força fora do comum.

O parto não teria sido fácil, se tratava da primeira gravidez da mãe. Houve ruptura prematura das membranas maternas e o trabalho de parto se estendeu por volta de vinte horas. Logo que nasceu, a criança mamou com vigor. Uma característica marcante desde suas primeiras horas de vida era seu olhar esperto. De acordo com Reich (1945/2009a), o bebê tinha os olhos bem abertos e dava a impressão de estar vendo.

Em sua primeira semana de vida, o bebê chorou pouco. Na semana seguinte, ao contrário, ele chorou com frequência e seus cuidadores não identificavam qual era o motivo do seu incômodo. As tentativas de deixá-lo calmo, muitas vezes não surtiam efeito. Para Reich (1945/2009a), o bebê queria algo específico, mas não ficava claro do que se tratava. Duas semanas depois o autor descobriu que sua demanda era por contato físico.

Reich (1945/2009a) relata que nessas duas primeiras semanas de vida da criança, o contato da mãe com o bebê não teria sido de muita qualidade. O filho buscava contato físico, mas não era correspondido. Outro fato que chamou a atenção do autor ainda nesse período foi que o bebê vivenciou aquilo que Reich chamou de orgasmo oral. O fenômeno teria se repetido nas semanas consecutivas. De acordo com o relato do autor, os pais viram o ocorrido como um fator natural.

Aconteceu quando ele mamava: os glóbulos oculares viraram para cima e para os lados, a boca começou a tremer, a língua estremeceu. Então as contrações se espalharam por todo o rosto. Depois de cerca de dez segundos, elas cederam e a musculatura da face cedeu. Essa excitação pareceu perfeitamente natural para os pais, mas sabemos por experiência que muitos pais ficam alarmados quando seu filho experimenta o orgasmo oral. Nas quatro semanas seguintes, esses movimentos convulsivos ocorreram diversas vezes (Reich, 1945/2009a, p. 396).

Até então a criança não teria apresentado maiores problemas além de seu choro. No entanto, ao final de sua terceira semana de vida, o bebê

vivenciou um “ataque agudo de angústia de cair” (Reich, 1945/2009a, p. 396) no momento em que foi tirado do banho e colocado de costas sobre uma mesa.

Não ficou claro imediatamente se o movimento de deitá-lo teria sido muito rápido ou se o esfriamento da pele desencadeou a angústia de cair. Seja a causa qual for, *o bebê começou a gritar violentamente, esticou os braços para trás como que para obter apoio, tentou trazer a cabeça para frente, mostrou um pânico absoluto nos olhos e não pôde ser acalmado.* Teve que ser tomado nos braços. Tão logo foi feita nova tentativa de deitá-lo, a angústia de cair reapareceu com a mesma violência. Só foi possível acalmá-lo tomando-o nos braços (Reich, 1945/2009a, p. 396 – grifos originais).

Como conseqüência do ataque agudo de angústia de cair, nos dias seguintes, o bebê ficou com a escápula e o braço direito retraídos e com menor mobilidade do que o esquerdo. A musculatura do seu ombro direito ficou nitidamente contraída.

Para o autor, a relação das alterações musculares com o ataque de angústia de cair era clara, isso porque durante o ataque a criança puxou os dois ombros para trás, como que se protegendo da queda. Sendo assim, a atitude muscular adotada no momento do ataque se cronificou e o bebê não conseguiu relaxar mesmo nos períodos em que não estava angustiado. Assim, a criança desenvolveu o que Reich denominou couraça muscular, por permanecer com uma postura ou defesa muscular mesmo quando ela não é necessária.

É importante explicitar a ênfase reichiana nos aspectos corporais e emocionais. Ao longo de todos os textos em estudo, é perceptível a ênfase do autor na expressão corporal do ser humano. A compreensão das demandas emocionais que as crianças explicitavam por meio de gestos corporais seria de fundamental importância para que os mesmos fossem supridos.

Reich (1945/2009a) então se pergunta o que poderia ser a angústia de cair. Ele começa excluindo algumas explicações, já que elas não responderiam à sua questão. Primeiro eliminou a possibilidade de angústia de orgasmo genital, pois essa só apareceria na puberdade. Em seguida excluiu o medo racional pautando-se na noção de que um bebê de três semanas ainda não

teria desenvolvido concepções a respeito de cair, altura etc. A possibilidade de angústia de cair psiconeurótica também não responderia sua pergunta, pois a angústia de cair psiconeurótica seria uma fobia e não poderia haver fobia sem conceitos estabelecidos. Para o desenvolvimento de conceitos seria necessária a presença da linguagem verbal, impossível em um bebê de três semanas. Eliminou, por fim, a possibilidade de angústia instintiva, pois para que essa pudesse existir, o ego precisaria estar evitando alguma pulsão. Mas em um bebê de três semanas não existe um ego moral formado, logo não poderia haver angústia instintiva. A esse respeito Sharaf (1983) explicita:

Reich estava confuso a respeito da origem da angústia de queda nos bebês. Ele havia notado por muito tempo o medo de cair que acontecia em seus pacientes adultos quando a angústia orgástica aparecia, de qualquer forma, um bebê não poderia estar experienciando tal estado. Nem se tratava de um medo racional de cair, de um bebê sem nenhuma concepção de “alto” ou “baixo”. Também não poderia haver uma fobia na ausência de palavras e idéias (Sharaf, 1983, p. 326).

Exclusas as quatro possibilidades, restaria para Reich encontrar a resposta por meio da compreensão do fenômeno enquanto distúrbio funcional. Por se enquadrar nessa categoria, a angústia de cair só poderia ser entendida a partir das funções corporais orgonóticas.

Reich (1945/2009a) faz referência ao seu texto *Contato psíquico e corrente vegetativa* (1935/2004b), no qual definiu que a sensação de queda seria uma ocorrência exclusivamente biofísica desencadeada por um retraimento rápido da energia biológica da periferia para o centro vegetativo do organismo. Nas palavras de Sharaf, “A retirada de energia para o centro causou uma diminuição energética nas extremidades, em consequência disso, houve uma perda da sensação de equilíbrio” (Sharaf, 1983, p. 326). Seria a mesma sensação que acontece na queda real, no susto e na inibição súbita da expansão orgástica. A causa da sensação seria o menos importante já que o efeito seria o mesmo: a percepção interna imediata da imobilização da periferia do corpo e da perda de equilíbrio.

Na concepção reichiana, a retirada da energia biológica da periferia corporal implicaria em uma anorgonia das extremidades. A anorgonia seria

acompanhada pela sensação de falta do equilíbrio e pela perda propriamente dita. Dessa forma, em se tratando do primeiro ano de vida, a angústia de cair não seria um quadro psíquico, mas uma disfunção bioenergética.

A partir do que percebeu e de suas reflexões acerca do fenômeno, ele acreditava ter uma explicação para o que teria desencadeado o ataque agudo de angústia de cair que observara na criança de três semanas. A justificativa para o fato seria o pouco contato orgonótico da mãe com o bebê nos primeiros dias de vida, seguido da experiência do orgasmo oral, em sua segunda semana de nascimento – que culminaria em uma maior necessidade de contato por parte do bebê – e novamente pouco contato da mãe com o filho. Devido à demanda de contato do bebê não ter sido suprida, estabeleceu-se uma contração, que nada mais seria do que a retirada da energia biológica dos membros periféricos do corpo para o centro do organismo. O deslocamento da energia resultaria em uma sensação de desequilíbrio, por isso a angústia de cair. Essa foi a resposta encontrada por Reich para justificar o ataque do bebê. Segundo ele:

Será possível inferir uma causa para o ataque anorgonótico? Penso que sim. *Pois durante as duas primeiras semanas de vida, aproximadamente, houve pouco contato orgonótico da mãe com a criança.* Obviamente, houve fortes ímpetos de contato corporal por parte da criança que não foram satisfeitos. Então ocorreu o orgasmo oral, uma descarga totalmente natural da intensa excitação na região da cabeça e garganta. Isso intensificou a necessidade de contato ainda mais. A ausência de contato levou a uma contração, um retraimento da energia biológica como consequência dos vãos esforços para estabelecer contato. Se fosse para empregar uma terminologia de psicologia nesse caso, diríamos que a criança “se resignou” (ficou “frustrada”). Porém, a “resignação biológica” fez emergir a anorgonia e sobreveio a angústia de cair (Reich, 1945/2009a, p. 399 – grifos originais).

A partir do que observou e do que acreditava, Reich realizou um processo de intervenção em três etapas, adotando medidas com a finalidade de vencer a angústia de cair da criança. Segundo ele, tal procedimento teria funcionado e a angústia cessado três semanas depois do início de suas ações.

De acordo com os relatos reichianos, mesmo o bloqueio tendo sido eliminado em menos de um mês, ele permaneceu realizando a atividade diariamente durante dois meses.

A primeira medida se tratava de pegar a criança no colo sempre que ela gritava. O autor diz que foi útil. Segundo ele, como consequência do ataque agudo de angústia de cair, surgiu nos ombros da criança uma couraça caracteriológica. Assim, a segunda ação adotada por Reich foi a de mover os ombros da criança com a finalidade de eliminar a couraça. O orgonomista explicou que a ação era feita em tom de brincadeira, permeada por risadas e sons que o bebê adorava. A atividade foi feita diariamente por aproximadamente dois meses, sempre em tom de brincadeira. A terceira medida que teria sido adotada por Reich, se tratava de pegar a criança pelas axilas, soltá-la e levantá-la com delicadeza. No começo isso era feito lentamente, com o passar do tempo era feito cada vez mais rápido. A meta era de que para se acostumar com a sensação de queda, o pequeno deveria ter “permissão para cair”. A criança reagiu como choro no início, depois começou a gostar dos movimentos.

Quando conseguia manter-se na vertical, começava a “fazer movimentos de andar” com as pernas. Ela se inclinava encostada no meu peito e olhava para cima, em direção à minha cabeça. Compreendi. *Ela queria me escalar.* Quando chegava ao topo de minha cabeça ela gritava de alegria. Nas semanas seguintes, o subir e “cair” tornou-se sua brincadeira predileta (Reich, 1945/2009a, p. 400 – grifos originais).

Com o passar do tempo, quando Reich se aproximava, o bebê, enquanto deitado, movimentava as pernas como se estivesse andando. O autor relatou que aos três meses e meio a criança ficava extasiada quando era pega por Reich por baixo dos braços e tinha seus pés colocados no chão para ritmicamente mover-se.

Essa foi a experiência relatada por Reich de seu convívio com o bebê. Dessa maneira, foi superada o que ele chamou de “a primeira reação biopática” (Reich, 1945/2009a, p. 400) da criança e nos seis meses seguintes não se percebeu nenhum sinal da angústia de cair.



Ao falar sobre as atitudes adotadas por Reich com a finalidade de vencer a angústia de queda da criança, Sharaf (1983) explica que “os passos terapêuticos que ele desenvolveu com Peter, forneceram os princípios essenciais sobre os quais o posterior trabalho reichiano com crianças foi apoiado” (p. 327). Além disso, a partir de sua experiência com a criança, Reich (1945/2009a) chegara a algumas descobertas referentes à biopatia carcinomatosa. No caso relatado, após vivenciar a angústia de cair, o bebê teria adotado uma postura muscular contraída e crônica. Nesse caso específico, o autor teria conseguido reverter o quadro. Mas, de acordo com a concepção reichiana, não era isso o que acontecia na grande parte das vezes. As crianças, de uma forma geral, também desenvolviam couraças por conseqüência das influências prejudiciais de adultos orgasticamente impotentes, a diferença é que essas não eram desfeitas e as crianças mantinham-se encouraçadas.

Partindo do que aconteceu com o bebê, o autor começa a acreditar na hipótese de que o encolhimento carcinomatoso se apoiaria nas contrações crônicas adquiridas desde o início da vida do ser humano. Caso isso fosse verdade, a única forma de evitá-la seria por meio de um desenvolvimento não estagnado nos primeiros meses de vida. Ele expõe seu ponto de vista da seguinte forma:

Quero deixar claro que vejo a origem do processo de encolhimento biopático *como dependente de funções psíquicas e físico-químicas da atividade bioemocional do organismo no começo de seu desenvolvimento*. Aqui, e só aqui, serão encontrados meios para a prevenção deste processo, não em remédios ou teorias culturais de sublimação (Reich, 1945/2009a, p. 405 – grifos originais).

Os problemas desencadeados nos seres humanos desde cedo, que eram totalmente influenciados pelo contato com o ambiente, implicariam em danos à pulsação bioenergética dos mesmos. Para evitá-los, a única saída proposta por Reich seria a educação econômico-sexual dos recém-nascidos.

O autor então começa a ampliar o conceito de hereditariedade. Parte para a discussão do que poderia acontecer ao indivíduo desde sua vida intra-uterina que influenciaria no desenvolvimento das biopatias de encolhimento.

Ele irá supor que o processo biopático começa a ancorar-se desde o período gestacional.

Da concepção até o nascimento, em geral, é a mãe que proporciona o ambiente no qual o bebê está inserido. Partindo disso, Reich (1945/2009a) pensa que caso o surgimento das biopatias carcinomatosas se apoiassem no que acontece desde esse estágio primário da vida humana, então o funcionamento orgonótico do corpo materno teria um efeito no embrião e conseqüentemente na possível ancoragem de um futuro processo biopático de encolhimento.

Um útero orgonótico ofereceria um meio muito favorável para o embrião, pois nele os processos bioenergéticos fluiriam naturalmente. Isso explicaria o fato das crianças de mães orgasticamente potentes serem mais vitalizadas do que as de mães encouraçadas, situação que de acordo com Reich era claramente observada.

Dessa forma, o autor encontra outra explicação para o que era até então entendido como hereditariedade de temperamento. A semelhança do temperamento do bebê com o de sua mãe seria ocasionada simplesmente pela influência do organismo materno no desenvolvimento do filho desde a fase embrionária.

Reich acredita que o caráter ou temperamento seria moldado a partir da quantidade de energia. Assim, a carga energética materna influenciaria na carga energética do filho. Isso explicaria a similaridade de temperamento entre mãe e filho. Seguindo nessa linha, se um bebê apresenta características anorgonóticas, não se pode supor que essa é uma qualidade individual do mesmo, como se desde o início ele fosse assim. Não teria como afirmar que a anorgonia era algo natural sem questionar se ela não teria sido construída pelas condições vivenciadas desde a vida intra-uterina do sujeito. “É preciso considerar duas possibilidades: a anorgonia interna do embrião e a anorgonia resultante da anorgonia do aparelho genital materno” (Reich, 1945/2009a, p. 407).

As condições bioenergéticas seriam as responsáveis pelo desenvolvimento do indivíduo desde a vida intra-uterina. O autor explica que em sua teoria, denominada por ele biofísica orgone, o período que vai desde a

formação do embrião até em torno do primeiro ano de vida é considerado crítico, pois é quando se estabelece a constituição do sistema orgonótico. Esse período seria fundamental para o desenvolvimento bioenergético posterior. Já no que diz respeito ao desenvolvimento psíquico, a fase mais relevante seria entre o terceiro e o quinto ano de vida, e esse último seria profundamente influenciado pelo desenvolvimento bioenergético que o antecede.

Essa forma de pensar o desenvolvimento humano possibilita a Reich afirmar que é no período biofísico onde se esconde a resposta para o fato de que após o tratamento psíquico, mesmo quando todos os mecanismos psicológicos foram esgotados, algo ainda permanece não resolvido. “Em suma, o que a psiquiatria clássica denominaria habitualmente ‘disposição inata’” (Reich, 1945/2009a, p. 409).

Seguindo a concepção reichiana, que vai de encontro ao conceito de disposição inata, se um indivíduo se desenvolver em uma condição favorável, será improvável que ele tenha a propensão para uma biopatia carcinomatosa. Entretanto, Reich deixa claro que é pouco provável, mas não significa que seja algo impossível de acontecer. Mesmo com um aparato favorável, na vida futura, influências destrutivas poderiam levar o organismo ao encolhimento.

Em última instância o autor defende que a biopatia de encolhimento não seria um dano embrionário herdado e que por isso seria desencadeado de qualquer forma, mas se trataria de algo passível de transformação. Seriam “funções vitais mutáveis, com quantidades de energia e distúrbios da pulsação” (Reich, 1945/2009a, p. 409). Os distúrbios poderiam até criar uma predisposição à condição anorgonótica, mas tal tendência não teria que se estabelecer caso condições orgonóticas eliminassem o dano inicial.

Reich (1945/2009a) encerra o escrito explicando que deveríamos nos contentarmos em compreender a relação entre o bloqueio da pulsação orgonótica e a perda da sensação de órgão e do equilíbrio. Seria suficiente entender o quão cedo se instala o processo de encolhimento carcinomatoso e sua anorgonia, e em que funções orgonóticas isso acontece. Já uma explicação completa da anorgonia e da angústia de cair deveria ser deixada para outro momento.

### 3.3 Crianças do Futuro

O texto *Children of the future* (1950/1984c) – *Crianças do Futuro* – foi publicado pela primeira vez em 1950, no segundo volume da revista *Orgone Energy Bulletin* (*Boletim de Energia Orgone*). Segundo Matthiesen (2007), tal periódico teria sido editado pelo Orgone Institute Press (Imprensa do Instituto Orgone) entre os anos de 1949 e 1953.

No ano de 1984, na primeira edição do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* –, o escrito tornou-se um capítulo da obra.

Até onde conhecemos, é nesse artigo que Reich documenta com maior detalhamento o que era o Orgonomic Infant Research Center (OIRC), como foi fundado e quais eram as ações que deveriam ser tomadas no lugar. O OIRC foi o órgão destinado a colocar em prática as idéias do projeto Crianças do Futuro. Por esse motivo, trata-se de um escrito fundamental para nossa pesquisa.

O texto pode ser visto como a principal descrição feita por Reich sobre o Centro. Porém não se trata de um relato simples e objetivo a esse respeito, pois em meio a isso tudo estão inseridas concepções reichianas referentes à sua forma de perceber o mundo e a humanidade. Pensamos ser interessante, antes de abordarmos o que Reich expôs sobre o OIRC, discorrermos sobre essas perspectivas do autor, afinal de contas, foram tais concepções que o impulsionaram a criar o Centro. Depois disso falaremos do Centro e dos detalhes expostos por Reich a respeito do mesmo.

A visão norteadora que está na base de todas as formulações desse texto é a de que as crianças nascem com um potencial para serem saudáveis e não trazem consigo pré-disposições para permanecerem doentes, a menos que algo danoso tenha acontecido durante a vida intra-uterina. Elas não são naturalmente encorajadas. Mas isso não significa que elas não trariam consigo nenhuma bagagem inata. Nesse sentido, elas seriam dotadas de um sábio princípio bioenergético, capaz de regular a saúde das mesmas, desde que interferências danosas externas ao bebê não atrapalhassem seu

desenvolvimento. Se seguissem os caminhos traçados pela natureza, os indivíduos não apresentariam biopatias. Nas palavras do autor:

Se nenhum dano severo tiver sido infligido no útero, o recém-nascido trará consigo toda a riqueza da plasticidade natural e do desenvolvimento. O bebê não é, como muitos erroneamente acreditam, um saco vazio ou uma máquina química onde todos e qualquer um podem colocar suas idéias especiais a respeito de como um ser humano deve ser. Ele traz consigo um sistema energético enormemente produtivo e adaptável que, por seus próprios recursos fará contato com o meio e *começará a dar forma a esse meio de acordo com suas necessidades* (Reich, 1950/1984c, p. 20 – grifos originais).

No entanto, Reich (1950/1984c) teria observado que esse princípio natural do ser humano não vinha sendo seguido desde muito tempo. Os seres humanos estariam imersos em uma sociedade miserável, cheia de males, que iria de encontro à vida. Durante o século XIX, a geração adulta teria tentado diversas vezes melhorar o destino humano por meio de programas políticos, reformas, teorias sociais, dentre outras coisas. O autor explica que essas tentativas não foram satisfatórias, ao contrário, a confusão humana teria se tornado ainda maior a cada nova tentativa.

Ao avaliar o contexto da época em que o texto foi escrito, meados do século XX, Reich explica que as pessoas que naquele período tinham entre trinta e sessenta anos, ou seja, aqueles que estavam na maturidade, eram herdeiros de toda a confusão passada. De acordo com seu ponto de vista, aquela geração adulta até tentara demasiadamente contornar os problemas, mas, outra vez, teria sido em vão. Esses adultos teriam “*falhado miseravelmente enquanto construtores de uma nova orientação para a vida*” (Reich, 1950/1984c, p. 5 – grifos originais).

Na visão reichiana, para os educadores não seria fácil se desvencilhar das imposições culturais daquele período, eles sequer sabiam diferenciar o que era dado naturalmente do que era criado a partir da influência do ambiente. Por isso era tão difícil construir uma nova história, diferente da que vinha se desenvolvendo há muitos anos. A estrutura de caráter dos seres humanos estaria ajustada à realidade social. As doenças, digamos desnecessárias, eram

muito difundidas, transmitidas de geração em geração e se reproduziam continuamente.

Os pais, educadores, médicos, carregavam o peso da educação errônea e danosa daquele século, que teria reproduzido a completa ignorância sobre a infância. As distorções de caráter desses adultos eram transmitidas automaticamente para cada geração recém-nascida. Assim, os erros da opinião pública sobre a educação e junto com eles a deturpação das capacidades do recém-nascido se reproduziam continuamente. O mal era cíclico, a dificuldade crônica.

Reich (1950/1984c) defendeu que as crianças não deveriam ser moldadas à realidade cultural daquele momento, já que essa era miserável. Na verdade, elas não eram para ser adaptadas a nenhuma imposição externa que confrontasse suas naturezas. A forma apropriada de lidar com crianças seria universal, a direção a ser adotada teria que seguir o sistema bioenergético inato do ser humano e isso deveria ser independente de qualquer momento histórico, cultura ou instituição social. O autor explicou que a natureza é muito mais abrangente do que a igreja, o Estado ou a cultura, e isso ninguém poderia por em questão.

Porém, a humanidade estava dividida em diversos grupos de acordo com a raça, o país de origem, a religião, dentre outros; e cada um desses blocos defendia uma forma específica de educação, que teria ligação com o interesse dos mesmos. Assim, uma criança tailandesa teria uma educação diferente de uma americana. Mesmo duas crianças americanas, caso seus pais seguissem religiões diferentes, provavelmente seriam educadas de forma distinta uma da outra. E até crianças de um mesmo país e religião, porém de épocas distintas, não eram educadas da mesma maneira. Essas diferenças residiam nas concepções centrais de cada modo de educar, dessa forma, era muito provável que no mundo houvesse opiniões e atitudes completamente opostas no que dizia respeito à criação dos seres humanos. Na visão reichiana isso só demonstrava o quanto tais medidas educativas estavam erradas, já que a educação adequada, ou seja, aquela que respeita a natureza do recém-nascido, deveria ser universal e atemporal.

O autor explica que tais grupos, cujos ideais eram tão diferentes uns dos outros, teriam em comum o total desprezo pela natureza da criança. A saúde e a normalidade seriam definidas de acordo com interesses que estariam fora do campo do desenvolvimento infantil. Eles que determinariam a forma que a criança deveria ser. Reich (1950/1984c) expôs que pensava de forma contrária: “nós queremos que elas sejam *elas mesmas*” (p. 14 – grifos originais).

O mundo estaria lidando de forma oposta ao que Reich acreditava ser apropriado. O meio deveria se adaptar às necessidades da criança, mas estaria acontecendo o inverso. As condições de vida eram para ser acomodadas a favor dos princípios vitais dos seres humanos, buscando a prevenção e a segurança de tais princípios. A tão almejada higiene mental seria então alcançada de uma forma totalmente natural.

A tarefa básica de toda educação, voltada ao interesse da criança e não ao interesse de programas partidários, lucro, igreja, etc., é remover todo obstáculo no caminho dessa produtividade e plasticidade de energia biológica naturalmente dada. Aqui, pela primeira vez, encontramos uma base de trabalho positiva e ampla. Essas crianças terão que escolher seus próprios caminhos e determinar seus próprios destinos. Devemos aprender com elas ao invés de impor-lhes nossas idéias desviadas e nossas práticas maliciosas, que têm se mostrado, a cada nova geração, tão prejudiciais e ridículas (Reich, 1950/1984c, p.20).

Reich (1950/1984c) fala sobre a experiência que tiveram, em anos anteriores, de observar o crescimento e desenvolvimento de crianças desde o nascimento até o quarto ou quinto ano de vida. Tal experiência, para o autor, confirmava que suas concepções relacionadas ao desenvolvimento humano estariam corretas. Ele conta que, na medida do possível, tais crianças não tiveram seus desenvolvimentos ameaçados por ideologias sócio-culturais.

Essas crianças foram os melhores professores que nós já tivemos; elas nos ensinaram mais sobre biologia e autorregulação do que aprendi em trinta anos de trabalho como psiquiatra e médico. Foi como olhar para a “terra prometida”. Foi também uma lição do que a praga emocional faz com o homem (Reich, 1950/1984c, p. 20).

O autor não explicita quem eram tais crianças. Pensamos que seu filho Peter fazia parte desse grupo de crianças observadas. Ele nasceu em 1944, e na época em que o texto fora publicado pela primeira vez, a criança teria entre cinco ou seis anos. Também podemos nos questionar se o autor teria observado de perto mais de uma criança ou apenas uma, nesse caso, o seu filho. De acordo com Sharaf (1983), “além de suas experiências com Peter, Reich não trabalhou diretamente com crianças na maior parte da década de 1940” (p. 329).

Em meio a tantos desencontros entre a educação praticada e a forma como ela supostamente deveria ser, Reich (1950/1984c) se pergunta por que o princípio biofísico natural teria sido trocado por princípios muito mais restritos que não levariam em consideração a natureza infantil. Ele encontra três respostas para justificar o fenômeno.

A primeira explicação é a de que o princípio bioenergético do bebê era constantemente prejudicado pelos cuidadores encorajados. Esses apoiavam sua ignorância em instituições sociais que teriam sido desenvolvidas com base no encorajamento do animal humano. Seria a doença reproduzindo mais doença.

Chamamos atenção ao fato do autor enquadrar o ser humano na mesma esfera dos outros animais, a única diferença entre ambos estaria no fato do homem ter perdido seu contato com a natureza e ter se encorajado. Isso não teria acontecido com os demais animais.

A segunda resposta encontrada por Reich (1950/1984c) estaria na errônea e difundida crença de que a natureza e a cultura seriam incompatíveis. O autor explica que com base nisso, os psicanalistas teriam se equivocado em fazer a distinção entre impulsos naturais primários e impulsos secundários cruéis e perversos. Reich (1950/1984c) afirma: “Eles são completamente ignorantes ao fato de que é *exatamente esse assassinato do princípio natural que criam a natureza secundária, perversa e cruel*” (p. 17 – grifos originais). Podemos pensar que ele reafirma sua descrença na tese da existência de uma pulsão de morte primária.

Reich (1950/1984c) explica o que o “animal humano” mais almejava era acabar com seu encorajamento e tornar-se livre. No entanto, ele seria



completamente incapaz de conseguir isso. Assim, o homem passaria a odiar aquilo que ele mais deseja. O motivo básico do encorajamento das novas gerações seria para que o homem não entrasse em contato com os sentimentos que o afligem cada vez em que se depara com o que tem vitalidade. Os adultos tornariam as crianças encorajadas para que suas vitalidades não os incomodassem. Dessa forma, a modelagem do ser humano às instituições culturais seria uma conseqüência secundária. Essa foi a terceira explicação dada pelo autor.

Agora sabemos, de uma maneira bastante prática, que a crueldade humana é direcionada principalmente contra o que ele mais almeja. Em cada tentativa de alcançar seus objetivos mais profundos, ele não encontra nada além de sua própria rigidez. *Em suas tentativas repetidas e desesperadas de quebrar sua rigidez, todo impulso de amor se transforma em ódio.* O homem não quer odiar; ele é forçado a odiar por causa de sua couraça. Agora está claro porque quanto mais ele fala em “paz”, mais ele faz guerra. Também está claro porque o homem mata a natureza em toda criança recém-nascida, e junto com ela, a única esperança de solucionar seus maiores problemas (Reich, 1950/1984c, p. 19 – grifos originais).

De acordo com a visão reichiana, quando o ser humano afirma que Deus está acima do seu alcance, ele está expressando sua inabilidade de alcançar o princípio biológico de sua existência.

Mesmo com todos esses contrapontos, ainda haveria esperanças para alterar a situação. Se os esforços humanos fossem utilizados na direção adequada, grandes mudanças poderiam ser feitas. A possibilidade de melhora estaria nas Crianças do Futuro. O círculo vicioso deveria ser interrompido. Para isso, a princípio seria necessário ter coragem e decência para encarar o fracasso presente naquele momento, só assim poderia se pensar qual seria a atitude inicial a ser tomada.

Reich explica que, como ponto de partida, os adultos teriam que compreender quais eram suas reais funções. Eles não eram mais do que cadeias de transmissão entre um ontem perverso e um amanhã talvez melhor. Eles não poderiam guiar as crianças para o caminho que deveriam seguir, os educadores deveriam apenas deixá-las livres para que assim encontrassem

seus próprios destinos. Os adultos contribuiriam mostrando-as onde eles erraram e removendo obstáculos que as impedissem as crianças de seguir seus caminhos naturais. Vejamos, tal orientação, nas palavras do autor:

Não devemos ser aqueles a construir esse futuro. Não temos o direito de dizer às nossas crianças como construir seus futuros, já que nos mostramos incapazes de construir nosso próprio presente. O que podemos fazer, entretanto, é dizer às nossas crianças exatamente onde e como falhamos. Também podemos fazer tudo o que for possível para remover os obstáculos que estão em seus caminhos na construção de um mundo novo e melhor para elas (Reich, 1950/1984c, p. 6).

Não caberia aos adultos incentivar a adaptação cultural dos pequenos, já que aquela cultura era miserável. As crianças não deveriam se adaptar àquela cultura de guerras e deterioração moral. A proposta era que os adultos pudessem equipar as crianças com um vigor biológico e uma estrutura de caráter que as tornassem aptas a construir seus próprios futuros. Reich enfatiza: “DEIXEM QUE AS CRIANÇAS DECIDAM SEUS PRÓPRIOS CAMINHOS. Nossa tarefa é proteger suas capacidades vitais para que elas possam fazê-lo” (Reich, 1950/1984c, p.20 – maiúsculos originais).

Com base nessa orientação teórica, Reich desenvolve a iniciativa Crianças do Futuro e funda o OIRC que buscavam, em última instância, possibilitar o desenvolvimento de gerações futuras saudáveis.

De acordo com o autor, suas ideias vinham sendo esboçadas há dez anos, entre 1939 e 1949. Podemos pensar que ponto inicial de seu projeto seria marcado por sua mudança para os Estados Unidos. Só em 1949 é que teriam sido tomadas as primeiras medidas práticas para organizar o trabalho, “não foi até dezembro de 1949 que Reich desenvolveu um plano organizacional para o estudo de bebês e crianças” (Sharaf, 1983, p. 329). Foi então que ele criou o Orgonomic Infant Research Center.

Teria acontecido uma reunião em dezembro de 1949, pouco mais de oito meses antes da publicação do texto em discussão, na qual quarenta profissionais, dentre eles médicos, educadores, psicólogos, enfermeiras e assistentes sociais, teriam se encontrado no Orgone Institute (Instituto Orgone), em Forest Hills, Nova York. Esses profissionais haveriam sido selecionados

entre cerca de cem pessoas como aqueles que melhor cumpriam as demandas do trabalho a ser realizado. Em uma correspondência redigida para seu amigo Neill, datada de 10 de janeiro de 1950, o ergonômista falou sobre o encontro:

Voltei para Nova York no final de novembro e rapidamente escolhi entre uma lista de cerca de 120 médicos, educadores, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos etc, etc. cerca de 40 pessoas mais adequadas e comecei a estabelecer um Centro Orgonômico de Pesquisas da Infância para o ESTUDO DA SAÚDE e não de doença. Nos devemos finalmente fugir da patologia e começar nosso trabalho com a criança saudável. Nós já tivemos dois encontros e a primeira criança demonstrada foi Peter (Beverley, 1982, p. 269 – maiúsculos originais).

A reunião no Orgone Institute foi feita com a finalidade de discutir o estudo da criança saudável, o que era visto por Reich como a tarefa mais difícil da educação. Nunca teria sido feita uma distinção entre o que era saudável e o que era patológico em um recém-nascido, também nunca teriam definido o que era uma criança saudável.

No primeiro encontro, os participantes foram repetidamente advertidos a estar preparados para um trabalho paciente e persistente durante muitos anos e a não esperar resultados rápidos; a perder todo e qualquer tipo de idéia ou expectativa mística quanto a crianças “saudáveis” ou à criação de “caráteres genitais”; a atentar a reações de desapontamento e aflição; a aprender a reconhecer a tempo falhas e idéias erradas sobre a educação infantil; a estar prontos para ter todas as dificuldades pessoais e estruturais trazidas a tona para discussão; a ter disposição para sair do trabalho se e quando se sentissem inadequados ou impacientes; a se dar conta de que não sabiam praticamente nada sobre o que é ou poderia vir a ser uma “criança saudável” (Reich, 1950/1984c, p. 12).

Dessa forma, o OIRC foi fundado como um ambiente de investigação. A pesquisa seria demorada. Para alcançar os objetivos do Centro, Reich delimitou o campo de atuação do mesmo. A pretensão não era de atender a qualquer demanda, mas aquelas que elucidariam questões a respeito do estudo da saúde infantil. Em 1950, referindo-se à tarefa que deveria ser realizada no OIRC, Reich expôs que “Sua principal atividade é estudar a

criança *saudável* e a prevenção do encouraçamento desde o nascimento” (Beverley, 1982, p. 269 – grifos originais).

O orgonomista explicou que para as metas serem alcançadas, o trabalho tinha que ser concentrado sobre o processo de desenvolvimento da concepção ao parto e se estender até por volta do quinto ou sexto ano de vida da criança, isto é, a idade em que a estrutura básica do caráter se completa. Seguindo esse foco, foram estabelecidas quatro frentes de ação.

A primeira delas seria o estabelecimento de cuidados pré-natais com grávidas consideradas saudáveis. Reich (1950/1984c) explica que caso as depressões, o bloqueio da raiva, o choro ou outros comportamentos maternos exercessem alguma influência sobre o desenvolvimento embrionário, a meta era, por meio do cuidado com as gestantes, determinar tal influência.

Esse serviço incluía o aconselhamento econômico-sexual dos pais durante a gestação, em particular, relativo à liberação orgástica; medidas higiênicas de rotina; remoção de práticas comuns, que são sabidas como danosas ao crescimento do embrião, assim como cintas apertadas, etc.; uso do acumulador de orgone durante toda a gravidez; exames periódicos cuidadosos do comportamento bioenergético como um todo e da pelve em particular (Reich, 1950/1984c, p. 10).

Ao desenvolver esse primeiro item, Reich logo percebeu que quase nada se sabia sobre os fatores emocionais da gravidez. Eles tinham poucas experiências clínicas nessa linha e essas eram bem específicas. O autor explicou que era necessário encontrar um obstetra que não obstruísse os procedimentos orgonômicos, mesmo se ele não os compreendesse.

A segunda forma de atuação do OIRC seria por meio da supervisão cuidadosa do parto e dos primeiros dias de vida do recém-nascido. Reich (1950/1984c) citou que essa segunda tarefa mostrou-se a mais crucial. Esse período é bem conhecido como o mais decisivo do desenvolvimento. Muitos problemas posteriores poderiam ter sua etiologia nessa fase, como as depressões, cisões esquizofrênicas, dentre outros. “Durante esse período, o psiquiatra infantil se fazia presente e, em cooperação com a mãe, tentaria entender as expressões naturais do bebê recém-nascido e remover qualquer obstáculo em seu caminho” (pp. 10-11).

O pesquisador explicou que a maior dificuldade aqui era a falta de conhecimento sobre as expressões bioenergéticas do recém-nascido. Segundo ele, nesse período, não era conhecido o que o bebê sente e também como ele vivencia suas primeiras semanas de vida fora do útero. Mas eles acreditavam que com observações cuidadosas os problemas apareceriam rápida e claramente, e eventualmente seriam solucionados.

O terceiro grupo de atuação contemplaria a prevenção do encorajamento durante os primeiros cinco ou seis anos de vida. Reich expôs que pouco se sabia sobre esse grupo de ação. Os participantes não tinham elementos para delimitar o que eram características vitais do comportamento infantil. Ele acreditava que tratar crianças já muito encorajadas seria diferente de reconhecer o encorajamento em formação. “Apenas pais, enfermeiras e pediatras que não perderam sua sensação de órgão e expressão, isto é, sua sensação orgonótica, serviriam para pesquisar nessa esfera” (Reich, 1950/1984c, pp. 11-12).

O último estágio de ação seria o estudo e registro do desenvolvimento futuro dessas crianças até muito depois da puberdade. Essa tarefa não seria realizada naquela época, haveria um acompanhamento feito quando as crianças que tivessem passado pelos três estágios anteriores já tivessem crescido.

Da mesma forma que escolheu criteriosamente os profissionais que participariam do OIRC, Reich também relatou que os pais dos bebês a serem observados seriam cuidadosamente selecionados. Para ele, esse era um grande problema a ser resolvido.

Além de determinar que ações se desenvolveriam no Centro, Reich também estabeleceu aquilo que não deveria acontecer no OIRC. O Centro não ofereceria qualquer serviço social que poderia ser realizado por outras instituições infantis. Como a meta era o estudo da criança saudável, atender a demandas que poderiam ser satisfeitas em outros locais não ajudaria a alcançar o objetivo proposto.

Seguindo nessa linha, crianças doentes que demandassem tratamento rotineiro também não seriam atendidas no local, exceto se o cuidado com as mesmas implicasse em importantes contribuições para a pesquisa do OIRC. As

justificativas dadas por Reich para essa restrição foram que para atender a tal demanda, o Centro teria que dispor vários profissionais bem treinados, o que seria impossível, pois não existiriam muitos profissionais nessa condição. Outra questão era que a presença dessas crianças rapidamente atrapalharia a meta do Centro, uma vez que os profissionais perderiam o foco do trabalho. Além disso, com o que o orgonomista havia observado no decorrer da história, não seria por meio do contato com crianças encorajadas que se chegaria a conclusões aprofundadas sobre o que era a saúde do ser humano. A saúde não poderia ser acessada por meio do estudo da doença. A meta seria compreender o que é um funcionamento saudável; só depois disso ter sido feito é que poderiam pensar em contrapor saúde e doença. Até aquele momento, os profissionais não tinham dados suficientes para delimitar o que era natural, ou seja, saudável na percepção reichiana, e o que era patológico.

O Orgonomic Infant Research Center também não se dedicaria ao aconselhamento sexual e matrimonial de casais, exceto quando se tratasse de pais de crianças que estivessem sido cuidadas no OIRC.

Reich explica que o trabalho a ser desenvolvido no OIRC seria extenso, os resultados não viriam rapidamente. Levaria pelo menos dez anos para se chegar às primeiras conclusões. A esperança era que depois de ter passado esse longo período, se alcançasse resultados importantes. Os profissionais envolvidos tinham consciência disso, e mais ainda, sabiam que o plano poderia não dar certo e que o resultado alcançado poderia ser negativo. Independente do saldo, o autor afirma que eles teriam ganhos pois, de qualquer maneira, algo seria aprendido. A esperança era que depois de tudo, o esforço valeria à pena. “A experiência profissional e o treinamento pessoal, fez com que cada trabalhador presente naquele encontro estivesse completamente ciente das tremendas conseqüências do empreendimento” (Reich, 1950/1984c, p. 13).

A ideia da reunião era esclarecer todos os aspectos do OIRC. A que ele se destinava, o que não seria feito, a demora em alcançar resultados que talvez nem fossem positivos, mas valeriam como aprendizado. Os trabalhadores teriam sido conscientizados de tudo isso. Sharaf (1983) expõe uma característica importante presente na prática reichiana, é interessante observar suas preocupações éticas com os participantes do OIRC:

Eu também aponto ao fato de Reich ser sempre muito cuidadoso ao lidar com o que hoje chamamos de “consentimento esclarecido” dos sujeitos da pesquisa. De forma geral, ele deixaria todos – desde os pacientes submetidos à terapia, aos assistentes em experimentação científica, aos pais do OIRC – saber completa e honestamente dos possíveis riscos bem como dos benefícios (pessoais e em termos de conhecimento científico) envolvidos em suas participações (Sharaf, 1983, pp. 330-331).

É interessante observar que Ávila (2010), em seu trabalho de mestrado intitulado *Reich, Espinosa e a educação*, também observa tal tendência reichiana de busca pela sinceridade, de procurar deixar as coisas claras.

Outro aspecto que teria sido levantado por Reich na reunião foi o provável surgimento da peste emocional no contexto do OIRC. Reich acreditava que isso seria inevitável, pois sendo eles pessoas encorajadas, ao se depararem com a vitalidade das crianças acabariam enfrentando dificuldades. Eles não teriam como fugir disso. O assunto havia sido exposto com clareza na reunião, pois o autor pensava que essa seria a única forma de tornar possível o desenvolvimento do OIRC. Tentar se iludir não resolveria o problema e ameaçaria as práticas do Centro.

No entanto, para aquelas pessoas reunidas naquela sala em Forest Hills, deve ter soado como peculiar e até mesmo estranho, que eu apontasse nitidamente os obstáculos terríveis que deveríamos esperar em nosso próprio meio, pois nenhuma estrutura de caráter humana que tenha sido moldada durante os últimos milhares de anos, está livre ou poderia livrar-se totalmente desse *ódio dirigido ao que está vivo*. Não deveríamos nos iludir. Esse profundo ódio estrutural, independente do quão bem estivesse coberto pelo amor e pelo interesse pela criança, inevitavelmente apareceria e tentaria matar o OIRC (Reich, 1950/1984c, p. 21 – grifos originais).

Reich (1950/1984c) dizia estar consciente de que o homem encorajado não lidaria com questões da saúde de uma forma satisfatória. Por estarem inseridos na miséria do século XX, os trabalhadores do Centro não estariam livres disso. Para o autor, esse seria um dos mais difíceis problemas a ser contornados no OIRC. Ele não pretendia encobrir o fato. As dificuldades

aconteceriam. O que eles podiam fazer diante disso era ter consciência de suas ações. Para o autor, essa constatação já representaria um grande ganho que o planejamento do OIRC teria possibilitado.

Diante desse ponto de vista, Reich deixou claro o que ele queria evitar. Fofocas, invejas, ambições, e difamações não seriam bem vindas, pois essas não passavam de expressões da peste emocional. Todos esses comportamentos eram para ser constantemente questionados para que não acabassem sendo atuados. Os participantes também deveriam não temer àqueles que não tinham empatia com a infância e que demonstravam hostilidade em relação a ela, essas pessoas agiriam assim em consequência de suas coudanças. As opiniões públicas não eram para prejudicar o andamento do Centro. Os integrantes do OIRC teriam que ser perseverantes na luta contra as influências que atrapalhariam o desenvolvimento de suas metas. E tais aspectos também faziam parte de cada um deles. Assim, a luta não era apenas conta aspectos externos a eles, era também contra eles mesmos. É interessante perceber os exemplos dados por Reich (1950/1984c) daquilo que não deveria fazer parte do OIRC.

A fim de eliminar imediatamente qualquer equívoco sobre a natureza do empreendimento, foi estabelecido que nenhuma opinião pública que pudesse impedir o desenvolvimento da saúde infantil, qualquer que fosse a fonte ou força, poderia influenciar nossos procedimentos. Não seriam toleradas discriminações entre mães que possuíssem certidão de casamento e as que não possuíssem. Rituais religiosos, como a circuncisão, seriam julgados exclusivamente a partir do bem ou do mal que fazem à criança, e não por serem ou não crenças valorizadas ou costumes de grupos de pessoas ou de nações. Além disso, era para ficar claramente entendido que não deveria participar do trabalho qualquer um que, independente do motivo, tivesse sentimentos fortes contra os jogos genitais naturais das crianças de três ou cinco anos de idade. Essas orientações iniciais eram necessárias para introduzir o ponto de vista básico do qual partiriam todos os procedimentos e julgamentos (Reich, 1950/1984c, pp. 13-14).

O último aspecto exposto no escrito foi que os participantes da reunião escolheram não tornar públicas suas ideias, pelo menos naquele momento.



Antes eles deveriam ver como o OIRC se desenvolveria, eles teriam que começar a caminhada.

### **3.4 Problemas de crianças saudáveis durante a primeira puberdade (entre três e seis anos de idade)**

O trabalho *Problems of healthy children during the first puberty (ages three to six)* (1984j) – *Problemas em crianças saudáveis durante a primeira puberdade (entre três e seis anos de idade)* – foi publicado pela primeira vez no ano de 1984, como capítulo do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*.

Não sabemos com exatidão o ano em que foi escrito. Porém, podemos deduzir que foi em 1950 ou mais tarde, já que no mesmo Reich faz referência a fatos ocorridos na primavera de 1950.

No escrito em questão, o autor explicita o desenvolvimento de David. Em nota de rodapé, Reich deixa claro que se trata da mesma criança exposta no artigo *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas*. Como já foi dito no estudo de tal artigo, supõe-se que David seria um pseudônimo usado pelo autor para se referir a Peter, seu filho mais novo nascido em 1944.

David era uma criança de seis anos que teria sido educada em consonância com os pressupostos da orgonomia. Ao longo de sua criação, seus pais tentaram permitir que ele se autorregulasse, pois acreditavam que dessa forma evitariam a cronificação das defesas. Como será exposto em seguida, todos os esforços feitos por parte de seus pais não foram suficientes para prevenir o aparecimento de bloqueios no organismo do menino. No entanto, de acordo com o relato reichiano, por meio da educação dada pelos seus pais foi possível impedir que as defesas de David se tornassem crônicas.

Como sabemos, Reich estava investindo na possibilidade de saúde da raça humana. A experiência com David era vista pelo autor como algo relevante pois mostrava que o encorajamento crônico poderia ser prevenido.

O teórico explica que mais importante do que educar uma criança totalmente saudável seria conseguir manter uma criança relativamente saudável em meio ao contexto social patológico. Para Reich, se isso fosse possível, haveria esperanças para as Crianças do Futuro. Por tais motivos, David foi levado ao OIRC para uma demonstração. A intenção era conhecer o desenvolvimento do menino a fim de colher dados para a pesquisa.

A demonstração deveria trazer sentimentos de prazer para todos, no entanto, o autor relatou que se sentia hesitante, preocupado e desencorajado. Segundo ele, havia uma barreira contra todas as tentativas já feitas de se chegar ao problema básico da educação.

A deturpação da natureza humana e as tentativas de se lutar contra o mal já tinham sido mencionadas por diversas pessoas. No entanto, essa natureza humana distorcida e o mal eram tidos como imutáveis. Reich pensava diferente. Ele concordava que a natureza humana tinha sido pervertida, no entanto acreditava que medidas poderiam ser tomadas para o quadro fosse alterado. Para o orgonomista, aquela situação não era inevitável, dessa forma havia esperanças de mudanças. Essa é a premissa básica que norteia o projeto Crianças do Futuro. O mal existe, mas não é natural. Esperanças existem desde que se encontre um caminho apropriado para mudar o futuro da humanidade.

Logo no início do texto, Reich (1984j) relata que antes da demonstração de David, sentia como se estivesse investigando um denso nevoeiro que ocultava a solução dos enigmas da vida. O autor acredita que o fenômeno teria surgido do medo humano de viver. No entanto pouco se sabia a respeito da relação entre o nevoeiro e o medo humano de viver.

O fenômeno poderia atrapalhar a pesquisa do OIRC, por isso, o autor afirmou a importância de tentar proteger o centro de tal nevoeiro. Ele não deixa de explicitar que a tarefa seria difícil.

Reich então se apegou a algumas medidas que poderiam proteger a pesquisa. Sugeriu assim a quebra de três tabus. O primeiro a ser rompido seria o de se discutir livre e francamente assuntos sobre a genitalidade. O tema deveria ser discutido tão abertamente como qualquer outro. O segundo tabu a ser extinto seria o de tocar o corpo durante o tratamento de problemas

emocionais. Reich responsabilizou os psicanalistas pela introdução de tal tabu na educação e na medicina, o que, para o autor, não passaria de uma forma de proteção contra o grande impacto emocional causado pelos processos vitais. Assim sendo, os educadores que lidassem com crianças teriam que aprender a manusear o corpo das mesmas sem medo ou aversão. Eles deveriam aprender a ser profissionais de primeiros socorros em educação. O terceiro tabu a ser quebrado era o em relação a se revelar os próprios erros e deficiências. Os trabalhadores envolvidos no OIRC teriam que convencer-se de que o único caminho para se fazer melhor de uma próxima vez seria por meio da franqueza em relação às próprias falhas, o que não era sinônimo de aceitar, tolerar ou consentir, mas de admiti-las.

Os participantes do OIRC desconheciam quais seriam as reações da audiência e da criança no momento da demonstração, já que tal experiência nunca havia sido feita. David já havia sido informado sobre o que ocorreria e aparentava estar motivado e disponível para participar do evento. Chegado o dia, enquanto sua história era contada para os ouvintes, a criança estava presente e olhava para o público.

Cabe observar que Reich (1984j) termina o texto sem comentar a reação de David e dos presentes no OIRC frente à demonstração. O que aconteceu na reunião? Também não fica claro para que serviria a demonstração e o que a criança faria em tal circunstância. Até este momento de nossa pesquisa, observamos tal lacuna.

A seguir, acompanhando o relato de Reich (1984j), enfocaremos na história de David, na sua educação e nos problemas que foram surgindo no decorrer de sua vida.

Um dado curioso que deve ser mencionado é que no escrito, quando Reich (1984j) fala sobre a forma que David foi educado, ou ele relata as atitudes do pai em relação à criança, ou as ações dos pais em relação ao menino. Em nenhum momento ele explicita qualquer feito exclusivo da mãe de David. Podemos pensar que isso confirma a afirmação de Sharaf (1983), de que David seria Peter, o filho mais novo de Reich, e o pai de David, descrito no artigo como alguém tão ativo e presente na educação do menino, seria o próprio Reich.

De acordo com o autor, David não foi educado da forma que era comum naquela época. Seus pais tentaram criar o menino baseados nos pressupostos da orgonomia, ou seja, de forma autorregulada. Eles acreditavam que o encorajamento deveria ser prevenido, apesar de não saberem como as primeiras couraças surgiriam, se eles as reconheceriam a tempo, o que teria que ser feito para dissolvê-las, evitando que se tornassem crônicas, e que resultado seria alcançado.

Segundo Reich (1984j), desde o nascimento até o dia da demonstração, os pais de David buscaram permanentemente reconhecer o início do encorajamento no organismo da criança e, quando se depararam com o fenômeno, buscaram formas adequadas de dissolvê-lo. Para o autor, tais atitudes tiveram resultados positivos.

O orgonomista atribuiu à educação dada o fato de não ter se desenvolvido nenhum bloqueio crônico no menino, ao contrário do que em geral acontecia com as crianças educadas da forma usual. David não tinha pesadelos ou sonhos ansiosos, não era ambicioso ou possessivo, nunca ficou constipado e muito raramente tinha diarreia.

Tomou mamadeira até os três anos e, segundo o autor, fez a transição da fase oral para a genital de forma tranqüila. Sua fala era perfeita, sua dicção era clara e sua expressão era nítida. Ele aprendia com facilidade novas palavras e as incorporava em sua fala. Os pais sentiam muito orgulho ao ver o desenvolvimento do filho.

Em relação ao corpo da criança o autor expõe:

Seu corpo era flexível, consentia facilmente qualquer tipo de movimento passivo. Não havia rigidez, com exceção de alguma restrição na pélvis, que será discutido depois. Sua pele era morna e irradiava calor orgonótico, particularmente na região do plexo solar. Seus pais relataram que ao dormir, suas orelhas ficavam vermelhas e sua face fortemente corada. Seu andar era coordenado, flexível e suave. Não havia desequilíbrio e ao tropeçar o equilíbrio era facilmente recuperado. Ele corria bem e era muito ativo na maior parte do tempo (Reich, 1984j, p. 27).

Seus olhos eram, em geral, úmidos, muito expressivos e brilhantes. No entanto, às vezes ficavam tristes e perdiam sua vitalidade. Com o passar do tempo, seus pais foram entendendo como tal mudança ocorria.

Quanto ao comportamento de David, Reich (1984j) expõe que ele era uma criança muito sociável, se relacionava bem com quase todas as pessoas e fazia amizades facilmente. Ele estabelecia um contato imediato com quem gostava. Por outro lado, não se aproximava das pessoas que demonstravam um falso contato e nem era amigável com elas. O autor esclarece que tal característica também foi observada em outras crianças educadas de forma autorregulada.

David dividia com outras pessoas o que tinha, tal comportamento estivera presente desde que ele era muito pequeno. Se alguma criança tomava algo dele, o menino ficava desesperado.

O menino teria desenvolvido a capacidade de aceitar qualquer emoção presente. Ele sentia amor, mas também sentia ódio quando era apropriado. David podia ser irracional e desagradável. Se ele quisesse algo que seus pais não achassem adequado e sua vontade fosse negada sem explicações, era muito provável que ficasse zangado.

Reich (1984j) relata que os pais da criança nunca perceberam nenhuma inclinação sádica nele. Caso o menino sentisse raiva, ele era capaz de bater, porém, ele não teria tal atitude sem motivos, por mero prazer. O orgonomista explica que existe uma diferença entre a agressividade natural, que é boa; a destrutividade, que pode ser natural; e o sadismo, que não é natural e é sempre patológico.

David não gostava de barulhos muito intensos. Apreciava isolar-se em seu quarto para ficar consigo mesmo. Também desenvolveu o costume de ter conversas com seu pai, segundo Reich (1984j) ele dizia: “quero falar algumas coisas com você” (p.42). Nesses momentos, seu pai o levava de carro para onde o menino quisesse ir e ele começava a fazer perguntas. Suas dúvidas eram respondidas de forma verdadeira.

Segundo Reich (1984j), a maioria das crianças que não tinham uma educação a favor da autorregulação, desenvolviam o hábito de fazer perguntas irracionais, sem sentido, de forma compulsiva e repetida. O autor compreendia

que tais questionamentos eram resultado dos pequenos terem suas dúvidas básicas inibidas, ou seja, as perguntas básicas “de onde vêm os bebês” e “como os bebês entram no corpo da mãe”, derivadas da curiosidade infantil, eram reprimidas e substituídas por perguntas sem sentido. David teve suas dúvidas básicas respondidas de maneira clara.

Aos três anos, curioso a respeito da circuncisão, o menino perguntou o porquê do hábito de se cortar o prepúcio dos bebês. Seus pais lhes explicaram que os judeus acreditavam que isso os tornaria mais limpos e próximos a Deus. Foi lhe explicado que, mesmo sem ter sido circuncidado, ele poderia ter seu pênis limpo se o lavasse diariamente. David não havia sido circuncidado por escolha dos genitores que achavam o costume cruel.

Reich relata que o menino teria começado a prestar atenção em garotas quando tinha cerca de três anos. Nessa época ele teria estabelecido uma “calorosa amizade com uma garotinha um ano mais velha que ele, que morava perto de sua casa. Eles estavam juntos na maior parte do tempo, às vezes se escondiam. Os pais sabiam que eles haviam começado a investigar-se sexualmente” (Reich, 1984j, p. 41).

Aos quatro anos aprendeu sobre a criação e o nascimento das crianças. Ele falava livremente sobre as relações sexuais de seus pais e de outras pessoas. Um dia perguntou se poderia dormir com sua mãe. Segundo Reich, o questionamento não carregava traços de curiosidade suja ou ânsia patológica. Foi respondido que os maridos é que dormiam com suas esposas e que quando ele crescesse, também teria uma esposa. David teria ficado satisfeito com a resposta.

Chamamos atenção ao fato de um limite claro ter sido dado ao menino. Tal postura vai contra o estereótipo de que uma educação baseada em pressupostos reichianos “permite tudo à criança”.

David nunca desenvolveu fixação em sua mãe, característica comumente vista em crianças educadas da forma usual. O teórico acreditava que esse comportamento só se desenvolvia quando o caminho para outros parceiros era bloqueado.

É interessante perceber como Reich (1984j) dá ênfase às características de David que teriam sido desenvolvidas de forma saudável, como também

chama atenção para os traços patológicos, aparentemente comuns à infância, que não se estabeleceram na criança. O autor aponta que a saúde de David poderia ser vista a partir dos problemas típicos da infância que ele não desenvolveu. Tais problemas eram muitas vezes tidos como componentes fisiológicos do desenvolvimento da criança.

Para o autor, eles seriam a base para muitas patologias posteriores. A esse respeito Reich aponta que as biopatias graves que surgem posteriormente “têm suas raízes nesses ignorados problemas ‘normais’ nas crianças pequenas. Como eu disse antes, é necessário largar ideias pré-concebidas sobre o que é ‘normal’ ou ‘anormal’ em uma criança, antes de decifrarmos o problema da saúde” (Reich, 1984j, p. 29).

Fica nítida a tentativa do autor de explicitar quais seriam os traços inatos do ser humano, para assim desconstruir a ideia da patologia como algo inevitável. Reich tecia críticas à aceitação dos problemas como algo primário. Como sabemos, ele acreditava no potencial de vida do ser humano.

Quando se refere ao hábito de David de fazer perguntas, o autor deixa claro que o mesmo não teria sido introduzido por ninguém. A característica de David de não ser egoísta e compartilhar seus pertences com outras pessoas também teria se desenvolvido por conta própria.

David era espontâneo, dividia o que tinha, mas ficava desesperado quando outras crianças simplesmente tiravam algo dele sem responder à sua gentileza. Mesmo quando pequeno, ele costumava dividir suas coisas com seus pais ou outras crianças. *Ele não foi ensinado a agir assim, essas qualidades se desenvolveram espontaneamente* (Reich, 1984j, p. 27 – grifos nossos).

É perceptível a ênfase reichiana no que diz respeito à espontaneidade com que as “qualidades” de David teriam se desenvolvido. Ao longo do texto em discussão, o autor aponta para características positivas como sendo algo natural da criança, que não precisou ser ensinado.

David nunca ficou constipado. Seus movimentos intestinais eram regulares, plenos e nunca apresentaram qualquer problema. Muito raramente ele tinha diarreia, quando comia muita fruta ou algo parecido. Mas não havia nenhuma complicação “anal”. *Nem ninguém lhe*

*dissera de nenhum modo que ele deveria ser regular e limpo. Ele demonstrou repugnância a excreções por conta própria. Este fato está em concordância com a higiene natural vista em cachorros, gatos, ratos de pesquisa etc. (Reich, 1984j, p. 29 – grifos nossos).*

É acreditando no potencial vital das crianças, que Reich defende a autorregulação. Contudo, mesmo com todo o cuidado dos pais de David e a tentativa de criar o menino de forma autorregulada, a criança não deixou de apresentar problemas.

Com três semanas de vida, o menino desenvolveu angústia de cair após um banho. Ele teria bloqueado a respiração durante a experiência, o que ocasionou uma marca em sua estrutura. Reich (1984j) explica que esse foi o primeiro grande desastre em seu desenvolvimento. No entanto, ao contrário do que o autor diz acontecer comumente com as crianças em tais situações, David não teria desenvolvido uma contração biopática crônica em sua garganta. Até seus dois primeiros anos de vida a cicatriz não teria ficado aparente.

Por volta do terceiro ano de idade, a tampa do vaso sanitário caiu sobre a ponta do pênis de David enquanto ele urinava. Teria sangrado um pouco e a criança chorado “amargamente”. Ainda assim, o menino logo superou o ocorrido.

O autor explicita que episódios como esse permaneceriam sem efeitos em longo prazo caso não acontecessem freqüentemente experiências emocionais que se apóiam nesses traumas. Com David não foi diferente, fatos novos reafirmaram sua primeira vivência culminando em problemas centrados em seu desenvolvimento genital.

Aos três anos e meio, David perguntou ao seu pai: por que as mulheres têm pelos nos genitais e para que servem? Foi explicado que os pelos apareciam nos genitais dos adultos e que ele também os teria quando crescesse. Reich (1984j) se refere ao acontecimento como a primeira aparição de uma leve idéia fóbica.

Foram feitas outras perguntas relacionadas ao órgão genital feminino algum tempo depois. Ele questionou: por que as meninas têm uma abertura pequena e por que motivo tal abertura é vermelha? Mais uma vez foi lhe respondido verdadeiramente. Foi dito à criança que a abertura era para receber



o órgão genital masculino quando a menina crescesse e que os bebês saiam por aquela abertura quando nasciam. No entanto, o autor relata que a pergunta feita e a resposta dada não tocaram inteiramente no ponto que David queria saber. Pelo seu modo de questionar, parecia que o vermelho teria lhe perturbado.

Reich (1984j) explica que o que estava em questão era o incômodo com a abertura do órgão genital feminino e que é em torno de fantasias como essa que a angústia de castração se desenvolve posteriormente. A criança, porém, não foi totalmente direta em sua pergunta e seu pai decidiu não insistir.

Ainda nesse período, os pais de David admitiram uma mulher para realizar os trabalhos domésticos. Junto com a funcionária, sua filhinha também foi à casa de David.

De acordo com os relatos reichianos, a funcionária era uma mulher pequena de corpo e espírito, que havia sido abandonada pelo marido. Teria lutado para viver. Buscava educar a filha da forma que entendia ser a melhor, o que significava agradar os vizinhos e desconsiderar a menina. Uma filha bem comportada significava um troféu para ela. Ela dava ordens à criança o dia inteiro, especialmente na presença dos pais de David.

A menina havia sido muito espancada pelos pais. Ela já estava levemente encouraçada, sua respiração era curta. No entanto, ainda mantinha algo do que seria vital. A pequena odiava sua mãe e zombava dela pelas costas. No início a criança estava retraída, mas aos poucos foi mostrando-se. A mãe ficava dividida entre o gostar e o não gostar da mudança. Temia que a menina tivesse dificuldade em voltar ao meio que habitualmente vivia.

Segundo Reich (1984j), David logo fez amizade com a menina, conseqüentemente se ligou a condições de vida autoritárias e disciplinares. Ele começou a ter atitudes que até então não tinha. O autor explicou que o menino estava neurótico, que demonstrava estar muito perturbado, aborrecendo-se com pequenas coisas. Ele estava adoentado e desagradável de uma forma bastante incomum.

Em paralelo, seus pais não entendiam o que acontecia e se sentiam perdidos. Com o passar do tempo, o distúrbio emocional não diminuiu, pelo

contrário, aumentou em uma intensidade que parecia colocar em risco todo o sistema autorregulador do menino.

O autor expôs que as duas crianças se divertiam muito juntas e que começaram a ter jogos íntimos. David teria começado a brincar genitalmente com a menininha. Eles se abraçavam e se beijavam abertamente e freqüentemente iam para a cama juntos. Algum tempo depois, o menino contou a seus pais que certo dia a mãe da garota os encontrou na cama nus, por causa disso ela deu uma surra na menina e disse que afogaria David no lago. O fato do menino não ter contado a situação de imediato a seus pais já representava um problema.

A mãe da garota foi demitida, levando a filha embora. David continuava irritado. Ficava freqüentemente agressivo e prendia a respiração ao chorar. Sua genitalidade parecia ter desaparecido. Dessa forma, uma série de acontecimentos se somaram e contribuíram para o surgimento de problemas em David. Segundo Reich (1984j), ficou clara a angústia genital da criança. O menino imaginava que não podia se aproximar dos órgãos femininos.

Tudo começou com um questionamento a respeito dos pelos nos genitais femininos; em seguida, por um breve período de tempo, David desenvolveu uma fobia de que lobos apareceriam em seu quarto; agora o menino fantasiava que havia um lobo escondido no corpo de sua mãe e que os pelos pertenciam à cabeça do lobo. Outros eventos contribuíram para confirmar seu temor: a funcionária havia punido sua filha e ameaçado David pelas brincadeiras íntimas de ambos; a dor que o menino sentira quando a tampa do vaso sanitário caiu sobre seu pênis também ficara registrada.

Reich (1984j) também deu ênfase a um comportamento patológico de David que teria se desenvolvido ainda no período em que a funcionária doméstica trabalhava em sua casa. Nessa época a criança teria adquirido um gosto por ascender fósforos, queria fazê-lo o tempo inteiro. O menino parecia estranhamente excitado com a ação, dizia sentir algo peculiar em sua barriga e em seus olhos.

De acordo com o autor, o pai do menino teria percebido o hábito como algo doentio. Sem saber que medidas deveriam ser tomadas, combinou-se na casa que David acenderia fósforos sempre que seu pai ou sua mãe fossem

fumar, também ficou claro que a criança não poderia acender fósforos estando sozinho.

Percebemos uma ação educativa que não caminhou em direção a tolher, por completo, a tendência infantil. Existiu um limite, mas esse foi dado de forma a encontrar um modo “civilizado” de satisfazer a criança.

Algum tempo se passou até que num dia os pais do garoto flagraram David agindo de forma oposta ao que havia sido combinado. Ele tinha acendido inúmeros fósforos em seu quarto, com a porta fechada. Segundo Reich (1984j), ao ser pego, o menino parecia esperar uma punição. Seu pai o repreendeu, dizendo que se agisse daquela forma outra vez, ele seria mandado embora de casa. O autor esclarece que a atitude paterna fora errada, mas afirma que esse tipo de medida disciplinar era comum naquela época.

Ao relatar tal situação, o autor explica que a atitude do pai do garoto foi reflexo de seu sentimento de impotência. Reich (1984j) prossegue afirmando que as medidas disciplinares seriam, de modo geral, resultado da impotência e da incapacidade de agir racionalmente.

Após o incidente do fósforo, a criança passou a ficar mal humorada como conseqüência de sentimentos de aflição em seu corpo. A garganta era a maior causa do prejuízo. O autor defende que o problema só seria resolvido se fosse compreendido.

Alguns dias depois o menino começou a gaguejar de forma sutil. Reich conta que o sintoma foi sentido pelos pais de David como um choque, uma vez que o garoto sempre falara muito bem. “O orgulho do pai estava profundamente ferido. Seu filho, cujo desenvolvimento autorregulatório lhe havia dado tanta satisfação e que ele quisera ver como um modelo das crianças do futuro, agora era um gago. Nada pior poderia ter acontecido” (Reich, 1984j, p. 54). Vale salientar o tamanho das expectativas que eram colocadas na criança.

O teórico explica que é bastante natural sentir o orgulho ferido e frustração. No entanto, tais sentimentos têm que ser imediatamente reconhecidos e mantidos sob controle, pois essa é a única maneira de evitar que o fato atrapalhe o desenvolvimento.

Seria antinatural se o orgulho do pai não se sentisse ferido, se ele não se preocupasse com as conseqüências sociais destes percalços. O que é essencial, contudo, é que esses sentimentos sejam imediatamente reconhecidos e mantidos sob controle. É muito melhor para todos os interessados *sentir* essas reações e então eliminá-las do que abrigá-las inconscientemente e, a partir daí, desenvolver todo tipo de atitudes irracionais, repulsivas e prejudiciais à criança que contribuem para instalar permanentemente os sintomas da doença. [...] O pai que sabe que seu orgulho está ferido será menos prejudicial do que outro que também está ferido, mas é orgulhoso demais para admiti-lo. Geralmente, a emoção aberta, não importa que tipo seja, é, de longe, preferível a as emoções ocultas (Reich, 1984j, pp. 54-55 – grifos originais).

Retomando à forma como os pais lidaram com a situação, foi dito ao filho que ele não se preocupasse com suas dificuldades na fala pois isso cessaria. Suspeitando que a gagueira era conseqüência do episódio do fósforo, o pai do menino pediu que ele contasse o que sentiu ao ser repreendido. Confirmando suas suposições, a criança relatou que tivera vontade de morder o nariz de seu pai. Para Reich (1984j), a vontade não satisfeita do menino teria feito com que ele bloqueasse o ódio que estava sentindo em seu maxilar.

Segundo o autor, a gagueira e a balbúcie eram expressões diretas do encorajamento no maxilar e nos músculos da garganta, esse seria o cerne do sintoma. A gagueira aconteceria pela contração dos músculos da boca e da garganta. Mais tarde, com a gagueira estabelecida, se somariam os sentimentos de vergonha e inferioridade, agravando os sintomas e tornando-os crônicos.

Diante do quadro, o pai de David iniciou os primeiros socorros com o filho. Foi avisado à criança que ela precisava se livrar do ódio que sentiu no incidente dos fósforos. O cuidador sugeriu que David contraísse os músculos do maxilar e latísse para ele como se quisesse mordê-lo. David não conseguiu fazer isso imediatamente, mas, alguns dias depois, passou a fazê-lo e a se divertir com isso. Seu pai também deixou que ele o chutasse e o batesse. Foi permitido que ele voltasse a ascender fósforos quando seus genitores fossem fumar.

Merece destaque observar que Reich busca compreender a situação da criança e elaborar formas criativas de intervenção. É nítido que não se trata de uma fórmula pronta ou universal, mas de ir descobrindo, na relação com a criança, o que é bom para ela. A proposta é simples, no entanto, só aconteceu pois o pai estava sintonizado com o filho, atento e disponível. Com isso, podemos observar uma ênfase na qualidade do vínculo.

O pai da criança começou a investigar o que se passava com David quando ele acendia fósforos. O menino relatou que sentia cócegas nos olhos. O genitor supôs que ao acender fósforos gerava uma irritação no nervo óptico do garoto que dava-lhe a sensação de vivacidade. Reich (1984j) então deduz que o desejo de ascender fósforos e talvez todas as formas de compulsão incendiária podem ser entendidos como tentativas de restabelecer um nível alto de excitação no organismo.

Com a flexibilização do bloqueio do maxilar, a expressão da raiva e a permissão para acender fósforos; três semanas após seu surgimento o sintoma da gagueira desapareceu. Durante alguns meses, ocasionalmente, uma ou outra sílaba não era bem pronunciada. Quando acontecia, os pais de David brincavam com isto.

O autor enfatizou que o fato era de extrema importância para o entendimento da saúde. Com o acontecimento pôde-se constatar que sem um fundo biopático crônico não haveria solo para que os sintomas neuróticos se enraizassem.

No decorrer de seu projeto, Reich constatou que mesmo tendo dado uma base favorável à criança, não teria como garantir que influências externas danosas não prejudicassem o indivíduo. No entanto, defendeu que mesmo sem impedir que os sintomas neuróticos aparecessem, esses sintomas provavelmente não se enraizariam e logo seriam eliminados. É importante explicitar que a partir disso, Reich define que ser saudável não significava não ter doenças, mas conseguir ultrapassar a mazela e seguir adiante quase que sem prejuízos.

Reich (1984j) apontou que quando a criança completara seis anos, ela ainda não havia apresentado nenhum sinal de genitalidade, ou seja, masturbações, aproximação genital de meninas da sua idade ou ereções. Sua

pelve, apesar de não ser totalmente inflexível, apresentava uma mobilidade restrita e não acompanhava o ritmo do seu corpo. Ainda assim, nenhuma contração havia se fixado. Os pais do garoto ficavam muito preocupados com a situação.

Ao relatar o assunto, o autor chama atenção ao fato de que a educação teria avançado naquelas últimas décadas, pois antes os pais batiam nos filhos por brincarem com os genitais e, naquele momento, eles se preocupavam se a brincadeira não tivesse começado.

Entre os anos de 1949 e 1950 os pais da criança foram morar em outra cidade. David ficou doente: pálido, anêmico, com batimentos cardíacos acelerados, desmaiou diversas vezes ao tentar acompanhar as crianças de sua nova classe, que eram um ano mais velhas do que ele. Reich relatou que o pai de David tinha a sensação de que a criança estava sendo guiada por uma febre reumática. O autor explica que ainda é cedo para se fazer uma ligação entre tal patologia e um atraso bioenergético da parte inferior do organismo, apesar disso acredita que “a febre reumática, assim como outras doenças infantis, tem uma íntima relação com o mau funcionamento da genitalidade infantil” (Reich, 1984j, p. 62).

O pai de David permaneceu atento para que a criança tivesse um corpo flexível. De acordo com o autor, a meta teria sido alcançada alguns meses depois. No entanto, nada garantiria que os problemas que tivera não afetariam sua vida posteriormente.

Tomando como verdadeira a hipótese de que David era um pseudônimo usado para se referir a Peter, alguns comentários merecem ser feitos. Nos relatos do autor, tem-se a impressão de que o pai do menino tinha uma postura mais presente e ativa do que a mãe, já que ele é bem mais citado do que a genitora. Levando em consideração que Reich era o pai da criança, essa impressão pode ser posta em questão. Também chama a atenção a forma que Reich educou seu filho, contrariando o modelo comum daquela época e seguindo os pressupostos da orgonomia. Fica evidente o quanto acreditava nas suas teorias. Outro aspecto bastante evidente eram as enormes expectativas que o autor tinha em relação ao seu filho. Como ele próprio relata em seu escrito e nós já citamos, ele esperava que seu filho fosse um modelo

das crianças do futuro. Também nota-se que Reich busca uma justificativa para suas atitudes mais ríspidas, como se ele tentasse se desculpar de sua ação.

A partir de agora explicitaremos de que forma a experiência com David contribuiu para a compreensão reichiana a respeito dos seres humanos.

Os fenômenos observados em David serviram para esclarecer o autor quanto à concepção de saúde e doença, quanto ao funcionamento e o desenvolvimento do ser humano. Segundo Reich (1984j), os problemas que David apresentou entre seus três e seis anos, destruíram completamente a visão de que a criança saudável nunca fica emocionalmente descontrolada. O autor compreendeu que a saúde não consiste na ausência total de doença, mas na habilidade de o organismo ultrapassar a patologia e prosseguir quase que sem sequelas.

A visão de que a saúde é algo totalmente 'perfeito', que a criança 'saudável' 'não deve ter' isso ou aquilo não tem nada a ver com a realidade ou com a razão. A esperança no perfeito e no absoluto é claramente uma fantasia mística de salvação das estruturas neuróticas. A diferença entre crianças saudáveis e doentes não está no fato de que as primeiras não apresentam distúrbios emocionais e que as segundas apresentam; a diferença é determinada pela *capacidade da criança sair da prisão biopática aguda e não ficar presa nela por toda a vida*, como acontece com as crianças neuróticas típicas (Reich, 1984j, p. 33 – grifos originais).

Para Reich (1984j), uma criança saudável poderia ficar ansiosa, no entanto, seria um episódio isolado que não estaria ancorado em seu caráter, ou seja, não seria uma defesa crônica. O importante não seria o sintoma, mas a estrutura de caráter que dava suporte ao sintoma.

O autor cita como exemplo situações em que David dizia querer matar seu pai caso ele não fizesse algo que o menino desejasse. No entanto, como a fala não tinha força, as ideias de matar do garoto logo desapareceriam. Por outro lado, poderia existir uma criança aparentemente menos agressiva, com a carga bioenergética frustrada, que não fizesse ameaças de morte, mas escondesse por trás de atitudes aparentemente inofensivas intenções de matar.

O relevante não era o conteúdo psíquico em si, mas o plano das funções psíquicas. Em outras palavras, importante não eram as ideias em si, mas a carga energética que as acompanhavam.

A diferença está em haver ou não desenvolvido um suporte para as funções e os sintomas biopáticos. Aqui a grande importância da 'reação básica do caráter neurótico' revela-se por si. O que conta não é o ataque sintomático agudo isolado, mas a estrutura de caráter subjacente. Se não há uma distorção básica da estrutura bioenergética da criança a partir da concepção, futuramente os ataques de ansiedade aguda ou raiva irracional não terão solo onde fincar raízes e para se tornar traços de caracteres biopáticos. Como foi amplamente comprovado pelas investigações caractéro-analíticas, a saúde e a doença não se distinguem pelas ideias ou pelas emoções que um organismo desenvolve, mas exclusivamente pela economia total de um sistema bioenergético. Se há um excesso de bioenergia não descarregado, as mais inocentes ideias e emoções tornam-se patogênicas e se alimentam da estase energética. Se não há estase, as emoções e as ideias mais perigosas serão inofensivas (Reich, 1984j, pp. 33-34).

Reich percebeu que não era preciso se preocupar com cada um dos inúmeros pensamentos infantis. Ao se manter o biosistema da criança livre da estase energética, estaria garantido que a saúde prevaleceria.

Pensando dessa forma, o organomista se diz aliviado quanto às más influências que poderiam ser exercidas sobre as crianças educadas de forma autorregulada. A criança saudável não apresentaria uma base para os desenvolvimentos patológicos, assim, não seria prejudicada por influências danosas externas. Em contrapartida, a criança doente absorveria rapidamente e crueldade e logo a incorporaria a sua estrutura.

Em termos de um bom início humano, Reich (1984j) acreditava que o desenvolvimento biológico da criança dependia quase inteiramente da maneira como ela cresce do período pré-natal à primeira puberdade. Quanto ao desenvolvimento genital, além da etapa imediatamente após o nascimento, a primeira puberdade era tida como a fase mais importante.



Toda essa construção teórica reichiana estava baseada na ideia de que na estrutura vital do recém-nascido estaria a solução para os males da humanidade. O autor defende que se a natureza da criança fosse respeitada, a maldade não emergiria. Dessa forma, Reich (1984j) faz uma nítida distinção entre os impulsos primários, aqueles que são a favor da vida e que se autorregulam, e os impulsos secundários, patológicos, resultados da distorção dos impulsos primários. Os impulsos secundários seriam os sádicos, que buscam a destruição da vida.

Reich (1984j) então difere a educação por meio da compulsão, aquela que vigorava na época, da educação por meio da proteção da autorregulação natural humana, que o autor acreditava que deveria ser estabelecida para solucionar a ruína da raça humana.

Antes de qualquer coisa, a autorregulação não poderia ser vista como algo a ser incorporado ou ensinado no ser humano. Ela teria que ser preservada. Os pais e educadores deveriam proteger o desenvolvimento natural da autorregulação desde o nascimento. Quando isso não acontecia, as couraças começavam a surgir fragilizando a autorregulação. Por esse motivo, o adulto deveria remover contínua e cuidadosamente qualquer bloqueio que surgisse.

Com a primeira couraça, o poder autorregulador do bebê começaria a diminuir. Aquilo que é vital, passa, então, a ser substituído por princípios morais compulsivos para que a criança sobreviva em seu meio ambiente.

O autor explica que o indivíduo encouraçado tem a necessidade real de ser educado de forma compulsiva, pois essa seria a única maneira de reprimir os impulsos secundários doentios. No outro extremo estaria a autorregulação. Ela não funcionaria em indivíduos encouraçados, ela só teria ação nas necessidades primárias naturalmente dadas.

Se tudo é inato, nada, a não ser a punição, pode ajudar. Infelizmente existem motivos racionais para que as políticas deste mundo adiram ao ponto de vista da hereditariedade mais do que ao ponto de vista relativo ao meio ambiente. A lei é *necessária* frente à quantidade de destrutividade presente no animal humano. Nós sabemos melhor que estes que punem cegamente de onde provém

a necessidade da lei, por mais irracional que ela seja (Reich, 1984j, p. 30 – grifos originais).

Os impulsos secundários deveriam ser reprimidos, pois, ao contrário dos primários, não se autorregulam, já que não são naturais. Em consonância com as ideias do autor, o sadismo, exemplo de impulso secundário, não poderia ser tratado por meio da autorregulação. Uma vez formado o padrão patológico, a estrutura humana permanece emperrada e demanda medidas autoritárias. O mesmo aconteceria com todos os comportamentos neuróticos, já que a autorregulação não teria lugar nem influência sobre as emoções que não vinham diretamente do centro do organismo.

Segundo Reich (1984j), a criança com uma estrutura formada essencialmente por impulsos secundários sente que não pode existir ou funcionar sem uma orientação disciplinar. O oposto acontece com a criança saudável, essa não funciona a menos que tenha liberdade de decisão. Seriam dois tipos de existência totalmente opostos que não se misturariam.

Reich explicou que a orgonomia se baseava totalmente na estrutura natural do recém-nascido. Acreditava que se fosse respeitado o fluxo da natureza, sem se deturpar suas necessidades básicas, seria desnecessária uma repressão compulsiva da maldade, o ciclo vicioso da moral e da natureza ruim deixaria de existir. O autor faz um apelo:

EM PRIMEIRO LUGAR, NÃO SUPRIMA A NATUREZA. ASSIM NENHUM IMPULSO ANTI-SOCIAL SERÁ CRIADO E NENHUMA COMPULSÃO SERÁ NECESSÁRIA PARA SUPRIMI-LO. O QUE DESESPERADAMENTE E EM VÃO VOCÊ TENTA CONSEGUIR POR MEIO DE COMPULSÃO E ADMOESTAÇÃO, ESTÁ LÁ, NOS RECÉM-NASCIDOS, PRONTO PARA VIVER E FUNCIONAR. DEIXE-O CRESCER COMO A NATUREZA PEDE E MUDE SUAS INSTITUIÇÕES DE ACORDO COM ISTO (Reich, 1984j, p. 44 – maiúsculos originais).

A orgonomia não estaria em desacordo sobre as exigências feitas em relação à decência, veracidade, polidez, gentileza, cooperação, tolerância. Não existiam questionamentos a respeito dessas qualidades humanas e da sua importância para o bem estar da humanidade. O que a orgonomia contestava

era a possibilidade de se chegar a alcançar estes objetivos por meio de qualquer tipo de normas compulsivas ou puramente éticas.

O problema da raça humana estaria em ter estabelecido tais qualidades como metas e ao mesmo tempo ter bloqueado o caminho para se chegar a elas. Para Reich, os recém-nascidos eram portadores naturais de tais qualidades. O erro não estaria na natureza inata das crianças, mas no modo de pensar e agir dos educadores. A maior dificuldade em permitir que os recém-nascidos desenvolvessem sua moralidade natural estaria no fato do encorajamento aparecer muito cedo na vida. Por tal motivo, pouco se conhecia sobre as expressões de vida do bebê.

Vendo dessa forma, a meta da orgonomia e da educação daquele período era a mesma, no entanto havia uma discordância relativa ao como se chegar lá.

Reich (1984j) descreve que passos deveriam ser tomados em direção à construção de um futuro melhor. Antes de qualquer coisa, seria fundamental preparar-se com cautela. Os primeiros passos não deveriam ser dados de qualquer forma, caso contrário se fracassaria. Seria mais inteligente construir um caminho sólido para só depois disso se seguir em frente. As dificuldades estariam presentes, por isso a preparação anterior à caminhada era fundamental.

O autor enfatiza que não seria possível fugir dos fenômenos que tentariam impedir o desenvolvimento da autorregulação. Os obstáculos seriam grandes. A tentativa de boicote não aconteceria por maldade, mas por seres humanos encorajados que encontrariam milhares de motivos para justificar suas ações. Reich defende que não era pessimista ao acreditar que os indivíduos encorajados frequentemente tentarão matar o que é vivo.

Era fundamental reconhecer e saber lidar com as próprias limitações. A autorregulação natural estaria muito distante da realidade. Só se poderia esperar algum progresso por meio do reconhecimento de que nada se sabia sobre prevenção de couraças. “Não há obstáculo maior para uma investigação sem preconceitos do que respostas prontas para problemas desconhecidos” (Reich, 1984j, p. 26). Da mesma forma, deveria ser feito um caminho completamente novo no julgamento do comportamento infantil, por meio da

distinção entre o que era naturalmente dado, ou seja, primário; do que era secundário, ou seja, resultado das distorções do que era primário.

Era importante saber que não seria possível pular de um passado doente para um futuro saudável. O progresso viria lentamente. De acordo com Reich, iria demorar o crescimento de inúmeras gerações de recém-nascidos, sob um horizonte cada vez maior de conhecimento a respeito da verdadeira natureza da criança, até que começassem a surgir os primeiros sinais do mundo das Crianças do Futuro.

Um passo seria dado de cada vez. A ideia era que a geração atual criasse filhos um pouco menos encorajados. Os indivíduos criados de uma forma um pouco mais sadia constituiriam uma nova geração e passariam para seus filhos um pouco menos de bloqueios. Esses seriam um pouco mais saudáveis do que a geração anterior e construiriam uma educação um pouco melhor para seus descendentes, e assim por diante. O avanço seria regular e lento.

Reich explicou que era importante não ter expectativas maiores do que o que de fato poderia acontecer. Dessa forma, seria possível proteger-se contra a frustração e não se daria espaço para que, os que fossem contra a infância, tentassem derrubar todo o esforço que se faria. Ao mesmo tempo, deveria se ter uma grande convicção do que se buscava para não permitir que atitudes contra a criança atrapalhassem o progresso.

As crianças que fossem criadas neste período perceberiam a luta entre as forças autorreguladoras e as forças encorajadas. O autor sugere que as crianças necessitariam de apoio e de um conhecimento preciso sobre os primeiros sinais de encorajamento para que elas próprias ajudassem a lutar contra o fenômeno.

Reich encerra seu escrito deixando claro que não seria uma tarefa fácil e que a meta não era criar indivíduos sem nenhum problema. A ideia era evitar os encorajamentos crônicos pois dessa forma os sintomas não se ancorariam. Os problemas sociais não seriam eliminados bruscamente. “As crianças continuarão mal emaranhadas emocionalmente por um longo tempo. O principal é mantê-las preparadas para desemaranhar-se rapidamente” (Reich, 1984j, p. 63).

Podemos dizer que Reich almejava grandes transformações e tinha esperanças de que suas metas fossem alcançadas. Ao mesmo tempo, explicou que para chegar onde ele gostaria, a caminhada seria longa e lenta. A meta para aquele momento era conseguir manter uma criança saudável em meio a um universo doente. Caso isso fosse possível, poderia se acreditar em um futuro melhor.

### **3.5 Primeiros socorros orgonômicos para crianças**

O texto *Orgonomic first aid for children* (1984i) – *Primeiros socorros orgonômicos para crianças* – foi publicado pela primeira vez no ano de 1984, quase trinta anos após a morte de Wilhelm Reich, como quarto capítulo do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual*.

Não temos a data precisa em que o artigo foi redigido, mas, como no mesmo o autor cita o primeiro encontro do OIRC, podemos deduzir que ele foi escrito após a fundação do Centro, que aconteceu no ano de 1949.

Neste texto Reich (1984i) explica o que seriam os primeiros socorros orgonômicos para crianças, expõe as peculiaridades daqueles que se beneficiariam do trabalho, as crianças, define que características precisariam estar presentes em um adulto para que ele pudesse aplicar tais medidas e fala dos obstáculos presentes na realização da tarefa. Em meio a esse percurso, transparece as ideias fundamentais que estão na base do projeto Crianças do Futuro.

De início, julgamos importante esclarecer o que Reich chamou de primeiros socorros orgonômicos para crianças. No decorrer de seu artigo, o autor conta que seriam medidas tomadas pelos adultos com a finalidade de dissolver os bloqueios assim que eles surgissem nas crianças, antes que os mesmos se transformassem em encorajamentos crônicos e as emoções fossem anuladas. Em outras palavras, em consonância com o pensamento do orgonomista, tratavam-se de ações feitas com a finalidade de salvar as crianças de danos maiores e possivelmente irreversíveis.

Este é um ponto central que guia a iniciativa Crianças do Futuro. Seguindo nessa linha, fica claro que, para o autor, o encorajamento crônico teria origem em pequenos bloqueios que apareceriam na estrutura humana desde os primórdios da vida do sujeito. Caso esses prejuízos iniciais não fossem reparados, o indivíduo corria o risco de ter um acometimento mais grave. Como uma meta fundamental do projeto em estudo era a profilaxia das neuroses, os primeiros socorros orgonômicos seriam úteis por agir nessa direção, encontrando uma saída para prevenir engessamentos crônicos.

Reich (1984i) começa o artigo contando que, antes mesmo do primeiro encontro realizado no OIRC, ele já tinha experiências valiosas em primeiros socorros orgonômicos para crianças e que seria fácil descrever minuciosamente todas as técnicas que o mesmo já havia empregado. No entanto, para ele, não deveria ser esse o caminho a se seguir. Era de grande valor uma técnica de primeiros socorros orgonômicos, mas essa não poderia ser formulada apenas pela mera descrição do que já tinha sido feito.

O orgonomista buscava uma técnica confiável e duradoura, o que só era possível caso a mesma se apoiasse numa justificativa teórica do por que ser realizada. Teria que ser algo passível de explicação e repetição. Segundo ele, deveria ser aplicada tão seguramente quanto, por exemplo, as intervenções realizadas no tratamento de uma costela quebrada. Se não fosse feita dessa forma, Reich (1984i) expõe que a técnica não passaria de um procedimento casual, sujeito aos caprichos e inclinações pessoais de cada terapeuta infantil, podendo causar mais prejuízos do que benefícios. É interessante perceber a preocupação reichiana, sempre presente, com a coerência e a validade de seu trabalho. Ele não queria uma técnica qualquer, mas algo que tivesse valor científico.

O público a ser atendido, crianças de até aproximadamente quatro anos, tinha suas particularidades e demandava cuidados especiais. De acordo com o autor, o método empregado deveria ser diferente daquilo que é feito em adultos. Como já foi dito, não se trata de couraças crônicas em que as emoções já foram destruídas, como acontece no caso de pessoas mais velhas, mas de situações emocionais muito maleáveis, de fases iniciais de encorajamento e energia ainda fluindo livremente. Enquanto que nos adultos

busca-se descascar camada a camada, com o objetivo de se chegar ao núcleo genital, nas crianças, a tarefa “consiste simplesmente em remover obstáculos no caminho do desenvolvimento natural em direção à genitalidade plena” (Reich, 1984i, p. 66).

Chama atenção a ênfase reichiana no que diz respeito à forma como os educadores deveriam se portar. Consistiria em deixar que a criança seguisse seu caminho “natural” e que os responsáveis pelas mesmas apenas intervissem no sentido de remover obstáculos nesse trajeto. Podemos pensar que é uma tarefa bastante delicada definir o que seriam tais obstáculos. Como os cuidadores saberiam com exatidão em que momento e com que intensidade deveriam intervir? O que era saudável para o desenvolvimento do bebê e o que causava prejuízos? Como precisar o que é inato? Reich explica que o OIRC teria que encontrar critérios objetivos para definir aquilo que é natural e o que é desenvolvido secundariamente. Para ele, muitos comportamentos patológicos como, por exemplo, o chido no peito dos bebês, eram compreendidos pelos adultos como atitudes inatas. Essas distorções precisavam ser elucidadas.

É importante esclarecer que o autor não nega o fato de algumas crianças chegarem ao mundo com severos prejuízos causados por danos intrauterinos, ou seja, já estarem “emocionalmente mortas logo após o nascimento” (Reich, 1984i, p. 66). No entanto, ele deixa claro que não é esse o foco do artigo em questão e que esse é um problema especial cuja resposta ainda está a ser encontrada.

Reich (1984i) segue expondo quais são as premissas básicas que deveriam nortear a educação bem como a realização dos primeiros socorros orgonômicos, quando fossem necessários. Antes de qualquer coisa, a forma de lidar com as crianças não poderia variar de acordo com a opinião do educador, da cultura, da religião ou de qualquer outra interferência externa. No entanto, ele percebia que não era isso o que vinha acontecendo naquele período, pois os bebês ficavam à disposição de instituições sociais, independente delas estarem ou não de acordo com as funções básicas da vida.

O foco principal teria que ser a necessidade das crianças e não os desejos dos adultos. Reich desmascara atitudes de pessoas que estavam mais

preocupadas com o reconhecimento e benefício próprios do que com o bem estar infantil. Segundo ele:

Não menos do que o cuidado que temos com os oportunistas covardes que estão mais interessados em agradar a todos e em serem mencionados de imediato em algum jornal ou revista de pediatria do que na verdadeira natureza e bem-estar da criança, devemos ter cuidado com os 'curadores' vaidosos e 'trabalhadores milagreiros' da terapia infantil (Reich, 1984i, p. 67).

Para o orgonomista, o sistema bioenergético da criança é supremo e deve ser respeitado como sendo superior a qualquer influência do meio. "Nada além das crianças e de suas vidas importa. Só elas fornecerão uma resposta à confusão" (Reich, 1984i, p. 67). Podemos pensar que uma das ideias que embasam o projeto Crianças do Futuro e guiam todo o seu desenvolvimento é a de que o ser humano, caso não tenha sofrido danos externos, saberá qual é o melhor caminho a seguir. Ao nascer, o bebê traz consigo o sistema bioenergético que irá guiá-lo da forma apropriada, e só não acontecerá dessa forma se o mesmo for distorcido pelo meio.

Segundo Reich (1984i), ao nos envolvermos com a infância, inevitavelmente nos confrontaremos com verdadeiros eventos cósmicos, cuja compreensão ultrapassa qualquer instituição social. Sendo assim, os responsáveis pela criação não seriam capazes de entender plenamente o funcionamento infantil. Por isso, o norte a ser seguido era a consciência de estar lidando com as raízes profundas daquilo que provavelmente são as mais perversas contradições da natureza humana. "Em nenhum outro domínio do esforço humano há opiniões selvagens, sem base e irracionais, de forma tão grave quanto há na esfera mais crucial da vida humana, isto é, na educação de crianças" (Reich, 1984i, p. 66). Os cuidadores não estavam aptos a guiar as crianças já que eles não sabiam por onde seguir.

Os educadores deviam ter como base o que Reich entendia como sendo o funcionamento natural do ser humano, que estaria presente nos mesmos, a menos que sofressem algum dano externo. "Devemos apostar nas raízes dos nossos bebês, fincadas na natureza, e confiar neles para o futuro da cultura e civilização" (Reich, 1984i, p. 67).



Em paralelo, era fundamental estar de acordo quanto à existência de uma primeira puberdade infantil, bem como compreender que os jogos genitais são o pico dessa etapa do desenvolvimento. A ausência de atividades genitais teria que ser vista como patológica, já que, para o orgonomista, a criança saudável pratica jogos genitais de diversos tipos. Essas atividades deveriam, inclusive, ser encorajadas.

O autor é claro em afirmar que qualquer pessoa incapaz de manter tais pontos de vista, independente do motivo, não deveria se aproximar de crianças e nem do trabalho a ser desenvolvido. Ninguém era forçado a realizar a tarefa, mas qualquer um que a iniciasse, tinha que saber com o que estava lidando. A pessoa a desenvolver a função, além de se interessar pela atividade, teria que ser escolhida minuciosamente.

De acordo com seu ponto de vista, a estrutura de quem presta os primeiros socorros é muito importante, é fundamental que o cuidador tenha certo grau de saúde. Para Reich (1984i), uma pessoa emocionalmente bloqueada é inclinada a desenvolver todos os tipos de ideias errôneas sobre como uma criança deveria ser ou sobre o que fazer na ocorrência de bloqueios emocionais e tenderá a fugir do problema em questão. Por isso, quanto maior for sua ansiedade pessoal, mais distante seu julgamento e prática estarão das demandas da situação. Sendo assim, o cuidado com o bebê requer habilidades naturalmente enraizadas, que não podem ser substituídas por cuidados culturais ou artificiais. Em suas palavras:

a dificuldade real não está no problema da criança, mas no bloqueio emocional e na ansiedade do educador. Portanto, uma camponesa maternal, saudável e sexualmente experiente será, com frequência, apta a achar mais rápido a resposta certa para uma situação aguda numa criança do que o educador mais preparado (Reich, 1984i, p. 65).

Nesta fase da obra reichiana, é comum percebermos a importância dada à natureza. Vasto conhecimento e embasamento teórico de nada valem se os educadores não respeitarem o fluxo natural. Toda essa forma de pensar gira em torno da confiança depositada no sistema bioenergético inato do homem. Se o mundo não funciona de maneira saudável e as pessoas são

encouraçadas, isso se deve a fatores externos ao ser humano. Sendo assim, diante do quadro, o problema não residia nas crianças, mas nos adultos, no bloqueio emocional e na ansiedade desses.

Um fato que deixava Reich intrigado e o fez refletir sobre foi que muitas coisas a favor da vida vinham sendo levadas em consideração, se falava sobre o assunto e se escrevia seguindo esse caminho, no entanto, elas não penetravam nos indivíduos. A teoria era bela, as pessoas concordavam com a mesma, mas na prática nada mudava. O caos continuava presente.

O orgonomista ressalta que quase toda mãe sabe, no fundo, o que a criança precisa; mas a maioria segue teorias nocivas, de teóricos passageiros e não seu instinto natural. A dificuldade não estava presente nos problemas infantis, mas no caráter humano. Sendo assim, Reich (1984i) explica que, o foco não deve ser as dificuldades das crianças, mas os obstáculos que impedem que a situação seja alterada, isto é, aquilo que não permite que os educadores sigam seus instintos.

Mesmo tendo ideia do caminho a seguir, o autor explica que a tarefa não será fácil pois a solução estaria oculta e vigiada. Para explicar melhor o contexto que impossibilitava a resolução do problema, ele faz um curioso paralelo com a história bíblica de Adão e Eva, relacionando a expulsão de ambos do paraíso com o rompimento humano com a natureza.

Penso no arcanjo que, com sua espada ardente, guarda proibitivamente a entrada do paraíso na lenda bíblica de Adão e Eva. Os mitos têm um significado muito profundo. A expulsão de Adão e Eva do Jardim do Édem se refere à perda humana do contato com a natureza tempos atrás. Ele não pode retornar à natureza enquanto for 'pecador'. Do nosso ponto de vista, ele não pode retornar à natureza por algo que contradiz a natureza (Reich, 1984i, p. 69).

É interessante perceber que, na visão reichiana, aquilo que o homem procura com o nome de 'paraíso', é, na verdade, uma busca de retornar a si, ao seu núcleo bioenergético, à sua condição natural que foi perdida devido a interferências danosas do meio.

Mesmo sendo uma tarefa muito árdua a se cumprir, para que o OIRC não fosse mais uma tentativa frustrada e fracassada, a solução teria que ser

encontrada. Reich (1984i) encerra o artigo se comprometendo a seguir na tentativa de alterar o quadro. Independente do tempo que levaria, o mais importante era a direção a ser tomada. Quanto ao OIRC, o primeiro obstáculo contra seu funcionamento apareceu na sexta semana de trabalho. Tal obstáculo será esclarecido na exposição do próximo artigo que focalizaremos.

### 3.6 Encontrando a peste emocional

O texto *Meeting the emotional plague* (1984h) – *Encontrando a peste emocional* – teve sua primeira publicação no livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* –, no ano de 1984. De acordo com informações obtidas no próprio artigo, o mesmo teria sido escrito trinta e quatro anos antes da data de sua primeira edição, em 1950. Vejamos: “Agora, em 1950, meu trabalho foi reconhecido mundialmente” (Reich, 1984h, p. 75).

O tema abordado em *Meeting the emotional plague* (1984h) – *Encontrando a peste emocional* – parece ser uma continuidade do assunto que foi explanado na obra anteriormente descrita, *Orgonomic first aid for children* (1984i) – *Primeiros socorros orgonômicos para crianças*. Por esse motivo, supomos que *Meeting the emotional plague* (1984h) – *Encontrando a peste emocional* – tenha sido redigido na mesma época do *Orgonomic first aid for children* (1984i) – *Primeiros socorros orgonômicos para crianças*. Pela sequência dos acontecimentos, acreditamos que o *Orgonomic first aid for children* (1984i) – *Primeiros socorros orgonômicos para crianças* – tenha sido escrito primeiro, pouco antes do texto que será aprofundado a seguir.

O artigo em estudo tem como foco central a descrição de como aquilo que o autor chamou de peste emocional emergiu pela primeira vez no OIRC e quais medidas foram tomadas diante do fenômeno. Nesse escrito, o orgonomista conta que dez anos antes do estabelecimento do OIRC, que ocorreu em 1949, nada era conhecido a respeito dos métodos da praga. É importante ressaltar que, no ano de 1945, Reich aprofundou seus estudos a respeito do tema, redigindo um texto intitulado *A peste emocional*

(1945/2004c), que passou a compor o livro *Análise do caráter* (2004a) em 1949, na sua terceira edição.

Após situar o leitor do momento em que *Meeting the emotional plague* (1984h) – *Encontrando a peste emocional* – foi elaborado, iniciaremos a exposição do mesmo. Em seu artigo, de início Reich relata que conhecimentos ele já tinha a respeito da praga emocional antes do trabalho no OIRC e qual era o perfil esperado dos educadores das Crianças do Futuro; em seguida expõe como foi o surgimento da peste e, por fim, a que conclusões se chegou após o ocorrido. Decidimos fazer a exposição desse texto respeitando os quatro aspectos centrais que o norteiam: a) o que Reich já sabia sobre a peste antes de 1949; b) que características os cuidadores deveriam apresentar; c) em que situação a praga surgiu no OIRC; d) o que foi refletido e feito depois do ocorrido.

Reich (1984h) começa seu escrito contando que esperava deparar-se com obstáculos no caminho das crianças saudáveis, mas que não sabia em que momento nem de que forma isso aconteceria. De certo modo, ele estava preparado para o surgimento da peste emocional naquele cenário, mas de acordo com seus relatos, a forma como o ódio contra as coisas vivas se manifestou o surpreendeu. O orgonomista já tinha conhecimento de que raramente existe uma estrutura humana criada sob o estresse emocional no início da infância que não tenha uma camada de ódio contra a vida.

Nesse sentido, ele cita oito aspectos a respeito dos mecanismos da peste emocional, os quais ele já sabia que existiam antes do início do projeto. A primeira característica apontada é o fato de o fenômeno não ser intencional ou consciente. Pode parecer uma expressão de má vontade ou certa brutalidade proposital, mas, na verdade, seria um traço caracteriológico como qualquer outro. Trata-se de um comportamento biopático atuado nas relações humanas.

Em seguida, o autor explica que a peste é alimentada da frustração sexual associada a uma severa agressividade. O terceiro ponto levantado é que as pessoas afetadas agem com a forte convicção subjetiva de estar servindo a algum propósito, a uma boa causa. Como exemplo dessa terceira característica, Reich (1984h) cita a internação de adolescentes em

reformatórios por terem relações sexuais; a prisão de um homem honesto, considerado perigoso para certos interesses; a severa punição de crianças por desfrutarem de jogos genitais; o ataque a algum país a pretexto de que ele iria atacar; as fofocas em geral; dentre outros. Ou seja, não se tratando de algo consciente, o indivíduo encontraria uma justificativa racional para apoiar sua atitude pestilenta.

O orgonomista expõe que todas as reações da peste são dirigidas, em geral, contra expressões naturais da vida, pois essas causam ódio no ser humano acometido pela peste. Em outras palavras, aquilo de que o portador da praga foi privado, sua vitalidade, é o que ele mais almeja e, ao mesmo tempo, por não conseguir obter o que quer, é o que ele mais combate. O quinto aspecto evidenciado é o fato de as pessoas afetadas serem muito talentosas. Reich (1984h) nomeou esses talentos como abortivos, pois são associados a uma avidez em obter vantagem das situações sociais que oferecem o máximo de sucesso superficial adquirido com o mínimo de esforço. Os sujeitos com essa característica são talentosos, porém emocionalmente pobres. Hitler e Stalin são citados como exemplos desse tipo de perfil.

O sexto ponto explicitado diz respeito à condição bioenergética que estaria na base de qualquer indivíduo tomado pelo fenômeno. Trata-se de alguém bioenergeticamente forte que é desviado para o comportamento pestilento por causa de uma afiada percepção da vida com um igualmente forte bloqueio das expressões vitais. A próxima característica é que essas pessoas, cujas fortes estruturas são acometidas pela peste, atraem os seres humanos desamparados e fracos bem mais do que a vida saudável e o comportamento natural conseguem fazer. Isso pode ser observado no fato de que aquilo que é ruim e superficial exerce maior influência do que o saudável.

Crianças irão se identificar mais rápida e completamente com as coisas doentes e rudes – caretas, palavrões, tiros, cuspir, etc. – do que com comportamentos naturais, calmos, profundos e simples. Frente à opção entre o pensamento profundo e um agitado jogo de futebol, o homem comum escolheria, sem dúvida, o último (Reich, 1984h, p. 73).

O orgonomista explica que essa sétima característica não se desenvolve pelo motivo de o ser humano se sentir melhor com as coisas superficiais. Na verdade, secretamente, o homem tem saudade do que perdeu, a sua natureza. Um fator interessante levantado por Reich (1984h) é que as pessoas, ao buscarem por Deus, na verdade estão tentando resgatar aquilo que foi deixado no passado, mas elas nunca conseguem alcançar o que desejam. O natural, o divino e o bom permanecem inacessíveis, pois o caráter humano não está estruturado de acordo com suas necessidades, mas de acordo com modos superficiais de vida.

Como já citamos acima, os processos de vida natural provocam os mais profundos anseios nas pessoas com peste emocional, de tal forma que eles se tornam insuportáveis por não poderem ser satisfeitos. Ao buscar uma saída para acalmar esse incomodo, o indivíduo encontra um caminho, guiado pela praga emocional, para que não necessite alterar seu modo de vida. Nas palavras do orgonomista: “é possível manter-se impassível na confusão enquanto a alma é aquecida pelo brilho de altos ideais, manter-se como um verme, rastejando miseravelmente nesse mundo, mas contar com uma honra nacional de ser um ‘defensor’ de uma coisa ou outra” (Reich, 1984h, pp. 73-74).

O último aspecto definido pelo autor diz respeito ao ódio contra o vivo. A questão não é o ódio em si, mas o fato de não se dar nenhum passo em direção a eliminar esse sentimento. É entendido como vivo não apenas as funções centrais, como a genitalidade e a alegria de viver; mas tudo o que pode ser visto como funções vitais positivas, por exemplo a verdade, a objetividade, a naturalidade e a criatividade.

É interessante fazer um paralelo da história de vida de Reich com sua construção teórica. Vale salientar, que a essa altura, ele já morava nos Estados Unidos, ou seja, já tinha sido expulso da Psicanálise, do Partido comunista, passou por uma campanha difamatória na Noruega e muitas de suas teorias tinham sido severamente criticadas. Nesse período em que morava nos Estados Unidos, o clima já estava começando a ficar tenso. Muitos aspectos desses fatos foram entendidos pelo orgonomista como decorrentes da peste emocional.

Diante do que Reich já sabia sobre o fenômeno, ele afirma que o principal objetivo numa tentativa racional e crucial de vir a enfrentar a praga emocional deve ser o de proporcionar um solo apropriado na consciência humana na qual esse conhecimento possa crescer e exercer seus efeitos contra a praga. Entendendo que a iniciativa Crianças do Futuro, por lidar com a vida e ter como meta central manter a saúde dos indivíduos, ia de encontro às estruturas acometidas pela peste emocional, Reich percebeu que teria que selecionar cuidadosamente todos os educadores que participariam do OIRC, elegendo aqueles que estariam aptos a lidar com a peste emocional.

Assim, embasado nos seus conhecimentos, o orgonomista escolheu criteriosamente os profissionais que estariam presentes na empreitada Crianças do Futuro. Todos eles tinham sido bastante treinados, estudaram a literatura orgonômica e aprenderam a reconhecer o ódio estrutural contra o vivo. Haviam aderido à tarefa de combater a peste emocional e estavam, em média, muito à frente de outros na compreensão da importância da saúde genital em crianças e adolescentes.

Reich (1984h) acreditava que não era qualquer pessoa, que almejasse lidar com crianças nos moldes da iniciativa Crianças do Futuro, que estaria habilitada a desenvolver a tarefa. Sendo assim, ele delimitou claramente as características que teriam que estar presentes nesses educadores. O autor entendia que, seguindo tais exigências, os adultos estariam aptos a enfrentar o ataque da praga emocional no trabalho de pesquisa infantil. Seria uma imprudência entrar em campo sem essas proteções estruturais.

Os requisitos básicos definidos por Reich (1984h) eram os seguintes: de início, qualquer decisão ou ação a ser tomada teria que basear-se nos princípios fundamentais do trabalho. A opinião pessoal ou a de amigos não deveria interferir nas escolhas, o interesse no bem estar das futuras gerações era para ser priorizado frente às amizades pessoais e profissionais. As ações tinham que ser guiadas a partir do que era favorável ao princípio da vida e da autorregulação natural. Medidas contrárias a essa direção tinham que ser compreendidas e, se possível, combatidas. Os cuidadores eram para ser contra o sacrifício dos princípios básicos em favor de afiliações sociais.

Além disso, era fundamental desenvolver um ódio claro e racional contra tudo o que mata a vida, independente de quem ou o que fosse. Evitar ferir os sentimentos individuais de uma pessoa doente, colocando em risco toda uma geração de bebês, era uma tremenda irresponsabilidade. O educador também tinha que ser humilde frente à enorme tarefa e, paralelamente, ter uma forte autoconfiança obtida por meio de suas atitudes. Por fim, devia ter firmeza na busca da verdade e severa autocrítica na execução de suas ações.

Como podemos perceber, tratava-se de critérios bastante rigorosos. Tendo cumprido essa etapa e escolhido cautelosamente todos os envolvidos na ação, deu-se início às atividades no OIRC. Foi então, algum tempo depois, que a peste surgiu no Centro. Segundo os relatos reichianos, anterior ao surgimento da praga emocional, cinco encontros já haviam acontecido no OIRC, nos quais cinco crianças relativamente saudáveis tinham sido mostradas e estudadas. A partir das leituras realizadas, compreendemos que nessas reuniões, as crianças eram examinadas e discutidas entre os participantes, com o intuito de contribuir para um maior entendimento da saúde. Podemos supor que a cada encontro uma criança era apresentada. Até então, os profissionais haviam cooperado e seguido os procedimentos satisfatoriamente. Dando sequência ao trabalho, Reich sugeriu que uma mãe, fora do círculo de trabalho, fosse convidada para debater a respeito de sua filha.

Como resultado desse sexto encontro, esperava-se perceber se seria possível ampliar a proposta de intervenção do OIRC para o público geral, ou seja, se a educação das crianças incluindo os primeiros socorros orgonômicos, nos moldes previstos pelo Centro, poderia ser realizada também pelos pais, que estão mais próximos dos filhos, em vez de exclusivamente por médicos e educadores.

A mãe escolhida para contribuir com o trabalho do projeto Crianças do Futuro fazia parte, há certo tempo, de um grupo misto de pessoas unidas pela busca de discutir a respeito da autorregulação na educação infantil. De acordo com a exposição reichiana, ela não estava afiliada pessoal nem profissionalmente ao OIRC e, conforme perceberemos na citação abaixo, seu caráter estava próximo daquilo que Reich entendia como saúde.



Era uma mulher viva, inteligente, ligeiramente agressiva, muito trabalhadora e que se sustentava por conta própria. Ela não era oprimida por restrições culturais formais. Havia vivido sua vida amorosa de acordo com suas necessidades e combateu bravamente o atoleiro moralista que tantas vezes havia ameaçado devorá-la. Tinha criado sua filha de acordo com sua percepção da vida e não de acordo com a opinião pública. Naturalmente foi frequentemente forçada a uma posição defensiva e era, compreensivelmente, um pouco tensa. Ela sempre havia buscado compreensão e aprovação do seu modo de vida e de sua percepção natural do que é realmente moral e decente, de forma que, ao juntar-se ao grupo de leigos dedicados ao estudo de Orgonomia e Economia Sexual, se sentiu aliviada. Finalmente pensou ter encontrado um grupo de profissionais altamente treinados que a entenderiam e a aprovariam. Ela estava ansiosa para apresentar sua filha ao OIRC, não só para ajudar nessa importante tarefa, mas também pela esperança de deixar de ser tão desesperadamente só em sua vida (Reich, 1984h, p. 78).

Como podemos ver, além de criar sua filha em consonância com o que Reich entendia ser adequado, a mãe também se sentia afinada com o OIRC e com os ideais do Centro. Havia uma admiração recíproca.

Antes de iniciar a reunião na presença da mãe e da menina, algumas coisas foram enfatizadas para os participantes. Eles foram lembrados do ódio contra o vivo, apesar de Reich acreditar que quem não tivesse experimentado pessoalmente as reações da praga, não entenderia ou não seria capaz de aceitar que tamanha maldade existe. Também foram alertados de que o que fosse ouvido teria que ser tratado com total confidencialidade e, por último, foi novamente dito que o procedimento básico deveria ser orientado de acordo com o que era favorável ao princípio da autorregulação na educação infantil.

Finalmente deu-se início à demonstração. Infelizmente, Reich (1984h) não deixa claro em seu texto o que exatamente era feito nessas reuniões. Podemos ter como hipótese que o orgonomista junto com o responsável pela criança apresentavam a criança e sua história à plateia e, depois, os participantes faziam perguntas e tiravam dúvidas. Em seguida, mãe e criança saíam do ambiente e os profissionais discutiam o caso.

O que sabemos é que, de acordo com Reich (1984h), a mãe começou a apresentação e respondeu às perguntas de uma forma aberta, completamente franca e desinibida. À medida que a discussão prosseguia, contudo, ela tornou-se cada vez mais tensa. Isso era percebido pela sua face que estava ruborizada e pela sua voz que já não fluía tão livremente quanto antes, ela falava como se tivesse indo contra um obstáculo. A criança, que Reich havia examinado um dia antes, comportou-se diferente do habitual. Foi difícil estabelecer contato com a mesma, ela agarrou-se à mãe e recusou-se a se despir.

Nesse momento, o orgonomista sentiu frieza na atmosfera, principalmente quando a mãe começou a descrever os hábitos genitais da menina. Houve poucas perguntas por parte da audiência. Em seguida a mãe e a garota saíram da sala e um silêncio prevaleceu. Não havia sinal de hostilidade e tudo parecia calmo, mas, ao mesmo tempo, todos sabiam que algo crucial havia acontecido. O caso em estudo colocava em questão diversos valores socioculturais e educacionais daqueles tempos, como podemos observar nas palavras do autor:

o destino típico de uma mãe solteira; a coragem de resistir à opinião pública sem ajuda e, às vezes, de modo confuso; o sucesso de ter criado satisfatoriamente uma garota razoavelmente saudável e amável de pouco mais de quatro anos; as dificuldades no relacionamento entre mãe e filha devido ao fato da mãe ter que ganhar a vida, já que o pai estava ausente; a habilidade natural com a qual esta mãe, sem treino e sozinha, havia combatido os conselhos e advertências erradas de tias, avós e vizinhos; as consequências a serem extraídas desse caso sobre a formação da opinião pública; a vida em comunidade; o problema de mães solteiras e muitas outras questões (Reich, 1984h, pp. 79-80).

Diante de todo o quadro, a discussão entre os profissionais parecia não fluir. Depois de algum tempo, a conversa começou a se desenvolver. No entanto, as colocações eram feitas em tons de críticas. Segundo Reich (1984h) relata, queixaram-se que havia sido dedicado tempo demais ao questionamento da mãe; que ele devia ter feito as perguntas de uma forma diferente, mas não foi apontada que forma seria essa; que a criança não era

para ter sido trazida à sala durante o questionamento da mãe; que ela poderia ter sido prejudicada por ouvir a descrição de seus jogos genitais; que a mesma não agiu como esperado; que Reich não fez contato com a garota; que ele deveria ter lidado com a menina com a mesma habilidade que havia lidado com outra criança algumas semanas antes etc. O orgonomista surpreendeu-se com o comportamento de um médico, que sempre mostrou-se educado e, durante a discussão, explodiu repentinamente e reclamou que as cadeiras eram desconfortáveis.

Frente a isso, a postura reichiana foi encorajar mais questionamentos sobre o assunto e deixar que a discussão fluísse. “Eu ainda deixei continuar a barragem de falas insignificantes. Era essencial descobrir até onde elas iriam” (Reich, 1984h, p. 80). Chamou a atenção do orgonomista como o foco principal da discussão perdeu lugar para críticas que o mesmo julgou sem importância. A maioria dos trabalhadores sentiu que os responsáveis pelo problema eram a técnica do questionamento ou as peculiaridades do caso específico, ou seja, na visão do autor, coisas irrelevantes diante do quadro como um todo. Vale a pena deixarmos em aberto as seguintes questões: será que todas essas críticas eram realmente infundadas e sem importância? Será que não seria mais apropriado deixar a criança fora da sala enquanto a mãe estava sendo questionada? A mãe estava preparada para responder a tantos questionamentos?

Diante dos fatos, Reich confirmou para a plateia que não pôde fazer contato com a criança como havia feito no dia anterior e que era exatamente por isso que a situação não correu como esperado. Ele também expôs o constrangimento que sentiu durante o questionamento. O clima permaneceu imutável, apenas uma participante disse ter se sentido muito desconfortável no grupo de profissionais rígidos, que eles não faziam contato uns com os outros e eram frios às questões mais importantes.

A reunião foi encerrada e ficou combinado que se discutiria os ocorridos no encontro seguinte. Todos concordaram que estavam lidando com uma experiência crucial e que era importante esclarecê-la. Reich apenas pontuou que, pela primeira vez, eles haviam encontrado um importante obstáculo em

suas próprias estruturas. Nos dias seguintes à discussão, ele refletiu muito sobre os fatos e fez algumas anotações sobre o que observara:

1. A mãe foi franca, maravilhosa, ela quebrou a barreira. /
2. O grupo congelou-se cada vez mais à medida que o assunto da genitalidade desenvolveu-se, até que a mãe ficou confusa e constrangida. /
3. A discussão primeiro tentou desviar da questão enfatizando fatos secundários e superficiais como o método de questionamento, a ideia de que o procedimento tinha se concentrado demais na mãe, as cadeiras eram muito apertadas, etc... /
4. Nenhum contato podia ser feito com a criança. Ela recusou-se a tirar a roupa e com razão. A atmosfera era frígida. /
5. As 'pessoas' encontraram os 'especialistas'. Estes últimos falharam. /
6. O ódio estrutural apareceu com a força de balas de metralhadoras. /
7. Seria imprudente deixar que esses educadores prestem serviço ao público no trabalho com a genitalidade infantil. /
8. Por algum tempo, nenhuma outra criança em fase genital deveria ser apresentada (Reich, 1984h, pp. 84-85).

No dia seguinte à reunião, foi pedido que um dos participantes entrasse em contato com a mãe da garota pra saber se a menina havia sido prejudicada de alguma forma. Nos chama atenção mais uma vez o cuidado ético que Reich tinha em seu trabalho. Essa característica também pode ser observada quando o orgonomista decide não envolver mais nenhuma criança nas exposições, pois ele acreditava que os profissionais não estavam prontos para lidar com a questão e, além disso, poderiam causar danos às crianças.

No intervalo entre um encontro e o outro, alguns profissionais procuraram Reich para falar sobre o ocorrido. Uma participante admitiu que sentiu-se muito embaraçada com a discussão aberta de uma criança, filha de uma mãe não casada, na frente de tantas pessoas; alguns outros relataram ter sentido ódio; outro integrante contou que a franqueza da mãe o deixou desconfortável, vários membros assumiram ter ficado perturbados, etc.

Depois de pensar muito sobre o assunto, Reich constatou que o ódio estrutural contra a discussão pública da genitalidade prática havia, pela primeira vez, atacado o OIRC. Se tratava do mesmo ódio que por muitos anos manteve a questão da genitalidade infantil fora de todos os encontros de médicos e educadores no mundo inteiro. Após a sexta reunião, o orgonomista

ficou deprimido e achou que poderia ter falhado irremediavelmente. Sentiu que o próprio trabalho estava em séria crise. Se fosse impossível prosseguir com esses profissionais treinados, não teria outra saída, o OIRC estaria condenado.

Reich fez uma reflexão sobre os membros do Centro que apoiavam seus ideais e a respeito das diversas pessoas que, em algum momento de sua vida, aliaram-se fortemente ao seu trabalho. Colocou em questão qual era o motivo que ligava todas essas pessoas a ele e compreendeu que os indivíduos eram atraídos muito mais por características de sua personalidade e pela esperança de Reich torná-los felizes do que por uma real identificação com seus projetos.

Tendo sido enganado pela admiração que desfrutei por muitos anos, percebi que o que atraía as pessoas em mim era o meu 'brilho', minha 'personalidade radiante' e não as causas pelas quais eu sangrava de tantas formas. Eu queria trabalhadores, lutadores, conhecedores, buscadores. O que eu tinha era um monte de místicos parasitas, que esperavam de mim a salvação, a potência orgástica, a felicidade na vida sem fazer nada para consegui-la e assegurá-la. Eu deveria 'dar a mesma' a eles. Meus mais amargos inimigos sempre foram aqueles que se emocionavam com o meu trabalho e com a promessa de abrigo para a humanidade, mas que nunca tiveram a paciência, a perseverança, o conhecimento nem o espírito para vivê-lo e levá-lo adiante. Eu fiz todo o possível para eliminar o admirador místico, o futuro inimigo frustrado. Foi essa torturante experiência que me forçou a exigir a lei do trabalho invés da lei da amizade (Reich, 1984h, p. 84).

De acordo com a reflexão reichiana, ele não queria lidar com profissionais que faziam propaganda da teoria do orgasmo ou da economia sexual, não lhe interessava pessoas que viam no orgonomista uma salvação e pensavam que não teriam que fazer nenhum esforço para chegar a isso. Ele não buscava seguidores que o endeusassem. Mesmo com tantas barreiras, Reich enfrentou o desafio de lutar contra a peste emocional. Ele acreditava que o sucesso ou o fracasso de suas ações seriam decisivos para as gerações futuras.

O autor entendeu que, antes de dar qualquer passo em direção à educação preventiva, o ódio estrutural, presente no caráter humano, tinha que ser completamente entendido e dominado de maneira prática, caso contrário,

cada trabalhador cairia repetidamente em perigos não reconhecidos e não seria capaz de prevenir um desastre. Sendo assim, naquele momento era muito mais importante superar este obstáculo do que estabelecer as leis naturais de autorregulação. Também ficou claro para Reich porque tudo relacionado à genitalidade era envolto por mistérios e tabus. O orgonomista decidiu trazer todas essas questões à tona, mesmo correndo o risco de destruir o projeto. Foi o que foi feito no encontro seguinte.

A sétima reunião aconteceu no dia 19 de fevereiro de 1950. O clima era tenso e todos os participantes sabiam que a continuidade do grupo seria decidida naquele dia. Reich deu início ao encontro contando aos presentes por que motivos ele tinha demorado mais que dez anos para começar essa tarefa social, apesar das inúmeras queixas de que ele não havia feito nada no campo da sociologia prática desde que chegara aos Estados Unidos.

Minha hesitação se baseava na convicção de que não se havia descoberto uma forma de se lidar com o medo estrutural e o ódio ao vivo, mesmo em trabalhadores mais habilidosos e dedicados no campo da orgonomia. Além disso, sempre que aponte para algumas manifestações deste ódio, as pessoas pensavam que era estranho, exagerado, uma fantasia ou preconceito pessoal (Reich, 1984h, p. 86).

Falou aos participantes a respeito de sua luta contra expectativas místicas e dos perigos envolvidos na inevitável frustração das mesmas. Deixou claro o que esperava dos profissionais. O orgonomista buscava trabalhadores independentes, que sabiam o que estavam fazendo, que não se amedrontavam ou recuavam ao sinal de primeira desaprovação de alguma autoridade, que estivessem prontos para abandonar ligações sociais e pessoais se essas contradissem suas tarefas de educadores e médicos. Os profissionais foram informados que teriam que livrar-se de suas adesões errôneas à opinião pública e que deveriam tornar-se críticos em relação a condutas usuais no campo da educação infantil. Eles precisariam aprender a lidar com o encorajamento infantil logo em seu início e a resistir contra os golpes da peste emocional. Também foi pedido que os mesmos deixassem o projeto caso

não conseguissem se adaptar aos esforços lentos, mas necessários, e sem a expectativa de premiações.

Na visão reichiana, essa era a tarefa mais árdua jamais realizada por médicos ou educadores. Apesar disso, ele estava disposto a seguir em seu projeto até o fim. Isso é nítido em sua fala: “Eu havia sacrificado meus laços familiares por três vezes para continuar no caminho que escolhi. Certamente não abandonaria meu caminho por causa de estudantes e colegas de trabalho passageiros” (Reich, 1984h, p. 88).

### **3.7 Encourajamento numa criança recém-nascida**

O texto *Armoring in a newborn infant* (1951/1984d) – *Encourajamento numa criança recém-nascida* – foi publicado pela primeira vez no ano de 1951, no terceiro volume da revista *Orgone Energy Bulletin* (*Boletim de Energia Orgone*). No ano de 1984, na primeira edição do livro *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* –, o escrito tornou-se o sétimo capítulo da obra.

Esse artigo trata do relato do caso de um bebê que foi acompanhado pelo OIRC desde que estava no útero materno, até perto do seu terceiro mês de vida. Por meio do texto, podemos tomar conhecimento dos detalhes do caso em si, saber como o Centro lidou com o mesmo, entender quais eram as expectativas do OIRC em relação à criança e aos seus pais, perceber o que Reich pensava a respeito de saúde e verificar, nas entrelinhas do escrito, quais eram as premissas que norteavam a proposta Crianças do Futuro. Diante das constatações feitas a partir do bebê observado, Reich acrescentou contribuições à sua teoria sobre o desenvolvimento humano.

Nossa exposição seguirá a seguinte sequência: a princípio falaremos sobre os detalhes que antecederam a escolha da mãe e da criança a serem estudadas, bem como a respeito dos profissionais envolvidos na tarefa; em seguida aprofundaremos nas características dos pais do bebê, na ordem dos fatos ocorridos enquanto a criança estava sendo observada pela equipe do

OIRC e nas intervenções feitas pelos profissionais; por fim, discutiremos as contribuições do caso para a ampliação da teoria reichiana.

Tendo avançado alguns degraus no que acreditava ser importante para o desenvolvimento das pesquisas sobre as Crianças do Futuro, Reich apostou que o passo seguinte a ser tomado seria aprofundar-se em um caso individual e específico. Para ele, seguir nessa direção significava conhecer todos os detalhes de um caso, o que era muito mais importante, naquele momento, do que pesquisar superficialmente inúmeros bebês. Reich então adota esse caminho e deixa claro sobre que visão de ser humano estava apoiado, o que, na realidade, é a mesma visão que serve de base a todo o projeto em estudo nesta dissertação. Segundo ele:

Numa criança recém-nascida, um sistema bioenergético não deformado, altamente maleável, emerge do útero e, a partir de então, será influenciado por uma multidão de impactos do meio ambiente que irão começar a formar o tipo específico de reação da criança ao prazer e à dor (Reich, 1951/1984d, p. 89).

O autor explica não desconsiderar a possibilidade de que danos pré-natais possam influenciar na vida pós-nascimento, porém, escolhe deixar de lado tal aspecto. O orgonomista estava em busca de compreender que obstáculos seriam encontrados caso se optasse por permitir que somente os interesses da criança e “nada mais” determinassem o curso dos eventos. No entanto, ele não deixou de problematizar o “nada mais”, esclarecendo que sabia tratar-se de algo impossível de ser plenamente aplicável na vida cotidiana, já que os seres humanos encorajados terminariam causando danos aos recém-nascidos saudáveis. Diante do fato, o que realmente poderia se fazer era aprender a julgar os obstáculos às metas do OIRC assim que eles surgissem no dia-dia. Dois aspectos merecem nossa atenção no momento: o fato de Reich não negar a influência da vida intrauterina para o desenvolvimento posterior do indivíduo e o cuidado que ele teve em precisar que não seria possível deixar que a criança seguisse integralmente seu ritmo já que as influências externas eram inevitáveis.

A partir do que foi explicitado no texto, supomos que o trabalho seguiu na seguinte ordem: primeiro constatou-se que seria mais oportuno aprofundar



num caso específico do que estudar superficialmente inúmeros bebês; a seguir um grupo de funcionários do OIRC foi escalado para participar da empreitada; feito isso, selecionou-se a mãe e o filho a serem analisados; depois deram início à observação do caso em estudo e, paralelamente, às intervenções que julgavam pertinentes. Por fim, como consequência do trabalho realizado, Reich pôde avançar em seus conhecimentos.

Para lidar com caso individual, cinco profissionais orgonomicamente bem treinados dariam suas contribuições. A justificativa dada por Reich (1951/1984d) para o envolvimento desses trabalhadores era o fato de que, não se sabendo nada a respeito dos distúrbios bioenergéticos e emocionais na gravidez e no parto, quanto maior o número de pessoas treinadas que pudessem observar e intervir quando necessário, melhor seria. O orgonomista explica que profissionais não preparados de acordo com os princípios do OIRC, eram de pouca utilidade. É interessante que ele cita dois exemplos do que seriam pessoas não bem treinadas: “um psicólogo que não soubesse nada sobre o fluxo orgonótico e um obstetra mecanicamente orientado para fazer o parto do bebê” (Reich, 1951/1984d, p. 93). Poucas vezes Reich comenta a presença de psicólogos no projeto Crianças do Futuro, é curioso observar que, ao dar o exemplo de algum profissional não preparado, ele cita um psicólogo.

Outra vantagem em se contar com os cinco profissionais era que, se as informações a respeito do comportamento materno fossem obtidas por meio de diversas fontes, as opiniões individuais poderiam ser eliminadas, tornando o campo o mais limpo possível de interferências pessoais. Fica clara a preocupação do orgonomista em extrair da situação aquilo que fosse mais fiel. Além disso, vendo por outro ângulo, Reich acreditava que surgiria material para o estudo sobre as reações dos trabalhadores diante da tarefa.

Assim sendo, as pessoas escaladas foram: um médico orgonomista cuja tarefa era supervisionar o estado emocional da mãe durante a gravidez e remover algum bloqueio que pudesse aparecer em qualquer parte do organismo; outro médico orgonomista, só que especializado na observação de crianças pequenas, com ricas experiências com seu próprio filho; uma assistente social treinada orgonomicamente que deveria ficar em contato com a mãe, com frequência suficiente para detectar qualquer desvio emocional ou

físico no campo fisiológico; um obstetra que faria o parto e estaria disposto a cooperar com o OIRC no que fosse necessário para um desenvolvimento seguro e desimpedido da criança; e, por fim, um médico orgonomista que havia prestado os primeiros socorros em um parto e assumiria a responsabilidade no caso de demora ou complicação no nascimento.

O menino a ser estudado foi escolhido desde que estava no útero. Na verdade, a seleção foi feita a partir das características maternas. De acordo com os relatos reichianos, no Centro as mães foram divididas em dois Grupos, A e B, a partir da avaliação da saúde das mesmas. O aspecto principal a ser levado em conta na classificação das mulheres era a pelve. Segundo ele, não se consideraria apenas os fatores mecânicos e rotineiros, que ele citou como sendo: a largura do osso pélvico; a posição do útero; a menstruação regular e sem dor; a ausência de retroversão, prolapso, trichomonas vaginalis, ulcerações cervicais, erosões cervicais, crescimento fibromatoso e crescimento miomatoso. O requisito mais importante a se observar era a presença ou não de encouraçamento pélvico.

Reich (1951/1984d) defendeu que o bloqueio pélvico impede a descarga orgástica adequada, reduz a vitalidade dos órgãos genitais e, conseqüentemente, prejudica o funcionamento bioenergético do feto. Em paralelo, tal bloqueio também é associado a tensões crônicas em outras partes do organismo, tornando todo o sistema emocional mais vulnerável a estresses e tensões geradas pelas dificuldades familiares e pelos problemas da gravidez e do parto. Em contrapartida, uma mulher com a pelve desencouraçada tem o resto do corpo livre de maiores bloqueios.

Assim sendo, mães foram divididas nos grupos de acordo com sua couraça pélvica. O Grupo A era composto exclusivamente por aquelas sem couraça pélvica, enquanto que o Grupo B reunia mulheres com bloqueios em tal segmento, as quais serviriam para pesquisar sobre a existência ou não de danos para os fetos que se desenvolvem em úteros comprometidos. Mesmo que essa divisão tenha sido feita com uma enorme cautela, pensamos que dividir mulheres entre as com “pelve saudável” e as com “pelve encouraçada” é um ato muito delicado e até complicado de se realizar. Sem dúvida, as conseqüências em decorrência dessa segregação podem ser bastante

perigosas. No caso em estudo por Reich, tal divisão gerou importantes atravessamentos no papel assumido pela mãe. Sharaf também aponta para esse aspecto em sua biografia reichiana:

Tal procedimento científico criou problemas não previstos. Algumas mães do grupo A andavam se vangloriando de que eram “saudáveis”; algumas mães do grupo B se sentiam rotuladas como defeituosas. Reich culpava os outros por essas percepções errôneas, por criarem um ideal de mãe “perfeita”. Mas seus próprios escritos, como mencionamos antes, contribuíram para a situação que ele lamentou (Sharaf, 1983, p. 330).

A mãe escolhida pertencia ao Grupo A e foi tida por Reich (1951/1984d) como alguém “satisfatoriamente saudável”. Descreveremos suas características de acordo com o que foi enfatizado pelo orgonomista em seu texto. Aqui, é interessante observar que atributos ele considerava como sendo sinais de saúde. Tratava-se de uma mulher de trinta anos, que havia sido feliz em seu casamento por muito tempo. Quanto aos aspectos físicos, era bonita, atraente sexualmente, possuía lábios cheios e sensuais. Tinha olhos brilhantes com olhar profundo, sério e penetrante, pleno de contato. A pele era morena e o corpo forte, tanto o tronco quanto os membros eram bem formados. Ela não possuía maiores tensões em sua estrutura caracteriológica.

Em termos comportamentais era calma, relaxada, extrovertida e direta. Conseguia expressar livremente emoções de qualquer natureza, podia fazer caretas, zombar, rosnar, gritar, mostrar ansiedade em seus olhos, abrir suas pálpebras completamente, morder e bater fortemente com seus punhos em algum objeto odiado imaginário. Chama a atenção como a possibilidade de expressar as emoções é algo valorizado pelo autor. O reflexo do vômito estava plenamente desenvolvido. Quando à sexualidade, desfrutava do ato sexual sem medo nem restrições. Atingia descargas orgásticas regularmente e se deixava ir pela relação sexual.

Além dos aspectos que correspondiam ao ideal reichiano de saúde, a mãe possuía algumas características que saíam, de certo modo, dessa linha.

Quanto ao seu corpo, apresentava uma leve hipersensibilidade no segmento abdominal mediano, mas essa era facilmente removida. Em termos psicológicos também eram observados alguns traços inoportunos. Ela idealizava a maternidade e não estava consciente do que era criar um bebê. A equipe do OIRC tentou conscientizá-la, mas não obteve muito resultado, pois a mesma continuou excessivamente confiante quanto ao que estava por vir e com atitudes exageradamente idealistas em relação à maternidade e às crianças.

Outro fator levantado por Reich (1951/1984d) foi que ela se animava com a esperança de parir uma “criança saudável”. Podemos nos perguntar se essa expectativa não teria sido, de alguma forma, estimulada pelo OIRC. O autor aponta para o fato de que ao se pautar nessa ideia de saúde absoluta, ela corria um sério risco. Além da idealização quanto à maternidade, também tinha uma atitude no mesmo sentido em relação ao marido. Segundo ela, o casal não tinha nenhum tipo de conflito e eles eram completamente felizes. No entanto, não era isso que os profissionais observavam. De acordo com Reich, seu marido fazia uso de expressões pornográficas e parecia apreciar a idealização da esposa. Ele tinha algumas ideias fixas sobre assuntos sociais e culturais que não estavam em concordância com a estrutura biológica de sua companheira. Apesar dessas características que não correspondiam ao ideal reichiano de saúde, o orgonomista deixa claro que não estava alimentando expectativas quanto a selecionar pessoas plenamente saudáveis. Segundo ele:

O essencial não é avaliar os pais em termos ‘absolutos’, de uma saúde ‘absoluta’, com relação a uma criança ‘absolutamente’ saudável. Ao contrário, esta atitude de perfeccionismo absoluto causa muitos prejuízos não somente à conduta dos pais, mas principalmente ao empreendimento educacional preventivo em si. A ideia de uma saúde ‘absoluta’ e de uma criança ‘absolutamente saudável’ é contraditória com a realidade onde a criança tem que crescer (Reich, 1951/1984d, p. 92).

Ao longo do artigo, Reich (1951/1984d) descreve o que se percebeu quanto ao desenvolvimento do bebê em estudo. Ele faz isso tanto por meio da exposição de relatos de trabalhadores do OIRC, que fizeram anotações a respeito do que viram, como através de suas constatações sobre o caso. Essa

descrição feita pelo ergonômista nos permite compreender a sequência dos fatos ocorridos enquanto a criança estava sendo observada pelo Centro, perceber as intervenções realizadas pelos profissionais envolvidos e verificar quais eram os aspectos tidos como importantes pelo OIRC. Sendo assim, prosseguiremos nossa explanação com a exposição do desenrolar dos fatos.

A partir do texto, compreendemos que a primeira atitude foi examinar a mãe ainda grávida. Com o nascimento do bebê, os funcionários envolvidos no estudo iam até a residência da família e observavam como a criança estava se desenvolvendo e os pais estavam se comportando. Após cada visita, o profissional redigia um relato contando suas impressões. Como as coisas não prosseguiram do modo que se esperava, os pais e a criança foram chamados até o OIRC para que fosse possível uma maior compreensão dos acontecimentos e, depois disso, se tomar uma decisão a respeito de que intervenções seriam feitas. Assim, foi feita uma entrevista com os pais, examinaram o bebê e o mesmo foi apresentado a cerca de trinta profissionais do Centro, dentre eles médicos, educadores, assistentes sociais e analistas de laboratório. Passada essa etapa, o bebê foi novamente observado em sua casa e se fazia anotações a esse respeito. No artigo, Reich (1951/1984d) explicita o que verificaram até cerca do terceiro mês de vida da criança. Não temos como precisar o que aconteceu depois disso, se a criança continuou a ser analisada ou se essa proposta de estudar o caso encerrou-se nesse período.

Depois que a mãe foi escolhida, o primeiro dado que temos sobre a sequência dos acontecimentos provém do relato de um assistente social do OIRC, que foi feito a partir do que ele observou quando a mãe ainda estava grávida, seis semanas antes do nascimento do bebê. De forma abrangente, a ideia que o profissional passou a respeito da condição da mãe foi que a mesma estava “maravilhosamente saudável”.

Seguindo no mesmo relato, estar “maravilhosamente saudável” significava carregar o bebê de forma excelente; ter atitudes notáveis em relação ao filho; aparentar alegria e contentamento em todo o seu ser; não ter nenhum sintoma físico negativo; não demonstrar ansiedade frente a situação alguma, tampouco frente ao parto; ter uma boa compreensão do OIRC e apoiá-lo. É interessante constatar que não foi apontada nenhuma característica

materna indesejável nesse momento. Podemos pensar em quantas expectativas se tinha a respeito de uma mulher “maravilhosamente saudável” e a cobrança que isso representava. Não foi sem motivo que a mãe imaginava que colocaria no mundo uma criança plenamente saudável.

Existiu um intervalo de cerca de dois meses entre esse primeiro relato e o segundo. Assim, a segunda anotação, também feita por um profissional do Centro, foi realizada quinze dias após o nascimento da criança. Nesse momento, perceberemos que alguns problemas começam a surgir. De acordo com o que foi exposto por Reich (1951/1984d), o bebê aparentava gostar de tomar banho, se movia na água e mexia a cabeça. Ficava assustado se fosse tirado da água muito bruscamente. Nessa fase já conseguia sustentar a cabeça por conta própria, virando-a e movendo os olhos de acordo com o som e o movimento das pessoas no quarto. A partir do que conhecemos da obra reichiana, podemos deduzir que esses aspectos eram vistos por ele como positivos.

Em contrapartida, o bebê tinha soluços quase que após cada alimentação, e esses perduravam por um bom tempo. Ele costumava cuspir o leite que ingeria. A mãe explicou que o fato só acontecia após alimentá-lo na mamadeira, mas foi observado que também ocorria após mamar no seio materno. Como podemos perceber, a mamadeira fora introduzida. Vejamos o escrito citado por Reich:

A mãe relata que, a princípio, o bebê mamava no peito muito frequentemente (a cada hora). Ele adormecia no seio e começava a chorar assim que a mãe tentava colocá-lo no berço. A mamadeira (que era dada irregularmente), foi reforçada e o bebê se acalmou, parecia ser necessário adicioná-la na alimentação (Reich, 1951/1984d, p. 95).

Ao que parece, a mamadeira foi introduzida como uma forma de evitar que a criança chorasse ao ser afastada do contato com a mãe. Segundo ela, o bebê aparentava gostar mais do peito do que da mamadeira, mas se adaptava a essa última com facilidade. Além disso, o fluxo do leite materno sofria alterações em decorrência da tensão da mãe. Quanto ao sono, o menino

dormia por longos períodos a noite, mas apenas quando a mãe o carregava em seus braços, o que a deixava muito cansada.

Outro aspecto levantado no relato foi a presença do orgasmo oral: “o *orgasmo oral foi observado somente nos três primeiros dias*” (Reich, 1951/1984d, p. 95 – grifos originais). É interessante ressaltar que a existência do orgasmo oral é um indicador de saúde para Reich. Ele não estando mais presente, era sinal de que algo não ia tão bem. Os problemas também eram visíveis no corpo do menino enquanto ele estava acordado em seu berço. Em suas extremidades, a cor era pálida e a temperatura fria. Seu peito parecia tenso, ele tinha a inspiração longa e a expiração curta. De modo geral, aparentava impaciência.

Quanto à evacuação, as fezes eram moles e saiam de modo a sujar todo o berço. Seu rosto ficava contorcido e ele levantava as pernas. O pai tinha o hábito de, como uma brincadeira, puxar os membros do bebê, o que deixava o pequeno ainda mais desconfortável. Reich (1951/1984d) não fez comentários após esse segundo relato, mas, a nosso ver, fica claro que os acontecimentos estavam indo numa direção diferente do que o grupo do OIRC almejava. Daremos continuidade expondo o que foi pontuado na anotação seguinte.

O terceiro relato foi feito quatro dias após o anterior. A desordem parecia ainda maior. De acordo com o escrito, o bebê demonstrava irritabilidade, inquietude e infelicidade. Ele estava resfriado e sua respiração fora prejudicada. Era ruidosa e acelerada, limitando-se ao peito. O ruído cessou enquanto adormeceu por cerca de uma hora e meia nos braços do profissional do Centro. Segurá-lo no colo o satisfazia por pouco tempo. Seu choro era fraco, mais um choramingar.

Para o observador, o pai do bebê não lidava com o mesmo de forma apropriada. Ele aparentou “ser um pouco sem sensibilidade com a criança. Para mostrar o bebê, ele manipula o corpo do mesmo bruscamente, com o risco de força-lo além dos seus limites, para provar sua ‘saúde’” (Reich, 1951/1984d p. 97). Chama a atenção o fato de que parecia também haver um desejo paterno de que o filho fosse saudável. Quanto ao comportamento do pai em relação à esposa, ele era dominador e agressivo. Ela, por sua vez, o idealizava e dizia que o amava mais que nunca.

O uso da mamadeira à noite passou a ser frequente, no entanto, mesmo sem mamar no peito, o menino só dormia nos braços maternos. Frente à situação, a mãe teria dito que cuidar do filho era algo muito mais difícil do que ela supunha e que ela, muitas vezes, não sabia o que fazer para satisfazer a criança. Finalmente ela teria assumido suas dificuldades em lidar com o contexto. A mãe sentia-se ansiosa. O profissional explicita, de modo global, que impressões ele teve quanto à mãe:

Impressões gerais: a dificuldade com a Sra. L. é que ela tem a *tendência a querer relatar tudo como “maravilhoso”*. Isto foi notado durante a gravidez: *é uma atitude não realista e infantil que encobre os fatos verdadeiros*. Ela, em geral, só admite a dificuldade no tempo passado. O mesmo se dá em sua relação com o marido e com sua percepção deste. A consequência disso é que agora a *mãe se sente surpresa e sobrecarregada pelas demandas do bebê*. Ela admite que *se ressentiu do tempo e da energia que tem que dedicar ao bebê, apesar de dizer que isso foi só no começo* (Reich, 1951/1984d, pp. 96-97 – grifos originais).

Vale salientar que o autor do relato não faz nenhum comentário a respeito das exigências e expectativas do OIRC quanto à criança ser saudável. O foco incide sobre a mãe, dando a impressão que apenas ela, por meio de seu comportamento, acabou prejudicando o desenvolvimento do bebê. Diante dos fatos, Reich finalmente expôs: *“Sumário: Algo saiu errado”* (Reich, 1951/1984d, p. 97 – grifos originais). Ele se questiona em busca de uma explicação para a origem do problema: *“A mãe não estaria bem ajustada à sua função biológica como nos pensáramos? Ou haveria alguma outra razão escondida para a sua dificuldade?”* (Reich, 1951/1984d, p. 98).

Uma semana depois, quando o bebê tinha cerca de vinte e seis dias de nascido, uma nova análise foi feita e as percepções gerais foram descritas. Todas as impressões passadas teriam sido confirmadas. A mãe estava tensa, ansiosa e sem brilho nos olhos. No entanto, continuava afirmando estar bem, admitindo suas dificuldades apenas no passado. É importante perceber que, até esse momento, não aparece o relato de nenhuma intervenção feita por parte dos profissionais do OIRC no sentido de tentar alterar a condição emocional e física da criança ou dos pais. Não podemos afirmar, com certeza,



que nessas idas à residência da família nenhuma medida prática era tomada. Mas, ao que parece, as visitas eram feitas mais com intuito de observação do desenvolvimento do bebê. No texto, até o vigésimo sexto dia de vida da criança, não é explicitada nenhuma ação no sentido de tentar amenizar seus bloqueios ou coisa do tipo, em outras palavras, até esse momento parece que os primeiros socorros orgonômicos ainda não haviam sido prestados.

Mediante tantas constatações, Reich (1951/1984d) explica que foi decidido chamar os pais para um exame completo da situação, o que constou em entrevista com os mesmos, observação do bebê, intervenções no sentido de amenizar seus bloqueios e apresentação da criança para uma plateia de aproximadamente trinta profissionais do OIRC. A criança estava com cerca um mês e dez dias de vida. A princípio nos deteremos ao conteúdo da entrevista.

O foco inicial do questionamento girava em torno do contato orgonótico entre a mãe e o filho, tema que foi aprofundado nesta dissertação, na exposição do artigo *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas*. Para o orgonomista:

O contato orgonótico é o elemento mais essencial, experimental e emocional na interação entre a mãe e a criança, principalmente no período pré-natal e nos primeiros dias e semanas de vida. O destino da criança depende dele. Esse período parece ser a base do desenvolvimento emocional do recém-nascido (Reich, 1951/1984d, p. 99).

A princípio o entrevistador procurou saber os detalhes do contato entre a mãe e o filho. A mãe contou-lhe que geralmente mantinha o vínculo. Ela percebera que seu filho chorava de formas diferentes a depender do que queria. Estando em contato com ele, a mãe conseguia atender as demandas do pequeno. Porém, algumas vezes isso não acontecia. Nesses momentos ela não se sentia tranquila com o bebê nem compreendia suas necessidades. Como resposta, a criança demonstrava desconforto, ansiedade e infelicidade. Ao analisar esse ponto da entrevista, Reich legitima a percepção materna afirmando que “a mãe teve contato com o bebê na maior parte do tempo, mas ela sabia quando havia perdido o contato” (Reich, 1951/1984d, p. 99).

Ela expôs que, antes de o filho nascer, não tinha consciência do trabalho que criá-lo representaria. Ao mesmo tempo, sentia-se na obrigação de ser sempre perfeita e achava que não estava correspondendo às expectativas. Por ser uma das mães saudáveis do OIRC, se cobrava no sentido de não poder falhar como mãe. O marido, paralelamente, se vangloriava do bebê saudável que eles tinham. No entanto, em seu íntimo, ela era consciente de que seu filho não era um modelo de saúde.

De acordo com os dados da entrevista, a percepção de não manter um vínculo de qualidade com o filho gerava na mãe sentimentos de culpa por achar que não estava sendo uma boa mãe e por não estar cumprindo com sua tarefa enquanto “escolhida pelo OIRC”. Reich compreendeu que a atitude materna de buscar uma saúde plena representava a primeira falha na proposta que estava sendo desenvolvida. Ao contrário do que ela supunha, não seria danosa uma eventual perda de vínculo, pelo contrário, tratava-se de algo até esperado. Ter consciência da ausência de contato também era algo positivo. O problema residia no sentimento de culpa gerado por esse ocasional afastamento do bebê. Segundo Reich:

*É natural que uma mãe às vezes perca o contato com a criança por um breve período. Saber quando há ausência de contato é sinal de uma estrutura viva e alerta. Ter sentimentos de culpa por esse motivo é o que parece não ser pertinente. Por que uma mãe deve sentir-se culpada se ela temporariamente perde o contato? E o que tais sentimentos de culpa provocam em seu organismo e, através dele, no bebê? (Reich, 1951/1984d, p. 99 – grifos originais).*

Percebemos que Reich (1951/1984d) ameniza as cobranças quanto a uma relação mãe-bebê perfeita. Ao mesmo tempo, é depositado no sentimento de culpa materno os motivos do caso ter começado a seguir por um caminho indesejado. Podemos levantar a seguinte questão: será que o desejo de ser uma mãe plenamente saudável e criar um bebê igualmente saudável também não foi, mesmo que indiretamente, alimentado pelo OIRC? Supomos que sim.

Seguindo no diálogo com a mãe, o entrevistador expôs que era muito natural que a mesma se sentisse sobrecarregada, que se incomodasse por seu tempo não ser mais tão seu, que ela tivesse superestimado o prazer e

subestimado a carga que teria que carregar. O profissional confirmou a sensação materna de que estando em contato, ela saberia tudo o que seu filho desejava. Mas explicou que ela deveria afastar-se da ideia de que tinha que manter o vínculo de qualidade o tempo todo e que o bebê devia estar sempre feliz e saudável. Contou que era cabível que a criança se sentisse desconfortável na inexistência de contato, mas o mais importante era a mãe se dar conta de quando isso acontecia, pois assim ela poderia mudar o contexto.

Vendo desse modo, podemos compreender que não seria um dano irreparável perder o contato com a criança, desde que se reconhecesse o fato e se alterasse o quadro. Reich concorda com o ponto de vista do entrevistador, e explicita em seu artigo: “Saúde não consiste em nunca ficar infeliz ou sempre estar saudável, mas basicamente na capacidade de livrar-se da infelicidade e da doença. Esses ideais sobre ‘felicidade absoluta’ e ‘saúde’ devem ser abandonados completamente” (Reich, 1951/1984d, p.100). É interessante acompanhar as ponderações reichianas e seu cuidado ao afirmar que não devemos buscar a plenitude. Mas, pensamos que, ainda assim, tratava-se de uma exigência bastante alta o “conseguir livrar-se da infelicidade e da doença”.

Analisando a entrevista, nos parece que a postura do profissional foi acolhedora e, possivelmente, fez com que a mãe se sentisse autorizada a expor seus sentimentos. O foco da entrevista voltou-se, então, para o contato do pai com o filho. O pai afirmou ter um bom contato com o menino e relatou as brincadeiras que costumava fazer: “eu puxo as pernas do bebê, estico-as fazendo certos sons que eu sei que ele gosta” (Reich, 1951/1984d, p. 102). Diante da afirmação paterna, o entrevistador assumiu uma postura rigorosa e enfatizou aquilo que já sabemos ser foco central do Crianças do Futuro, ou seja, que o fluxo a ser seguido é o do bebê: “Você não deve fazer experiências com o bebê. Faça o que o bebê quer, não faça coisas com o bebê que somente *você* gosta. Simplesmente fique com o bebê, desfrute disso, não “observe” por observar. Fique em segundo plano...” (Reich, 1951/1984d, p. 102 – grifos originais).

Entrou-se, então, na discussão da circuncisão, tema que já surgiu em outros textos reichianos estudados nesta pesquisa. Sabemos que o

orgonomista não apoiava tal prática por julgar tratar-se de algo que não estava a serviço das necessidades dos bebês.

A mãe relatou não querer que seu filho fosse judeu, no entanto apontou para o fato de que a circuncisão era algo muito significativo para seus parentes e vizinhos, que insistiam que a criança fosse submetida ao ritual. Ela contou ter mentido para seus pais, dizendo que a circuncisão havia sido feita, mas assegurou que isso não interferiria no desenvolvimento de seu filho, pois ele não teria muito contato com seus avós maternos. A impressão que Reich tinha era a de que, sem a ligação com o OIRC, a mãe teria se rendido às expectativas dos parentes e vizinhos. Chama nossa atenção a influência que o Centro tinha sobre a decisão materna. O pai pensava de forma oposta. Dizia-se judeu e não concordava que a criança não seguisse o caminho habitual.

Seguindo as premissas do projeto Crianças do Futuro, o conflito só poderia ser resolvido se, mais uma vez, fosse levado em consideração o interesse da criança e nada mais. Para Reich, “não se deve permitir que nenhum interesse de estado, cultura, nação, religião, etc., influencie o desenvolvimento da criança. [...] Caso contrário, o conceito e significado de liberdade e autorregulação seriam perdidos e desvalorizados desde o início” (Reich, 1951/1984d, p. 105). O entrevistador tentou explicar o ponto de vista do OIRC. Compreendeu-se que a mãe representava o interesse da criança de forma mais completa do que o pai. Seguindo a decisão materna, o menino teria a oportunidade de poder decidir mais tarde se queria ou não ser judeu. O ponto de vista do pai não deixava escolha para a criança.

A princípio o pai não compreendeu, pois para ele o judaísmo era algo herdado e dado no nascimento. O entrevistador continuou a defender seu ponto de vista afirmando que “a criança nasce com nada mais do que um maleável sistema bioenergético, pronto para adquirir qualquer coisa que o meio ambiente imprima em seu organismo com certo grau e persistência” (Reich, 1951/1884d, p. 105). Sendo assim, ser judeu não era algo dado no nascimento. Ao final, o pai concordou em pensar sobre o assunto. Com isso a entrevista foi finalizada.

Ao que parece, ainda no mesmo dia da entrevista, a criança foi examinada e foram feitas algumas intervenções com a mesma, ou seja, os

primeiros socorros orgonômicos foram prestados. Temos como hipótese que essa foi a primeira vez que os profissionais do OIRC fizeram uso desses procedimentos com o bebê observado. De acordo com o relato reichiano, o estado do menino era o seguinte:

Nosso bebê estava pálido, a parte superior do tórax estava “imóvel”, a respiração era ruidosa e o tórax parecia não mover-se em consonância com a respiração. A expiração era superficial. Ruídos bronquiais eram ouvidos com a auscultação. De maneira geral, a criança parecia estar desconfortável. Em vez de chorar ruidosamente, ela choramingava. Movia-se pouco e parecia doente. [...] No exame do tórax, os músculos intercostais aparentavam estar endurecidos. A criança parecia hipersensível ao toque nesta região. O tórax não estava endurecido de um modo geral, mas estava como que segurando sua inspiração, com a parte superior abaulada para frente (Reich, 1951/1984d, pp. 106-107).

Diante da situação, os profissionais resolveram fazer intervenções no corpo do bebê. Segundo Reich (1951/1984), o peito do bebê suavizou com uma leve estimulação dos músculos intercostais, mas não cedeu totalmente ao ser pressionado para baixo. Neste momento, a criança começou a mover-se vigorosamente, teve sua respiração desimpedida, sorriu, tossiu e no final urinou. O bebê teria ficado visivelmente mais relaxado com as bochechas coradas. O ruído da respiração também cessou.

A equipe compreendeu que a mãe tinha que aprender a prestar os primeiros socorros orgonômicos, que nesse caso tratava-se relaxar o tórax do bebê sempre que o bloqueio respiratório aparecesse. Dada a forma que a criança reagiu diante os primeiros socorros, o bloqueio não podia ser considerado crônico, mas os pais teriam que ficar atentos à rigidez do tórax, removendo-a sempre que aparecesse, impedindo, assim, que a mesma se cronificasse. Percebemos que foi atribuída para os pais a tarefa de prestar os primeiros socorros orgonômicos sempre que necessário.

No dia seguinte, a criança foi apresentada a cerca de trinta profissionais do OIRC, dentre eles médicos, educadores, assistentes sociais e analistas de laboratório. Em seu artigo, Reich (1951/1984d) não expõe o que aconteceu nesse encontro ou qual era a função dos membros do OIRC presentes. Ele se

detém a falar, apenas e de forma breve, sobre o estado da criança na reunião. Segundo ele, a respiração áspera tinha retornado em certa medida, mas foi fácil remover o bloqueio e o bebê conseguiu gritar bem alto, antes ele só choramingava. Fica claro que, de acordo com os relatos do autor, a condição da criança melhorou após a realização dos primeiros socorros no dia anterior.

Após esse contato com os pais e o bebê, Reich expôs mais dois relatos de visitas feitas à casa da família. Pelo que percebemos, ele foi apresentando melhoras em seu quadro clínico gradualmente. A anotação seguinte tivera sido feita dez dias depois da entrevista, ou seja, o bebê estava com aproximadamente cinquenta dias de vida. De acordo com o que foi escrito, a mãe contou que as melhoras de seu filho já eram visíveis no dia em que voltou para casa.

Quanto ao sono, ele estava dormindo por longos períodos, chegando até a passar a noite inteira sem acordar. Antes seu sono era breve. Desenvolveu o hábito de sorrir ao despertar e balbuciar palavras. Estava com muito apetite e, ao chorar, fazia com vontade. Mais uma vez verificamos a ênfase reichiana na expressão das emoções. Com relação ao contato orgonótico, a mãe afirmou estar totalmente consciente de sua interação com seu filho. Contou sentir-se bem e confiante. A resposta do bebê ao contato corporal era de prazer. Se suas demandas não fossem atendidas, imediatamente ele chorava de forma intensa. Ele ficou mais exigente. Podemos observar que, segundo o escrito, o vínculo entre mãe e filho teve uma melhora considerável. Quanto à respiração, alguns problemas ainda se faziam presentes: a mesma continuava ruidosa, especialmente quando a criança se movimentava muito. Ao dormir, ficava silenciosa.

A respeito dos primeiros socorros orgonômicos, a mãe deu andamento ao trabalho realizado no Centro. Ela vinha acariciando gentilmente o peito do bebê para cima e para baixo sempre que o tórax se fixava na posição inspiratória e também fazia cócegas suaves nos espaços intercostais. De acordo com o texto, o bebê aparentava gostar. Mas tais intervenções não tinham efeito imediato sobre o ruído da respiração. Em geral, a mãe acreditava que o peito ainda estava um pouco alto e preso na respiração. Percebemos

que, apesar de não terem sido eliminados todos os problemas do bebê, aparentemente ele mesmo estava mais saudável.

Com o desenrolar dos acontecimentos e a dificuldade em eliminar o ruído respiratório, Reich compreendeu que a bronquite havia contribuído para manter o bloqueio por um longo tempo e que criança estava a caminho de um encorajamento crônico na região diafragmática. No entanto, autor não deixou de ter esperanças de que o quadro reverteresse caso a mãe o observasse continuamente e aplicasse os primeiros socorros quando necessário.

As últimas informações dadas no texto sobre a criança foram de pouco antes da mesma completar três meses de vida. Segundo Reich (1951/1984d), de modo geral, ela estava vigorosa, ativa e feliz. Tinha aumentado de peso, sua pele era rosada e constantemente emitia sons de prazer. Se alimentava de vários tipos de frutas peneiradas, tomava sucos e vitaminas. O movimento intestinal estava regular, uma vez ao dia. Às vezes se percebia o orgasmo oral, o que, para o orgonomista, é um indicador valioso de saúde.

Nesses últimos dados obtidos sobre o desenvolvimento da criança, chama a atenção um elemento que até então não tinha aparecido no artigo em questão. Reich explicita que tanto a criança quanto a mãe estavam fazendo uso do acumulador de orgone. A criança era colocada na caixa de duas a três vezes por dia e permanecia cerca de três a cinco minutos na mesma, tempo que parecia suficiente para ela, já que depois disso ficava inquieta. O autor não deixa claro a frequência que a mãe fazia uso do acumulador para benefício próprio, apenas relata que era regularmente e que ela dizia ter a sensação de um mergulho e sentia a respiração mais plena.

A queixa quanto ao ruído na respiração ainda estava presente e cessava apenas quando o bebê ficava mais quieto. A mãe continuava com os primeiros socorros, abaixava o peito dele de forma lúdica quando o mesmo estava fixado no alto. O bebê parecia ter prazer na ajuda da mãe, ele cedia e mostrava felicidade, mas isso não tinha efeito aparente sobre a respiração ruidosa e nem sobre o peito, pois após certo tempo ele voltava à posição alta. O abdômen parecia ligeiramente rígido. Ele suavizava somente quando o bebê se alimentava. No entanto, o choro e os sons do bebê eram muito mais livres e cheios.

Ao concluir a exposição dos fatos Reich (1951/1984d) explica que, com base na grande melhora do bebê, pode-se deduzir que o primeiro resultado substancial fora alcançado. As medidas seguintes a serem tomadas iriam no sentido de verificar quando e de que forma o primeiro bloqueio sofrido reapareceria ou se agravaria. O orgonomista, então, encerra suas colocações quanto aos acontecimentos do caso em questão. No artigo não é explicitado o que aconteceu depois ou qual foi o destino da criança.

Nesse momento, nos aprofundaremos nas constatações feitas pelo autor a partir do caso. Diante dos fatos, Reich (1951/1984d) compreendeu que a falta de contato materno gerava uma contração e essa, por sua vez, causava palidez, perda de carga bioenergética periférica e perda da temperatura corporal. Com essas alterações instaladas no organismo, surgiria o resfriado. Assim, um distúrbio geral bioenergético estaria na frente do sintoma somático local. Com o desenvolvimento do resfriado, novas interferências aconteceriam no organismo do indivíduo: o sintoma local aumentaria a contração bioenergética e impediria a expiração plena, o que geraria ansiedade e nervosismo na criança, dificultando que a mesma estabelecesse um contato pleno com a mãe. Essa, por sua vez, sentiria culpa e revolta interior, não conseguindo responder às demandas futuras do filho. Desse modo se formaria um ciclo, da falta de contato à contração, à gripe, à incapacidade de estabelecer contato, a novas gripes, à restrição respiratória, à ausência de sono, ao incômodo materno, a um comportamento irracional e assim por diante.

Tendo sido construída essa base patológica, seria em torno da mesma que, no futuro, as nocividades biopáticas se apoiariam. Assim, para Reich (1951/1984d), o resfriado em bebês seria a expressão imediata de uma irritação das membranas mucosas da região respiratória devido ao desequilíbrio do metabolismo da energia, pela ausência de contato orgonótico. Mais tarde, as membranas das mucosas, cronicamente irritadas, poderiam funcionar independentemente de qualquer irritação emocional. O distúrbio bioenergético tornaria-se estruturado somaticamente numa “predisposição a resfriados”. Sendo assim, a forma de se evitar tais patologias crônicas seria a partir do contato de qualidade entre mãe e filho, o que poderia ser alcançado



de forma natural caso a mãe estivesse disponível. Em suas palavras: “Deixemos que as mães simplesmente desfrutem de seus bebês e o contato se desenvolverá espontaneamente” (Reich, 1951/1984d, p. 113).

O orgonomista expôs que, diante do que observara, pôde chegar a uma importante percepção a respeito do encorajamento inicial em bebês. Ele trouxe uma nova contribuição para o entendimento da bronquite, ao compreender que tal doença tinha origens bioenergéticas, num distúrbio emocional do equilíbrio da energia. A seu ver, a bronquite não podia ser entendida como algo corriqueiro, causado por germes ou vírus, que passaria no decorrer do tempo. Enquanto a grande maioria das pessoas se conformava com esse tipo de explicação, a orgonomia buscava compreender se alguma função bioenergética estaria envolvida no resfriado e quais seriam as consequências do mesmo para o funcionamento futuro do organismo.

Para Reich (1951/1984d), de forma esquemática, o caso contribuíra de três formas. Primeiro teria possibilitado conhecer aquilo que está por trás das patologias crônicas e compreender que as chamadas “doenças crônicas” são, na verdade, bloqueios do funcionamento bioenergético durante a primeira infância. Também ensinou que o contato orgonótico entre mãe e filho é fundamental para compreender e enfrentar os contratemplos precoces ainda não reconhecidos. Por fim, ajudou a perceber que a linguagem da expressão emocional dos bebês estava começando a ser compreendida e que isso significava poder esperar, com certo grau de certeza, que a névoa em torno das doenças infantis desapareceria lentamente. Ainda assim, muitas décadas seriam necessárias para se dominar o assunto.

O autor conta que após o caso foram redobradas as atenções às histórias de encorajamentos precoces em crianças pequenas para determinar se o bloqueio respiratório era ou não o principal mecanismo de defesa infantil. Para Reich, parecia totalmente possível que a tendência à ocorrência de bloqueios diafragmáticos na primeira infância tivesse alguma relação com a intensa excitabilidade emocional do segmento diafragmático. Segundo ele, o bloqueio precoce da respiração estava ganhando importância rapidamente, quanto mais crianças eram observadas. Por alguma razão a região diafragmática parecia responder primeiro e mais seriamente a desconfortos

bioenergéticos e emocionais. Com isso a certeza de uma disposição a adoecer, a seu ver, seria eliminada.

No final de seu artigo, Reich (1951/1984d) faz uma reflexão sobre o que se poderia esperar para o futuro. Primeiro aponta para o fato de que os pais encorajados não teriam consciência dos problemas ou, se os percebessem, não poderiam fazer nada no sentido de resolvê-los, já que não teriam estabelecido o contato orgonótico. Os pais razoavelmente saudáveis, sentirão o problema e, em alguns casos, estarão aptos a prestar os primeiros socorros. É interessante perceber que ele atribui apenas aos pais não tão comprometidos a capacidade de estabelecer o contato com o filho. No entanto, na maioria dos casos a questão permaneceria obscura por falta de conhecimento dos cuidadores. O conhecimento necessário a respeito do cuidado infantil precoce deveria ser adquirido pouco a pouco, a partir de muitas experiências e observações. Isso representaria uma árdua tarefa, mas a única que implicaria em alguma promessa.

Reich explica que continua aberta a questão do quanto poderia ser ensinado aos educadores a respeito das atividades sutis e espontâneas numa relação humana sem palavras. Além disso, alerta para se tomar cuidado em não criar um novo modelo ideal de contato orgonótico perfeito entre mãe e filho. Achamos por bem encerrar nossa exposição com a citação de um trecho final do artigo em questão, pois percebemos que aponta para uma ideia que se fez presente em todo o texto: “Uma coisa parece certa: *quanto à “saúde” não podemos pensar em termos absolutos*” (Reich, 1951/1984d, p. 112 – grifos originais).

### **3.8 A origem do “não” humano**

O texto *The source of the human “no”* (1967/1984e) – *A origem do não humano* – trata-se de um recorte de uma entrevista concedida por Reich a um representante dos Arquivos Sigmund Freud, no dia 18 de outubro de 1952. Em 1967 foi publicado o livro *Reich fala de Freud* (1967/1976), que trata-se da entrevista completa que foi dada em 1952.

No ano de 1984, na publicação do *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (1984f) – *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* – foi feito um recorte da entrevista de Reich e publicou-se o mesmo como o primeiro capítulo do livro, com o título *The source of the human “no”* (1967/1984e) – *A origem do não humano*.

Nesse artigo, Reich (1967/1984e) expõe como acontecia o ritual do nascimento e o que se passava nos dias seguintes ao parto. Os procedimentos realizados são explicitados em tom de crítica. Para o autor, essas primeiras vivências seriam responsáveis por deixar marcas negativas nos indivíduos.

O escrito tem início com Reich falando sobre o parto e a diferença de temperatura entre o útero materno e o meio externo. Ele refere-se ao parto como sendo um “choque bastante negativo” (Reich, 1967/1984e, p. 3). Entretanto, explica que essa primeira vivência negativa poderia ser superada caso, logo em seguida, o bebê não fosse segurado pelas pernas, não levasse uma palmada na bunda e não fosse privado do contato com a mãe. Vejamos:

Mas poderia sobreviver a isso se não acontecesse o seguinte: assim que ele nasce, é pendurado pelas pernas e leva uma palmada na bunda. A primeira saudação é uma palmada. A saudação seguinte: afastá-lo da mãe. Certo? Afastá-lo da mãe. Quero que você escute isso. Vai parecer incrível daqui a cem anos. Afastá-lo da mãe. A mãe não deve tocar ou ver o bebê. O bebê não tem nenhum contato corporal depois de nove meses de contato corporal numa temperatura muito alta – o que nós chamamos de “contato corporal de energia orgonótica”, o campo entre ambos e o calor (Reich, 1967/1984e, p. 3).

É interessante perceber que o autor acreditava que essa forma de manusear o bebê seria visto como algo absurdo no futuro. Depois de passar entre 24 e 48 horas sem se alimentar, por estar afastado da mãe, o recém-nascido finalmente é colocado em contato físico com sua genitora. Mas o sofrimento não teria fim nesse momento, pois quando o bebê procura o calor e nessa busca encontra o peito da mãe, o seio está frio ou não fica ereto ou o leite não sai. De acordo com a visão reichiana, isso era o mais comum de acontecer.

O orgonomista discute, então, a circuncisão. Mais uma vez ele aponta para esse costume e deixa claro que não aprova o mesmo. Conta não saber porque, há seis ou sete mil anos, os judeus iniciaram esse ritual. Ao serem indagados se o ato não era doloroso, eles respondiam que não, pois o pênis do bebê ainda não tem a sensibilidade desenvolvida. Reich enfatiza: “Isso é assassinato! Circuncisão é um dos piores tratamentos para crianças” (Reich, 1967/1984e, p. 3).

Um aspecto importante estaria presente em todos esses momentos da vivência infantil: a ausência da fala e a conseqüente defesa a nível corporal. Reich explica que, por não conseguir se expressar por meio das palavras, diante dessas situações dolorosas, tudo o que a criança tem a fazer é chorar e se encolher. Contrair-se e refugiar-se em si mesmas. Em suas palavras:

Então, o que esse bebê faz? Como ele responde a isso? Como ele responde a isso bioenergeticamente? Ele não pode chegar a você e dizer: ‘escute, estou sofrendo tanto’. Não diz ‘não’ em palavras, você entende? Mas esta é sua situação emocional. E nós orgonomistas sabemos disso. Extraímos isso de nossos pacientes, de suas estruturas emocionais, de seus comportamentos, não de suas palavras. Palavras não podem expressar isso (Reich, 1967/1984e, p. 4).

Desse modo, desde o início, também pelo fato de não conseguir proteger-se com palavras, o bebê começa a se contrair. Aqui surgiria o que Reich (1967/1984e) chamou de o grande “não” da humanidade. Estaria aqui o início de toda a confusão existente no mundo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo iremos retomar o que foi exposto nos oito escritos pesquisados sobre a atividade Crianças do Futuro. A ideia é juntar os pontos levantados e discutir a proposta reichiana em tela.

Na ótica de Wilhelm Reich, o período que vai da gestação aos primeiros momentos de vida e término da primeira infância é fundamental para o desenvolvimento posterior do indivíduo. O progresso do sujeito dependeria quase que integralmente do que ele vive até os cinco anos de idade. Reich chega a dividir essa fase em duas partes: até o primeiro ano de vida se estabeleceria o sistema orgonótico, aquele que vai além das palavras, e passada essa etapa, até o quinto ano aconteceria o desenvolvimento psíquico, que seria influenciado pelo período que o antecedeu. É interessante observar que, na visão reichiana, primeiro aconteceria o desenvolvimento orgonótico e posteriormente o psíquico.

De modo geral, para o orgonomista, o indivíduo conta com um princípio bioenergético capaz de regular sua saúde, o qual permaneceria presente até que influências externas danosas prejudicassem o sujeito. Observamos que a orgonomia aposta na estrutura inata do recém-nascido e compreende que, se o fluxo natural for seguido, ou seja, se as necessidades básicas não forem deturpadas, tudo correrá bem. Por esse motivo, o sistema bioenergético infantil devia ser respeitado como superior a qualquer interferência ambiental.

Com o surgimento das couraças, o princípio natural seria quebrado e emergiriam, secundariamente, características patológicas perversas. Diante desse novo modo de funcionamento, a autorregulação decaía. Um dado interessante apontado por Reich é que esses indivíduos demandariam uma educação compulsiva, pois essa seria a única forma de reprimir seus comportamentos secundários doentios. Para ele, uma criança que foi desviada de seu caminho sente que não pode funcionar sem uma orientação disciplinar. Em oposição a esse modelo, em pessoas que preservaram suas necessidades primárias, a autorregulação funcionaria e esses indivíduos só se sentiriam bem se fossem educados com liberdade. Nesse caso, não haveria a necessidade de repressões compulsivas.

A ideia central de desenvolvimento humano era essa. Existiriam dois caminhos a seguir: um a favor da vitalidade e outro contra. Na visão reichiana, a trajetória que vinha sendo trilhada era a segunda. Os acontecimentos não estavam indo numa direção saudável, pois os adultos desviavam as crianças de seus princípios naturais, puxando-as para uma realidade cheia de males. Os educadores agiam dessa forma, reprimindo a vida e causando graves danos ao desenvolvimento psíquico e emocional, mas acreditavam que estavam fazendo o melhor para a criança.

O orgonomista enfatiza as causas inconscientes que levariam os adultos a adotarem esse tipo de conduta. Para ele, tudo o que o homem encorajado mais quer é acabar com seu bloqueio, mas como não consegue, passa a odiar aquilo que mais deseja. De acordo com Reich, motivação real pra tais atitudes doentias dos cuidadores é que, abafando a vida, os adultos não têm que lembrar de seus desejos reprimidos. Assim, matavam a vitalidade da criança, a vivacidade infantil não incomodava mais e os educadores não entravam em contato com suas aflições. Com isso se constituiria um círculo vicioso, com corações sendo transmitidas de geração em geração. A dificuldade dos cuidadores de se desprenderem das imposições culturais que estimulavam a educação contra a vitalidade trazia como consequência quase que uma impossibilidade em alterar o quadro existente.

Apesar do contexto adoecido, existiam esperanças. O primeiro passo a ser tomado era encarar a realidade, em seguida se pensaria no que poderia ser feito. A possibilidade de alterar o cenário estaria presente nas gerações futuras, caso as mesmas fossem criadas de maneira mais saudável.

Na perspectiva reichiana, existiria uma forma de educação apropriada que seguiria os princípios bioenergéticos da criança. A característica mais marcante desse modo de criação estava na busca por respeitar as necessidades infantis, deixando que apenas o interesse da criança fosse levado em conta. Os pequenos não poderiam ser ajustados à realidade cultural daquele período, pois isso confrontaria suas naturezas. Se assim fosse feito, no final das contas, o modo de lidar com a infância seria atemporal e universal, ou seja, o meio que se adaptaria às necessidades dos pequenos e não o oposto, como vinha acontecendo. Além de seguir nessa direção, não existiria

uma fórmula pronta de como se agir com todas as crianças ou um modelo global de educação. Cada ação do adulto sobre a infância teria um efeito particular sobre cada criança e essa característica individual seria o guia de como criar aquele sujeito em particular. Isso significaria que medidas que fossem apropriadas para uma criança, não necessariamente serviriam para todas as outras. A função do educador residiria em respeitar o fluxo natural do desenvolvimento e o instrumento que tornaria essa ação possível seria o contato orgonótico, pois só ele poderia indicar o que deveria ser feito.

Um ponto que está presente em toda a atividade é a importância dada ao natural. Fica nítido que, para o orgonomista, o caminho que o ser humano percorreria deveria se basear no que existia de mais primário, pois só assim a saúde continuaria preservada. A seu ver, quanto mais o homem se mantivesse próximo à natureza, mais ele estaria respeitando sua saúde. É interessante verificar que diversas vezes o homem é denominado animal humano e comparado aos demais animais. Para o orgonomista, quanto mais o homem estivesse alinhado com o funcionamento dos animais, mais afiando com o princípio natural ele estaria. Ao mesmo tempo, como a sociedade era doente e não tinha como se extrair dela com precisão o que era ou não natural, a atividade Crianças do Futuro ajudaria a determinar esse aspecto. Assim sendo, o OIRC teria que encontrar critérios para definir o que é primário e o que é desenvolvido secundariamente. Na visão reichiana, muitas coisas patológicas eram vistas como inatas e essas distorções precisavam ser elucidadas.

A meta do Crianças do Futuro, assim como a da maioria das propostas reichianas era a busca da melhoria da condição de vida humana. A base dessa atividade era a esperança de um futuro melhor, que se tornaria possível se o fluxo do desenvolvimento natural fosse respeitado. Nesse caso específico, Reich almejava tentar manter uma criança relativamente saudável em meio a todo o contexto patológico da época. Ele acreditava que, se isso fosse possível, então poderia se apostar em um amanhã melhor.

Nesse momento, mergulharemos no que de fato foi a atividade Crianças do Futuro. Compreendemos que o ponto inicial da proposta se deu junto com a migração do orgonomista para os Estados Unidos, em 1939. Não podemos ignorar que antes disso Reich já tinha um entendimento de mundo e de ser

humano semelhante ao que norteou o projeto em questão. Mas, pensamos que, diante do que ele expõe, apenas em 1939 teve início o planejamento de alguma medida concreta no formato do Crianças do Futuro. Por esse motivo, o ano de 1939 é considerado por nós como sendo o marco inicial dessa empreitada.

Desse modo, entre 1939 e 1949, Reich ocupou-se de esboçar ideias a respeito de como poderia ser o projeto. Passado esse primeiro momento que durou cerca de dez anos, a tarefa finalmente começou a ser desenvolvida de forma prática. A explicação dada pelo orgonomista para a demora em iniciar as atividades foi que, antes de 1949, ele não sabia como lidar com o ódio contra o vivo e tinha certeza de que esse aspecto emergiria em seu trabalho.

Finalmente, em 1949, Reich fundou o *Orgonomic Infant Research Center*, órgão voltado a colocar em prática as ideias do Crianças do Futuro, que serviria como um local de pesquisas a respeito da saúde infantil. Nesse momento, quando o trabalho começou a ser realizado, já existia um mapa do que deveria ser feito ao longo dos anos. No entanto, aquilo que foi planejado não se desenvolveu integralmente.

Em dezembro de 1949, foi feita uma reunião com aproximadamente 40 profissionais, dentre eles médicos, enfermeiras e assistentes sociais, para discutir a tarefa que pretendiam desenvolver. Vale salientar que os participantes desse encontro tinham sido selecionados em meio a cerca de 100 pessoas como aquelas que melhor se enquadrariam na proposta. A finalidade dessa reunião era esclarecer o formato do trabalho e o que se pretendia com o mesmo.

Indo nessa linha, a ideia do Centro era atender casos que ajudassem a elucidar as questões de interesse da investigação. Para tanto, planejou-se que o trabalho deveria ser focado desde a gravidez até o quinto ou sexto ano de vida da criança, idade em que sua estrutura básica se forma. Seguindo essa proposta, estabeleceram-se quatro focos de atuação. O primeiro seria desenvolver cuidados pré-natais com grávidas consideradas saudáveis, com o intuito de conhecer a influência das vivências intrauterinas para o desenvolvimento do bebê. A proposta era aconselhar os pais durante a gestação sobre como eles deviam proceder e tentar que esse momento se



desenvolvesse da forma mais saudável possível. O segundo foco de trabalho aconteceria durante o nascimento e os primeiros dias de vida do recém-nascido. Nesse momento buscariam compreender as expressões naturais do bebê e remover qualquer obstáculo em seu caminho. O terceiro tratava-se da prevenção do encorajamento durante os cinco ou seis primeiros anos da criança. A última ação era voltada para o registro do desenvolvimento dessas crianças até muito tempo depois da puberdade. Naturalmente, essa quarta tarefa só seria realizada anos depois, quando as crianças já tivessem passado por todos os estágios anteriores.

Como a meta do Centro era a investigação da criança saudável, não se pretendia repetir ações que já se desenvolviam em outras instituições. A ideia não era tratar crianças doentes nem se dedicar ao aconselhamento sexual e matrimonial de casais, a não ser que tais medidas contribuíssem para a pesquisa do OIRC. Um ponto importante destacado por Reich foi que, como o objetivo era compreender a saúde, não tinha muito valor o contato com crianças encorajadas, já que não se acessaria a saúde por meio do estudo da doença.

Desde a primeira reunião de 1949, Reich tinha claro que o trabalho a se desenvolver seria extenso e que os primeiros resultados demorariam anos para aparecer. Os profissionais envolvidos também tinham consciência disso. Outro aspecto que o orgonomista previu foi o provável surgimento da peste emocional. Ele acreditava que seria inevitável o surgimento do fenômeno, pois os trabalhadores eram encorajados e, ao lidarem com a vitalidade das crianças, acabariam enfrentando dificuldades. Suas expectativas foram confirmadas, pois, depois que a atividade teve início, emergiu a chamada peste emocional que ia de encontro às tentativas de estabelecer um futuro mais saudável.

O plano era esse, mas a prática não alcançou aquilo que se pretendia de início. Pelo que percebemos, dos quatro pontos enumerados por Reich como aquilo que deveria ser seguido, o grupo do OIRC só conseguiu alcançar dois. Se fez presente o cuidado com as grávidas consideradas saudáveis e também aconteceu o trabalho com foco no parto e nos primeiros dias de vida do bebê.

A tentativa de prevenir o encouraçamento durante os cinco ou seis primeiros anos de vida e o acompanhamento das crianças observadas pelo OIRC em suas puberdades provavelmente não foram feitos. O comentador Sharaf falou sobre as atividades desempenhadas pela equipe do OIRC:

Ao todo, Reich estudou de perto cerca de doze mães e seus filhos. Além disso, ele consultou por volta de doze casos de crianças mais velhas com problemas diversos. Em seu auge, um assistente social do OIRC, Grethe Hoff, trabalhou meio período para Reich, seguindo as mães durante a gravidez e as mães e os recém-nascidos durante as primeiras semanas e meses de suas vidas. Além disso, vários terapeutas estavam muito ativos em consultas (Sharaf, 1983, p. 333).

Vale salientar que, quanto à terceira intervenção que deveria ser adotada pelo OIRC, a profilaxia do encouraçamento durante os cinco ou seis anos de vida, Reich pôde vivenciá-la em outro contexto, com seu filho Peter. Sabendo que Peter nasceu em 1944, na época do surgimento do Centro o menino tinha cerca de cinco ou seis anos. Nesse período, o orgonomista participou do desenvolvimento de seu filho atuando com medidas preventivas contra o encouraçamento. No entanto, não podemos considerar que as intervenções reichianas em Peter faziam parte da atividade Crianças do Futuro, pois quando a empreitada foi colocada em prática, o menino já estava grande e tinha passado das duas primeiras fases de intervenção do OIRC, não podendo assim ser encaixado como uma das crianças do projeto que seriam observadas e cuidadas nos moldes estabelecidos pelo Crianças do Futuro desde suas vidas intrauterinas. Mas acreditamos que o que foi vivenciado com Peter, contribuiu para as construções teórico-práticas reichianas.

Podemos enumerar, a partir do que encontramos, o que parece ter sido feito de forma concreta: as crianças eram apresentadas a plateias de profissionais, isso aconteceu pelo menos seis vezes, ocorriam reuniões com a finalidade de discutir o desenvolvimento do projeto, alguns trabalhadores visitavam famílias em suas residências com o intuito de observar o funcionamento das mesmas, depois de minuciosas observações, algumas intervenções corporais eram feitas com os bebês e as crianças, os chamados primeiros socorros orgonômicos.

Não fica claro o que acontece posteriormente com o Crianças do Futuro. Temos a hipótese de que o mesmo não teve continuidade. A esse respeito, Sharaf expôs o seguinte:

O OIRC funcionou ativamente por apenas poucos anos. [...] Após o início de 1952, sob a pressão de outros eventos que devemos discutir em breve, Reich dedicou pouco tempo ao OIRC. Como vários de seus empreendimentos, o OIRC teve uma curta e intensa vida. Fora isso, ele selecionou não apenas concepções importantes, mas uma quantidade de técnicas muito específicas. Quando se lê sobre as realizações reichianas de forma sumária, muito do que ele fala parece simples e óbvio. É fácil negligenciar o fato de que ninguém em seu tempo estava vendo e fazendo o que ele estava vendo e fazendo (Sharaf, 1983, p. 333).

Nos últimos textos que pesquisamos, Reich continuou a apostar em seu programa e acreditava que alguns avanços já eram perceptíveis. Um deles era a compreensão da expressão emocional dos bebês. Isso lhe passava esperanças de estar no caminho certo.

Toda essa empreitada reichiana trouxe contribuições valiosas que serão percorridas a seguir. Pensamos que uma dessas colaborações importantíssimas dadas por Reich com o projeto Crianças do Futuro foi o aprofundamento no tema do contato orgonótico, o que, a nosso ver, significa um vínculo de extrema qualidade entre a criança e o seu cuidador. Para o orgonomista, o estabelecimento do contato seria a melhor coisa que poderia ser proporcionada para a criança e o destino dela dependeria disso. Se trataria do elemento mais essencial na interação entre a mãe e o bebê. Para preservar a saúde, seria imprescindível a presença desse tipo de vínculo.

Desde que nasce, o bebê tem suas demandas. Como a fala só surge por volta do primeiro ou segundo ano de vida, é claro que antes disso não se pode compreender as necessidades infantis pelo meio verbal. Na visão reichiana, a única forma de entender a expressão da criança nesse estágio do desenvolvimento é a partir do estabelecimento do contato orgonótico. Para que isso seja possível, o adulto precisa estar disponível, sintonizado, implicado, envolvido, atento, ligado, conectado, entregue etc.

Mesmo depois que a fala se faz presente, ela nem sempre explicita o que realmente se quer. Para Reich, a expressão verbal tem suas limitações, muitas vezes não consegue expor as sutilezas do organismo. Em alguns momentos, até consegue ser fiel às sensações corporais, mas isso não acontece o tempo todo. Por isso, o estabelecimento de um vínculo de qualidade continuaria a ser de extrema importância, independente da idade do sujeito. Estando em contato é possível reconhecer o que o indivíduo precisa e conseqüentemente lidar com essa demanda.

Nos textos reichianos, fica claro que ele busca atender ao pedido da criança de forma criativa. É nítido que não há um modelo de como a educação deve ser. Cuidados mecânicos não servem, o orgonomista foge disso. Sendo cada criança única, o importante seria descobrir na relação o que é bom e o que não é para cada indivíduo. Trata-se sempre de um vínculo sensível e profundo.

Segundo Reich, o que acontece é que os educadores raramente conseguem compreender a demanda infantil. A criança, por sua vez, solicita o contato até esgotar-se e desistir. A consequência posterior é ficar paralisada, anestesiada e interiormente morta. Em sua compreensão, muitas das patologias adultas são oriundas de uma infância carente de contato orgonótico. O orgonomista deixa claro que não é preciso nem possível manter o vínculo de qualidade o tempo todo. Mas o mais importante era perceber quando se perde o contato para então tentar reestabelecer o vínculo perdido.

Outra contribuição importante foi o conceito de primeiros socorros orgonômicos. Tais medidas estavam baseadas na ideia de que após uma vivência traumática, o corpo se contrai. Das primeiras vezes, cria-se um bloqueio ainda maleável. Isso significa que o mesmo pode ser dissolvido. Porém, não era o que vinha acontecendo de forma geral, pois os adultos não tinham conhecimento sequer da existência dessas limitações e menos ainda sabiam como excluir as mesmas. Por não serem desfeitos, esses bloqueios iniciais se transformariam em couraças crônicas irreversíveis. Em outras palavras, os pequenos bloqueios, que apareciam na estrutura humana desde os primeiros dias de vida, se cronificariam caso medidas adequadas não

fossem adotadas. Essas mazelas, se não fossem desfeitas, acabariam sendo ciclicamente transmitidas a cada geração de modo automático.

A única saída seria que os adultos aprendessem a remover os bloqueios assim que eles se fixassem. Seguindo nessa linha, cabe lembrar o processo efetuado com David, supostamente Peter, filho mais novo de Reich, relatado no artigo *Falling anxiety in a three-week-old infant* (1945/1984b), (1945/2009a) – *Angústia de cair em um bebê de três semanas* – e as intervenções realizadas com o bebê do escrito *Armoring in a newborn infant* (1951/1984d) – *Encourajamento numa criança recém-nascida*. Em ambos os textos, as crianças observadas apresentaram os primeiros sinais de bloqueios. Foram então tomadas medidas gradativas no sentido de flexibilizar essas couraças iniciais antes que as mesmas se cronificassem.

Foi com essa finalidade que surgiu o conceito reichiano de primeiros socorros orgonômicos, os quais seriam aplicados com a finalidade de prevenir encorajamentos crônicos, antes que as emoções fossem anuladas. A meta era salvar as crianças antes que danos irreversíveis fossem fixados em suas estruturas. Pelo que percebemos nos textos pesquisados, tais ações envolveriam gestos manuais suaves, algumas vezes feitos de modo lúdico, no sentido oposto ao bloqueio, com o intuito de relaxar o mesmo. A intensidade dessas medidas aumentaria gradativamente.

Para Reich, via de regra, quando o indivíduo se desenvolve numa condição saudável, ele não estabelece uma base adoecida onde as patologias futuras possam se fixar, por isso, é pouco provável que os sintomas neuróticos consigam se enraizar em sua estrutura. Em outras palavras, sem encorajamento os sintomas biopáticos não se ancoram. Por outro lado, quando existe uma distorção na estrutura bioenergética, as patologias terão a base para fincar suas raízes e futuramente se tornarão traços de caráter biopáticos. O orgonomista compreende que as chamadas “doenças crônicas” nada mais são do que patologias apoiadas em bloqueios do funcionamento bioenergético criados durante a primeira infância. Segundo ele, as biopatias graves que surgem posteriormente têm suas raízes nos ignorados problemas ‘normais’ das crianças pequenas.

Mas, como toda regra, essa também possui suas exceções. Mesmo com uma base favorável, Reich explica que influências danosas poderiam levar o organismo à condição biopática. Não é o mais provável de acontecer, mas não chega a ser impossível. De qualquer forma, a melhor maneira de tentar prevenir as patologias seria por meio de um desenvolvimento não estagnado da primeira infância.

É interessante observar que ao longo de seus escritos Reich vai fazendo ponderações quanto ao que se deve esperar em relação à saúde. Essa também foi uma valiosíssima contribuição dada por meio do Crianças do Futuro. O idealizador da proposta analisa constantemente o significado da saúde e do saudável. Para ele, saúde não seria sinônimo de ausência de doenças ou de nunca ficar infeliz ou de estar sempre saudável. A saúde estaria na flexibilidade, na possibilidade de sair desses estados, sem a pessoa ter que permanecer eternamente presa aos mesmos. Ele é bastante enfático ao afirmar que devemos deixar de lado os ideais de saúde absoluta. Ao que nos parece, com o desenvolvimento das atividades do OIRC, Reich vai suavizando suas exigências quanto a uma saúde plena. Isso pôde ser observado na exposição do artigo *Armoring in a newborn infant* (1951/1984d) – *Encourajamento numa criança recém-nascida*.

Um traço bastante presente em seu trabalho é a tentativa de deixar o campo o mais claro possível. Tudo devia ser explicitado. Isso pode ser observado nas reuniões entre os trabalhadores do OIRC, nas quais era enfatizado que as discussões tinham que ser livres e francas. A verdade acima de tudo. Os sentimentos, por mais “inapropriados” que fossem, eram para ser revelados. Para o orgonomista, essa seria a única forma de lidar com os mesmos. Por mais desconfortável que um sentimento fosse, era preferível que ficasse aberto do que oculto.

Além das contribuições diretamente ligadas ao programa em questão, chama nossa atenção a postura ética e coerente de Reich. Sempre autêntico, aproximando teoria e prática, e com seu jeito intenso, envolvido e peculiar, ele traz riquíssimos elementos que podemos transportar para os dias atuais.

Outro ponto interessante é o cuidado com que manuseia suas ações. Cada passo só era dado quando sentia segurança para isso. Reich preocupou-

se em construir um caminho com bases sólidas. Uma característica bastante reichiana, que o acompanhou durante todo seu trajeto, foi o profundo envolvimento do mesmo em seus projetos. Sua forma de lidar com as crianças e o modo como enxerga o ser humano abrem possibilidades interessantes para nossa prática atual.

Meses antes de sua morte, no dia 08 de março de 1957, Reich redigiu seu testamento, o qual intitulou *Last will and testament of Wilhelm Reich – Último desejo e testamento de Wilhelm Reich*. No escrito, fica clara sua preocupação quanto ao cuidado com seus textos. Ele determinou que nada deveria ser alterado e que os mesmos tinham que ser guardados por cinquenta anos após sua morte, para garantir que não fossem deturpados. A justificativa dada por ele foi a seguinte: “Esses documentos são de crucial importância para o futuro das gerações dos que acabam de nascer” (Matthiesen, 2001). Além disso, deixou 80% da renda relativa a ele para o cuidado com bebês, crianças e adolescentes. Em suas palavras:

Os 80% de toda a renda, lucros ou rendimentos devidos a mim e à Fundação provenientes de direitos autorais em instrumentos originários de minhas descobertas serão destinados ao cuidado de crianças em qualquer lugar, para a segurança legal de bebês, crianças e adolescentes com dificuldade emocional, social, parental, médica, legal, educacional, profissional ou outra (Matthiesen, 2001).

Mesmo com o fim do OIRC, fica claro que até o final de sua vida, Reich preocupava-se com o bem estar das gerações futuras.

## REFERÊNCIAS<sup>1</sup>

- Albertini, P. (1994). *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora.
- Albertini, P. (2012). Wilhelm Reich: a ciência como militância. In J. Almeida & W. Bader (Org.), *Pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil* (vol. 2, pp. 11-35). São Paulo: Goethe-Institut/Cosacnaify.
- Albertini, P., & Freitas, L. (Org.). (2009). *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Ávila, D., & Albertini, P. (2008). Nota introdutória. *Transformações em Psicologia*, 1, 102-103.
- Ávila, D. (2010). *Reich, Espinosa e a educação*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bedani, A., & Albertini, P. (2006). Política e sexualidade na trajetória de Reich: Viena (1927-1930). *Encontro: Revista de Psicologia*, 11(14), 62-77.
- Bedani, A., & Albertini, P. (2009a). Reich e a psicanálise: o desencontro. In P. Albertini & L. Freitas (Org.), *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 126-133). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Bedani, A., & Albertini, P. (2009b). Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(2). Disponível em [www.psicologia.ufrj.br/abp/](http://www.psicologia.ufrj.br/abp/)
- Beverley, P. (Org.). (1982). *Record of a friendship: the correspondence between Wilhelm Reich and A. S. Neill 1936-1957*. London: Victor Gollancz Ltd.
- Boadella, D. (1985). *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1973).

---

<sup>1</sup> De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.



- Câmara, M. (2009). Wilhelm Reich: dados biográficos e orientações básicas. In P. Albertini & L. Freitas (Org.), *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 97-107). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Daudon, R. (1991). *Cem flores para Wilhelm Reich*. São Paulo: Moraes. (Trabalho original publicado em 1975).
- Freud, S. (2006). Mal estar na civilização. In *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., vol. 21, pp.67-153). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Higgins, M., & Raphael, C. (Org.). (1979). *Reich fala de Freud*. Lisboa: Moraes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Maluf Jr, N. (2009). Reich e a orgonomia. In P. Albertini & L. Freitas (Org.), *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 158-173). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Matthiesen, S. (2001). Último Desejo e Testamento de Wilhelm Reich. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3). Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br)
- Matthiesen, S. (2005). *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Matthiesen, S. (2007). *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume.
- Reich, E., & Zornànszky, E. (1998). *Energia vital pela bioenergética suave*. São Paulo: Summus.
- Reich, I. (1969). *Wilhelm Reich: a personal biography*. London: Elek Books Limited.
- Reich, W. (1975a). Libidinal conflicts and delusions in Ibsen's Peer Gynt. In W. Reich, *Early writings* (Vol. 1, pp. 3-64). New York: Farrar Straus Giroux.

Reich, W. (1975b). On genitality: from the standpoint of psychoanalytic prognosis and therapy. In W. Reich, *Early writings* (Vol. 1, pp. 158-179). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1924).

Reich, W. (1975c). *Early writings* (Vol. 1). New York: Farrar Straus Giroux.

Reich, W. (1976). *People in trouble: volume two of the emotional plague of mankind*. New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1953).

Reich, W. (1977). *Materialismo dialético e psicanálise*. Lisboa: Presença. (Trabalho original publicado em 1929).

Reich, W. (1984a). Concerning childhood masturbation. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 140-145). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1928).

Reich, W. (1984b). Falling anxiety in a three-week-old infant. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 114-135). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1945).

Reich, W. (1984c). Children of the future. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 5-21). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1950).

Reich, W. (1984d). Armoring in a newborn infant. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 89-113). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1951).

Reich, W. (1984e). The source of the human "no". In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 3-4). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1967).

Reich, W. (1984f). *Children of the future: on the prevention of sexual pathology*. New York: Farrar Straus Giroux.

- Reich, W. (1984g). Maltreatment of infants. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 136-139). New York: Farrar Straus Giroux.
- Reich, W. (1984h). Meeting the emotional plague. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 71-88). New York: Farrar Straus Giroux.
- Reich, W. (1984i). Orgonomic first aid for children. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 64-70). New York: Farrar Straus Giroux.
- Reich, W. (1984j). Problems of healthy children during the first puberty (ages three to six). In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 22-63). New York: Farrar Straus Giroux.
- Reich, W. (1995). *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1942).
- Reich, W. (1996). *Paixão de juventude: uma autobiografia*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1988).
- Reich, W. (2001). *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (2004a). *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (2004b) Contato psíquico e corrente vegetativa. In W. Reich, *Análise do caráter* (pp. 267-327). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1935).
- Reich, W. (2004c). A peste emocional. In W. Reich, *Análise do caráter* (pp. 461-491). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Reich, W. (2004d). A linguagem expressiva da vida. In W. Reich, *Análise do caráter* (pp. 329-366). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949).

- Reich, W. (2008). A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil. (D. Ávila & P. Albertini, nota introdutória e tradução). In *Transformações em Psicologia*, 1, 102-111. (Trabalho original publicado em 1927).
- Reich, W. (2009a). Angústia de cair em um bebê de três semanas. In W. Reich, *A biopatia do câncer* (pp. 393-411). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Reich, W. (2009b). Anorgonia na biopatia carcinomatosa de encolhimento. In W. Reich, *A biopatia do câncer* (pp. 353-411). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Reich, W. (2009c). *A biopatia do câncer*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1948).
- Sampaio, Z. (2007). *Educação e liberdade em Wilhelm Reich*. São Paulo: Perspectiva.
- Sharaf, M. (1983). *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich*. New York: Hutchinson & Co.
- Wagner, C. (1996). *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus.